

Introdução

Da Tradução do Latim ao Castellanho

Aqui, amado leitor, te apresento o Livro da Instituição dos Primeiros Monges e a Carta de São Cirilo Constatinopolitano, traduzidos ao castellanho.

Esta tradução é, em meu propósito, de divulgação. Terás ouvido falar muito do Livro da Instituição dos Primeiros Monges e a experiência me tem ensinado que são poucos os que o leram nem mesmos os estudiosos fora de uns quantos especializados.

São escassas em demasia as edições deste Livro e todas bastante antigas e estão em livros ou não manejáveis ou que se encontram em poucas bibliotecas e isto faz que sejam tão poucos os que o tem lido.

Me pareceu conveniente por ao alcance de todos os Carmelitas numa edição muito manual e traduzido ao castellanho, porque ignoro se têm traduzido a alguma língua moderna, e hoje se preferem as línguas modernas às mortas.

É livro de divulgação, não de polêmica, nem ainda pretendo fazer aqui estudo histórico, nem da obra nem do Autor; só uma simples apresentação e recordar sua influência na formação dos Carmelitas e em sua doutrina espiritual.

Os críticos sabem muitas coisas e escrevem todavia muito mais do que sabem, não sei se para que creiamos nós o que eles ignoram, porém não dizem.

Muitos escreveram sobre este Livro e mais ainda sobre seu Autor nos séculos passados. Embrulharam bastante a história e a obscureceram; não sei se chegaram a esclarecer algo. Hoje não temos forças nem para ler os que eles escreveram. Quiçá tampouco leram eles mesmos o que escreveram. Escreviam para os demais. As provas de suas novidades talvez se lhes perderam entre os apontamentos. Eu prescindo das novidades e direi o que parece seguro da doutrina e só aludirei à história como nos a expõe a tradição.

É opinião de todos os Carmelitas, mesmo dos modernos, que desde que se escreveu o Livro, serviu como Regra para toda a Ordem, sobre tudo na formação espiritual e na doutrina ascética. Era uma Regra não precisa e preceptiva, senão exortativa e expositiva e como tal se teve até que Santo Alberto de Jerusalém escreveu a atual, fundada no mesmo Livro, porém já preceptiva e concreta.



O Padre Crisógono disse ao estudar as fontes de São João da Cruz: “Pode-se afirmar desde logo que São João da Cruz o leu e tornou a ler muitas vezes. É o Livro de João de Jerusalém – como o sabemos – a autêntica expressão do primitivo espírito do Carmelo”.

“A Ordem o olhou sempre com a veneração que a uma Regra explicada, e pelos dias do século XVI devia andar nas mãos dos Noviços Carmelitas” (Padre Crisógono).

Este mesmo ensinamento nos dá o Padre Gabriel Wessels dizendo: “A Regra de João 44, em seu ensinamento ascético teve uma influência imensa na Ordem. Antes do século XVII era principal livro de que se serviam os religiosos Carmelitas para fazerem sua leitura espiritual, em especial desde que se imprimiu no ano 1507. todos os consideravam como a Regra antiga da Ordem. Seu influxo se fez sentir na doutrina de Santa Teresa e de São João da Cruz, como também em Miguel de Santo Agostinho, no Diretório de Noviços e em outros livros de ascética” (Frei Gabriel Wessels).

O Padre Tomás de Jesus nos diz também: “Da Regra que dirigiu aos Carmelitas desde o ano 400 da Encarnação, até em 1171... Convém fazer notar que João neste seu *Livro da Instituição*, fez uma Regra formada em parte da história dos Padres antigos que desde o tempo de Elias viveram no Carmelo e em parte dos ensinamentos e avisos da Sagrada Escritura combinados por seu próprio estilo...

Escreveu esta Regra em Grego e os Carmelitas a tinham por regulamento e por norma espiritual até Aymérico, Patriarca de Antioquia. Aymérico a fez traduzir do grego ao latim e continuou sendo a Regra até que, no ano 1171, Alberto, Patriarca de Jerusalém, lhes deu a nova Regra (Padre Frei Tomás de Jesus, OCD).

Hoje são muito poucos os que tem lido o livro de João de Jerusalém, nem é fácil encontrar-lhe; por isso me movi a traduzi-lo e por em estilo manejável, para que todos possam facilmente conhecer-lhe.

A doutrina é muito formosa e serviu de fundamento a nossa espiritualidade, como dizia o Padre Crisógono, em suas bases especiais. Em várias passagens me fez recordar, ao traduzir-lhe, alguns de Nosso Padre São João da Cruz, muito poucos certamente. É indiscutível para qualquer um que tenha visto algo dos primeiros Padres da Reforma, que lhe usaram muito e mais ainda antes da reforma. Para torná-lo mais acessível o imprimiu em tomo de fácil manejo o Padre Tomás de Jesus no livro que acabo de citar.



Literariamente falando é de pouco mérito: tem muitas repetições para dizer o mesmo em algumas frases do que narra ou explica. Procurei conservar na tradução, quase todas as repetições e em geral está feita a versão muito à letra, exceto algum capítulo, mesmo sabendo que teria ganhado muito com uma tradução mais livre.

Não se citam em todo o livro outros autores nem autoridades que as da Sagrada Escritura. Estas citações sim, são também abundantes; umas literalmente e outras no sentido. Para a tradução da Bíblia uso a de Amat.

O livro se escreveu em grego, como nos dizia o Padre Tomás de Jesus e na *Carta de São Cirilo* se nos diz porque Aymérico mandou traduzi-la ao latim. Hoje não conhecemos o texto grego.

A importância para nossa história de Carmelitas, é muito grande. Os primitivos Carmelitas desde os mais remotos tempos em que foram instituídos, formavam seu espírito lendo a Sagrada Escritura; logo encontravam o resumo da doutrina espiritual necessária para sua santificação, este livro era sua norma de vida em tudo; por isso continuamente o usavam. Dele extraiu a nova Regra mais compendiosa e precisa Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, a qual dura até nossos dias, pois por ela se rege atualmente nossa vida de Carmelitas.

A Tradição da Ordem nos ensinou que o Autor deste livro era João, Bispo 44 de Jerusalém, cujo nome próprio era João Nepote Silvano.

Segundo esta Tradição João foi monge do Monte Carmelo, e muito jovem, aos trinta anos, lhe nomearam Bispo de Jerusalém. Viveu em fins do século IV, na mesma época de São Jerônimo, de Santo Epifânio e do historiador Rufino, com quem teve relações.

Caprásio, monge como ele no Carmelo, lhe suplicou que escrevesse em um livro tudo quanto lhes havia ensinado de palavra sobre o princípio de sua fundação e o espírito e método de vida que deviam observar e João lhe presenteou com este livro.

Isto o sabíamos pela Tradição e o Padre Tomás de Jesus o narra como uma história certíssima e na qual ninguém duvida. Mais tarde, a crítica pôs muitos reparos tanto sobre o Autor, como sobre o tempo em que escreveu; pôs reparos, porém não soube provar que não o escreveu João de Jerusalém e que não pudesse ser escrito nesse tempo; só amontoou dificuldades, e formulou hipóteses menos certas que a verdade que negavam.



O Padre Florêncio na história de *O Monte Carmelo*, recolhe as dificuldades e dá as soluções e recopila tudo que se escreveu até os últimos tempos. O leitor que queira informar-se melhor, ali o encontrará exposto com sã critério.

Eu apresento o livro tal como é. Cada leitor pensará como melhor lhe pareça; o simples o receberá com simplicidade; o crítico acaso com certa prevenção; porém todos podem já ler e conhecer-lhe, é o que eu pretendo. Outros farão uma tradução mais elegante e não tão à letra, todos poderão aproveitar-se de sua doutrina.

É certo com toda a certeza histórica que já estava escrito pelos anos 1150.

Para a Tradução segui o texto do Padre Pedro Wastel; é o mais correto. Na divisão de capítulos e nos epígrafes dos mesmos, segui ao Padre Tomás de Jesus. A mesma divisão de capítulos, porém sem epígrafes, traz a Biblioteca Veterum Patrum.

O Padre Florêncio traz um formoso e compendioso resumo do conteúdo do livro. Eu traduzo o que fez o Padre Tomás de Jesus em sua edição e o ponho antes de começar o texto do mesmo livro.

Com a continuação me pareceu conveniente traduzir também *A Carta de São Cirilo Constantinopolitano*, porque ainda que a publicou em *Analecta Carmelitarum*, o Padre Gabriel Wessels, não é tampouco muito lida e principalmente porque nos explica algo do mesmo Livro de João de Jerusalém e nos fala do hábito e dos sofrimentos debaixo do domínio dos Sarracenos.

Sabemos que São Cirilo foi Terceiro Geral latino dos Carmelitas no Monte Carmelo e imediato sucessor de São Brocardo. Sua morte aconteceu no ano 1234. Para mais dados veja-se também *O Monte Carmelo* do Padre Florêncio do Menino Jesus.

Recebei, amadíssimos Carmelitas, com o afeto com que o fiz, pois só para vós o faço.

Madrid 24 de Novembro, festa de Nosso Padre São João da Cruz de 1958.

/



Argumento da Regra e Instituição de João

João estuda neste livro o princípio e origem da Ordem dos Carmelitas e começa por Elias, que foi o Fundador desta Religião, expondo em que tempo viveu aquele Grande Profeta, de quem nasceu, de onde era e os principais lugares onde viveu.

Logo explica que modo de vida observou, e dispôs que observassem seus sucessores.

Continua dizendo os lugares onde viveram no princípio os que abraçaram esta Religião e como observavam ali sua vida segundo o que Elias lhes ensinava; da subida de Elias ao Paraíso e de Eliseu seu sucessor na profissão da Vida Monástica.

Chegando o tempo da Igreja Cristã Primitiva, trata do tempo em que estes Monges foram batizados e conheceram a verdade evangélica.

Por último dá a razão porque se honra a Ordem do Carmelo em chamar-se Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria e porque se veste a capa branca, o báculo, correia e escapulário.

Este livro contém os fundamentos monásticos e está cheio de outros sublimes ensinamentos fundamentais, tirados da Sagrada Escritura, da vida de Santo Elias e de seu exemplo.

O autor abunda tanto nos sentidos alegóricos e nas interpretações místicas que com Genádio podemos dizer dele: seguiu não a Doutrina, senão o gênio de Orígenes.

/

Capítulo I

Liber Institutionis Primum Monachorum



Com muito justa razão me pedes antes de tudo, amadíssimo Caprásio, que te diga o princípio desta Ordem, como nasceu e onde teve sua origem.

E ainda quanto a verdade desta vida que vou referir-te só a temos recebido pela tradição e a experiência, e só a possam expor com toda claridade e verdade os que a tem vivido, e tu mesmo não chegarás a compreendê-la bem até que com muito esforço e interesse a tenhas procurado estudar e viver, te será, todavia, mas fácil e de maior utilidade conhecer a doutrina da profissão que tens abraçado e te animarás a vivê-la com maior esmero e exortarás com mais proveito aos demais para que a abracem, quando conheças a grandeza de seus autores e fundadores e saibas como foi a origem desta Ordem.

E para proceder com método, começaremos dizendo algumas informações do Primeiro Fundador desta religião e do princípio de sua fundação. Depois narraremos alguns santos feitos de sua vida, suas excelsas virtudes e descreveremos o vestido ou Hábito que cobria seu corpo.

Trataremos muito brevemente da pessoa do Fundador, de seus primeiros discípulos, e dos demais Monges antigos que professaram esta religião; o trataremos do mesmo modo que o entenderam e viveram quantos nesta Ordem, passaram sua vida antes que nós, e no-lo ensinaram com suas palavras e com seus exemplos tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Com isso verás quão sólido é o fundamento que para viver este modo de vida temos nesta religião ensinado por Santos tão preclaros e com quanta segurança para a alma podemos continuar vivendo este modo de viver; pois não dirigimos a Deus nossos passos e nossos corações guiados por novidades inventadas nem por fábulas, senão pelos primeiros e aprovados exemplos de toda a vida monástica, e preparamos e aplainamos o caminho por onde o Senhor há de vir a nossa alma, para que *quando chegar e chamar, saíamos em seguida a abrir-lhe* (Lc 12,36), pois nos disse: *Eis que estou à porta (do seu coração), e bato. Se alguém ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei nele, e cearei com ele e ele comigo* (Apc 3,20).

Sabes, e recorda-o agora, que desde que o tempo em que o rei de Israel Acab, até a Encarnação de Jesus Cristo, transcorreram quase noventa e quatro décadas de anos. Acab, como nos dizem os sagrados



historiadores, começou a reinar nessas décadas anteriores à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois durante o reinado deste Acab, rei de Israel e em seu domínio, viveu um grande Profeta, chamado Elias, nascido em Tésbis, na região de Galaad, pertencente à tribo de Aarão e filho de Sabaco. Por ser natural de Tésbis, Elias era conhecido com o nome de Tesbita.

Elias habitou mais tarde na cidade de Galaad assim chamada pelo monte em que ela está situada, como se chamou também Galaad a região que está na outra parte do Jordão, porém vizinha com o monte e que tocou em sorte à tribo de Manasés.

/

Capítulo II

Elias o primeiro monge, institui a vida monástica por inspiração de Deus. Do retiro de Elias no deserto. Do duplo fim da vida eremítica e da renúncia dos bens terrenos

Liber Institutionis Primum Monachorum



Este Elias, Profeta de Deus, foi o primeiro de todos os monges que têm existido e nele teve princípio a santa e gloriosa instituição monacal.

Com a ânsia que sentia pela divina contemplação e o veemente desejo de adiantar-se na virtude, se foi para longe das cidades e despojando-se de todos os interesses terrenos e mundanos, se propôs começar a viver a Vida Eremítica, Religiosa e Profética, consagrando-se a ela, como nenhum até então, o havia feito, e com a inspiração e impulso do Espírito Santo, começou a vivê-la e a instituíu.

Porque aparecendo-lhe o Senhor, lhe mandou fugisse dos povoados dos homens e se escondesse das gentes no deserto e vivesse daí em diante a Vida Monástica do modo que a havia inspirado.

Isto se prova claramente com as Palavras da Sagrada Escritura. Referindo-se a isto lemos no Livro dos Reis: “*E dirigiu o Senhor a Sua palavra a Elias dizendo: Retira-te daqui e vai para a banda do oriente, e esconde-te junto da Torrente de Carit, que está defronte do Jordão. E lá beberás da Torrente; e Eu mandei aos corvos que te sustentem ali mesmo*” (III Reis 17,2-4).

O Espírito Santo pôs em Elias um veemente desejo de executar o tão santo e tão conveniente mandato que lhe havia inspirado, e o escolheu e fortaleceu para que pusesse em obras tão desejadas promessas.

Os religiosos Monges Eremitas tanto mais devemos meditar cada uma destas palavras, não só no sentido literal histórico, senão no místico principalmente, e com tanta maior solícitude, quanto que nelas se encerra mais perfeita a Instituição, isto é: o modo de vida para chegar à perfeição profética e ao fim da vida religiosa eremítica.

Esta vida de perfeição religiosa encerra dois fins: um podemos nós com nossos esforços e o exercício das virtudes, ajudados da Divina Graça, consegui-lo. Este fim consiste em oferecer a Deus o coração santo e limpo de toda a atual mancha de pecado.

Conseguimos este fim quando somos já perfeitos e estamos em Carit, ou seja: quando nos temo-nos escondido naquela caridade da qual disse o Sábio: “*A caridade cobre todas as faltas*” (Prov X, 12). Mostrando o Senhor a Elias que queria chegasse a este fim da caridade lhe disse: *Te esconderás na Torrente de Carit.*



O outro fim da vida santa eremítica é dom totalmente gratuito de Deus e que Ele comunica à alma. Consiste em que não só depois da morte, senão ainda nesta vida mortal, dá já a saborear no afeto do amor e no gozo da luz do entendimento, algo sobrenatural do poder da Presença de Deus e do deleite da Eterna Glória. Isto quer significar beber da torrente da delícia Divina. Deus prometeu este fim a Elias ao dizer-lhe: *E aí beberás da Torrente.*

Para conseguir estes dois fins há de abraçar o monge a vida profética e eremítica como o disse o Profeta: *Nesta terra deserta, intransitável e sem água, me ponho em Tua Presença, como se me achara no Santuário para contemplar teu poder e tua glória* (Sl 62,2-3).

Pelo mesmo que escolheu viver na terra deserta, intransitável e sem água, para apresentar-se deste modo como num santuário diante do Senhor, que é o coração limpo de pecado, assinala o primeiro fim da vida solitária escolhida, que é oferecer a Deus o coração santo e limpo de todo pecado atual.

No que continua: *Para contemplar teu poder e tua glória*, claramente expressa o segundo fim da vida eremítica, e dissemos que consistia em experimentar de alguma maneira nesta vida ou ver misticamente dentro da alma algo do poder da Divina Presença e saborear a doçura da Eterna Glória.

+ + +

O primeiro fim, que é o coração limpo, se alcança pelo esforço e a prática das virtudes, ajudados da Divina Graça. O segundo se chega pelo amor perfeito e pela pureza de coração; quer dizer: se chega a saborear deleitosamente algo de uma tão alta notícia de Deus e da celestial glória segundo o disse o Senhor: *O que Me ama, será amado por meu Pai, e Eu o amarei e Eu mesmo me manifestarei a ele* (Jo. XIV, 21).

Pois segundo as palavras que até aqui temos copiado, Deus disse a Elias para ensinar-lhe a Ele como a primeira e principal cabeça de todos os monges e nele persuadir-nos a todos quantos nos propomos imitar-lhe: *Que sejamos perfeitos, assim como nosso Pai Celestial é perfeito* (Mt V, 48); e, sobretudo *mantende a caridade, a qual é o vínculo da perfeição* (I Cor III, 14).

Para que cheguemos a obter os dons da perfeição aconselhada e a gozar da visão de glória prometida a Elias pelo Senhor nas palavras



citadas, esforcemo-nos com atenta diligência por entendê-las com precisão e logo colocá-las por obra.

Quando o Senhor fala a Elias, diz a qualquer religioso eremita do Antigo o Novo Testamento: *Sai daqui*, isto é: das coisas mundanas e transitórias, *e vai até o oriente*, isto é: dirige tua guerra até a nativa concupiscência de teu corpo, *e esconde-te na Torrente de Carit*: não vivas nas cidades entre as pessoas, senão, *enfrente ao Jordão*, que é viver separado dos pecados pela caridade.

Subindo por esses quatro graus chegarás até o cume da perfeição profética *e ali beberás da Torrente*. E para que não te falte a perseverança nesse modo de viver, *ordenei aos corvos que te levem ali de comer*.

Compreenderás isto com maior claridade quando o explique ordenadamente expondo frase por frase.

/

Capítulo III

*Do primeiro grau da perfeição monástica, ou seja: da renúncia de bens
e do afastamento da pátria e da família*



Agora te aconselho estudares estes graus por ordem e discorras sobre cada um deles.

O primeiro que te disse em minha disposição foi: *Sai daqui, ou seja: sai da casa de tua terra, e de tua parentela e da casa de teu pai (Gn XII, 1)*, não só com a intenção cuidando de que teu coração não ponha seu afeto nos bens materiais de tua família, nem nas riquezas perecedouras deste mundo, senão que saias de fato desfazendo-te dos bens que possuas, porque *qualquer de vós, que não renuncia tudo o que possui, não pode ser meu discípulo (Lc XIV, 33)*.

Pois se a possessão da riquezas não fecha a porta do Celestial Reino ao rico enquanto não ponhas nas riquezas o coração, como nos disse o Sábio: *Bem-aventurado o rico que é encontrado sem culpa e que não anda atrás do ouro, nem põe sua esperança no dinheiro e nos tesouros (Eclo XXXI,8)*; mas com o que o mesmo Sábio continuou dizendo: *Quem é este e o elogiaremos?* Nos ensinou claríssimamente quão difícil é encontrar um homem, que possuindo riquezas não tenhas o afeto de seu coração nelas, é que o coração do homem se apega facilmente ao que ordinariamente trás gosto.

Enquanto se possuem as riquezas, elas mesmas aumentam no coração a chama e produzem uma nova ânsia mais veemente como também o disse o Sábio: *O rico está tão repleto de manjares que não pode dormir (Ecle V,11)*.

Fatigado no inútil amor das riquezas que possui, vendo-se forçado a administrar os muitos bens, se sente continuamente afligido debaixo do peso de incessantes cuidados, os quais lhe barram o passo para que não possa nem sequer ter desejos de cumprir os preceitos do Senhor. *Os cuidados do século, e a ilusão das riquezas e os demais apetites desordenados a que dão entrada, afogam a Palavra Divina e vêm a ficar sem fruto (Mc IV,19); por isso dificilmente entrará o rico no Reino do Céu (Mt XIX,23)*.

Pois, filho meu, se tu queres ser perfeito e chegar a viver bem o fim da vida monástica eremítica, e ali beber da Torrente, sai daqui, ou seja: afasta-te das coisas perecedouras deste mundo deixando de coração e por obra todos os teus bens terrenos e até o poder de tê-los, por Meu Amor. Porque este é o caminho mais fácil e mais seguro para caminhar à perfeição profética e também para chegar ao Reino dos Céus. *Todo o que tiver deixado casa ou irmãos, ou pai, ou esposa, ou filhos, ou heranças por causa de Meu Nome, receberá cem vezes mais em bens mais sólidos (Mt XIX, 29)*, saboreando já nesta vida de antemão da suavidade de



minha doçura, cem vezes muito superiores às doçuras terrenas e logo possuirás a Vida Eterna.

Muito brevemente tens ouvido aqui o primeiro grau, pelo qual poderás subir ao cume da perfeição profética.

/

Capítulo IV

Segundo grau da perfeição monástica. Da renúncia da própria vontade e de sujeitar as inclinações da carne

Escuta agora a explicação do segundo grau.
 Continuo minha exortação dizendo-te: E encaminha-te até (contra) o oriente; que é dizer: luta por fazer a desordenada inclinação de tua natural concupiscência carnal.

Liber Institutionis Primum Monachorum



Porque deve ter presente que *no dia de teu nascimento não te arrancou a raiz do pecado (Ez XVI, 4), e nasceste todo envolto no pecado (Jo IX,34)*, como de toda pessoa que nasce de homem e mulher disse o Profeta: *Olha que fui concebido em iniquidade e que minha mãe me concebeu em pecado (Sl L,7)*.

Deste pecado original é que nasce todo homem, procede que *a carne tem desejos contrários aos do espírito (Gl V, 17)*. O Apóstolo diz: *mas vejo outra lei em meus membros, a qual resiste à lei do meu espírito e me subjugá à lei do pecado que está e meus membros (Rm VII, 23)*.

Esta lei do pecado *é a porta larga* pela qual entra o que consente no pecado e é o *caminho espaçoso* por onde vai o homem quando vive segundo sua concupiscência, que conduz à perdição, *sendo muitos os que entram por ela (Mt VII,13)*.

Mas ao que se oferece ao serviço de Deus lhe convêm *abster-se dos desejos carnis, que combatem contra a alma (I Pd II, 11)* e permanecer na justiça e temor de Deus, preparando sua alma não para o descanso e o regalo, senão para a tentação e para a angustia, *pois é necessário passar por meio de muitas tribulações para entrar no Reino de Deus (At XIV, 21)*, porque *apertada é a porta estreita a senda que conduz à Vida Eterna e poucos os que entram por ela (Mt VII, 14)* já que são poucos os escolhidos e pequeno o rebanho o qual se compraz Meu Pai celestial de dar-lhe o Reino dos Céus.

Pois, filho meu; se tu queres ser perfeito e chegar a conseguir o fim da perfeição profética e eremítica, e ali beber da Torrente, *caminha até o oriente*, ou seja: luta contra a natural concupiscência ou contra os apetites contrários de tua carne *e não reine o pecado em vosso corpo mortal de modo que obedeça às suas concupiscências (Rm VI, 12)*: *Porque conheço e sei reservar os maus para os tormentos do dia do juízo: e, mormente aqueles, que para satisfazer seus impuros desejos, seguem a concupiscência da carne e desprezam a Soberania (de Cristo). Não te deixes arrastar por tuas paixões e aparta-te de teu próprio querer (Eclo XVIII, 30)*, prescindindo totalmente dele e entrega-te a reta vontade do Superior submetendo-te humildemente por Meu Amor até a morte.

Não é o discípulo maior que o Mestre (Mt X, 24); mas o discípulo que é como o mestre, é perfeito. Eu o Senhor e Mestre dos Profetas descí do Céu não para fazer minha vontade, mas a Vontade do Pai, que Me enviou (Jo VI, 38), e Me fiz obediente até a morte e morte de cruz (Fl II, 8). Por isso, *se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo,*



carregue a sua cruz e siga-me (Mt XVI, 24), e o que não carrega sua cruz e me segue, tampouco pode ser meu discípulo(Lc XIV, 27).

Se queres, pois, caminhar até o oriente, ou seja: contra a natural concupiscência de tua carne para vir após Mim, escuta como tens que levar tua cruz. O que está encravado na cruz, não pode mover seus membros, nem ainda dar voltas segundo desejos, senão que há de estar necessariamente fixo e imóvel onde lhe encravou e como lhe encravou o crucificador; deste mesmo modo hás de permanecer tu encravado e te hás de negar a ti mesmo sem que escolhas tua vontade o que no presente te agrada ou deleita, senão que hás de abraçar com toda a tua vontade o que a Minha dispõe de ti *e todo o tempo que na terra viveres vivas não conforme as paixões humanas, senão conforme a vontade de Deus (I Pd IV, 2).*

E como o que está encravado na cruz, não se detém a contemplar o que está diante de seus olhos, nem trás à memória o passado, nem se preocupa como viverá o dia de amanhã; não lhe move a sensualidade da carne, nem lhe envaidece nem lhe excita a soberba, nem o menosprezo, nem a vingança nem a inveja, senão que ainda respirando seu corpo, se considera ele morto ao mundo e só fixa sua atenção onde sabe com certeza que em seguida chegará; assim tu, encravado com o santo Temor de Deus, deves estar morto a quanto acabo de dizer-te, e deves ter fixa tua atenção aonde em cada instante esperas que vais entrar.

Caminha, pois, como se te indica, *até o oriente*, ou seja: a desfazer a nativa concupiscência de teu corpo. Por isso *os que são de Cristo têm crucificada a sua própria carne com os vícios e paixões (Gl V, 24) levando sempre manifestada em seu corpo por todas as partes a mortificação de Jesus a fim de que a vida de Jesus se manifeste também em seus corpos (II Coríntios IV, 10)* e quando chegue a transformar-se na vida de Cristo, irás por ela à posse da glória sobrenatural como o disse o Apóstolo: *mortos estais e vossa nova vida está escondida com Cristo em Deus. Quando aparecer Cristo, que é vossa vida, então vós também aparecereis com Ele gloriosos (Cl III, 3-4).*

Aqui está como muito brevemente coloquei diante de tua consideração o segundo grau por onde hás de subir ao cume da perfeição profética.



/

Capítulo V

Terceiro grau da perfeição monástica, ou seja: da castidade e da solidão em que deve viver o monge

Agora procura compreender bem o terceiro grau. Em minha exortação se continua dizendo: *e esconde-te na Torrente de Carit*. Não quero que daqui por diante convivas com as gentes da cidade, *pois vejo que a cidade está cheia de iniquidade e discórdia. Dia e noite dão voltas sobre seus muros a iniquidade. No meio dela habita a opressão e a injustiça; não se apartam de suas praças a usura e a fraude (Sl LIV, 10-12)*.

E porque é necessário evitar tudo isso, o Profeta que te é dado por modelo, escolheu viver no deserto e não na cidade. Disse: *Olha como me afastei fugindo e permaneci em solidão (Sl LIV, 8)*. E o Sábio diz: *Guarda-te de encontrar a multidão na cidade, e não te metas no tumulto do povo. Não acumules pecado sobre pecado; porque nem ainda um só ficará sem castigo (Eclo VII, 7-8)*. Como segundo o Sábio vivendo em



monos (ou seja, só ou único) não te verás livre de pecado, deves temer e chorar em solidão, e isto é cumprir com a obrigação do monge. *Monos* em grego significa único ou sozinho; *Ajros* em grego significa triste, daqui procede a palavra monge, que é igual a *sozinho* e *triste*, e que há de chorar em solidão seus pecados e os alheios e se te dá que escolhas isso o que seja teu trato com as gentes da cidade.

Pois se, segundo nos diz o Sábio, vivendo único, que é sozinho, em solidão, ainda não poderás ver-te livre do pecado, quanto mais, continua dizendo, acumularás pecado sobre pecado se vives no meio das gentes e aumentarás em dobro os pecados. E por isso te convêm tremer e chorar mais largamente.

Retira-te, pois, das afluências das gentes, não aconteça que vivendo na cidade te vejas forçado a fazer voluntariamente o que não necessitava teu natural; tal seria que te irritasses pela ira do outro, ou tenhas que suportar as lutas de outro, ou seja, ocasião de tua queda o olhar da mulher desenvolta, ou te atraia a abraços ilícitos a beleza encantadora de um corpo, ou te sujeitem os laços da avareza ou de outros vícios; de tudo isso se vê livre o que vive em solidão. *Quem deixou em liberdade o onagro (asno selvagem) e quem soltou suas ataduras, senão o que lhe deu casa no deserto e albergue em uma terra estéril? Por isso despreza o gentio as cidades; não ouve os gritos do amo duro (Jó XXXIX, 5).*

O asno é um animal, que gosta da solidão, e é figura do solitário, que afastado das gentes das cidades, conversa amorosamente com Deus, e Deus rompe os laços dos pecados do solitário e lhe perdoa tirando-lhe da escravidão do mal, *quando escolhe por morada a solidão e por albergue a terra estéril*, na qual cresce a sede, para que sinta a sede da justiça da Pátria celestial. Pois *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mt V, 6).*

Pois, filho meu, se tu queres ser perfeito e conseguir o fim da vida monástica e eremítica, e ali beber da Torrente, esconde-te na Torrente de Carit, guardando silêncio em solidão recôndita.

Conhecendo tua fragilidade e o quebradiço do vaso que levas, deves ter medo de tropeçar na cidade e a chocar e então talvez caias e te partes. *Senta-te, pois, só e calado porque bom é aguardar em silêncio a salvação que vem de Deus (Lm 3,26).*

Pelo mesmo *esconde-te na Torrente de Carit*, que significa *separação*, porque é de suma conveniência para alcançares a perfeição profética, que está escondido e afastado do trato com homens, que não te



unas à mulher como refúgio. *Coisa louvável é o homem não tocar a mulher (I Cor VII, 1); para o demais eu digo isso para o proveito teu... E somente para exortar-vos ao mais louvável, ao que facilita para servir a Deus sem nenhum embaraço (I Cor VII, 35).*

É conveniente para ti se separar dos que te impedem de se entregar totalmente a Deus em vida perfeita.

O cuidado do mundo e o engano das riquezas afogam a palavra de Deus e impedem a alma de amar a Deus com todas as suas forças.

Segundo o Sábio: *os que amam a Deus conservam sua palavra (Eclo II); mas o que vive com mulher, está ocupado com as coisas do mundo e não se determina a entregar-se por completo à perfeita união com Deus. Andar ocupado... em como agradar a mulher; o que não tem mulher, anda unicamente solícito das coisas do Senhor; e o que há de fazer para agradar a Deus (I Cor VII, 26-40). E assim se estas sem mulher não busqueis casar-te; muito feliz serás se permaneceres segundo meu conselho (I Cor VII, 26-40), para que sejas daqueles virgens que se fizeram impotentes pelo Reino dos Céus (Mt XIX, 12).*

Por minha parte lhes darei um lugar distinguido em minha casa, e dentro de meus muros, e um nome mais apreciável do que lhe dariam os filhos e filhas: lhes darei um nome sempiterno que jamais se acabará (Is LVI,5).

Vês como te expliquei o terceiro grau por onde pode chegar ao cume da perfeição profética.



/

Capítulo VI

Quarto grau da perfeição monástica. Da caridade perfeita e da fuga dos vícios

Escuta agora a explicação do quarto grau. Em Minha advertência exortatória se continua dizendo: *A Torrente de Carit está enfrente ao Jordão*. A palavra Jordão significa abaixo deste; pelo mesmo não está fora de sentido dizer que significa pecado. Pode haver algo que faça descer o homem da imagem e semelhança de Deus que tinha, até a miséria e torpeza tanto como o pecado, que é a transgressão dos Mandatos Divinos? No-los afirma o sábio quando no diz: *O pecado faz desventurado os povos (Pr XIV, 34)*: Daqui que Moisés disse ao seu povo quando quebrou os Mandamentos de Deus: *te abaterás e serás inferior*.

Toda a criatura, ainda quando seja limpa ou formosa segundo seu gênero e espécie, quando se a compara com outra superior, parece feia e manchada e como que desce de sua natural formosura; e quando se mescla um objeto precioso com outro inferior, desmerece e perde a formosura, ainda quando o objeto de natureza inferior não se desvalorize



nem enfeie. Assim o ouro perde valor e formosura quando se lhe mescla a prata.

Mas eu, como o disse a Sagrada Escritura, dotei o homem de tão maravilhosa natureza, que lhe constitui rei de todas as criaturas. Quando o homem se apega ao gozo das criaturas, perde de sua dignidade e empequenece seu coração, sem que as criaturas percam a beleza segundo sua espécie. Esta é a razão que moveu a língua do Profeta a dizer dos que põem seu afeto nas coisas criadas: *foi dissipada a soberba do Jordão (Zc XI, 3)*, ou seja: do pecado; porque os homens tanto como desprezando os mandamentos de Deus pelo pecado se envaidecem contra Deus, outro tanto depois decaem por ele no estrago da corrupção e da abominação como o disse o Profeta: *se corromperam e se tornaram abomináveis por seguir suas paixões (Sl XIII, 1. LII, 2)*.

Carit significa separação e por ele com razão entendemos a caridade, é que a Divina Caridade separa o homem do Jordão, ou seja, da caída no pecado.

Se disse aqui que *Carit* ou a Divina Caridade está enfrente ou contra o Jordão, que é contra a caída no pecado, pois segundo nos ensina o Apóstolo: *se um homem estiver dotado de bens sobre todos os demais, se falar todas as línguas e tiver o dom de profecia e dominar toda a ciência; e ainda quando distribua todos os seus bens para sustento dos pobres e entregar seu corpo às chamas, porém se lhe falta a caridade, de nada lhe serve tudo isso (I Cor XIII, 2-3)*, nem passa da morte do pecado à vida da graça, pois *o que não ama permanece na morte (I Jo III, 14)*.

Se afasta o homem desta morte e se transpassa à vida pela caridade divina como o disse o mesmo Apóstolo São João: *Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida porque amamos nossos irmãos (I Jo III, 14)*.

Em verdade *Carit*, ou seja a caridade, está enfrente ou contra o Jordão, ou é oposto à caída no pecado, pois como disse o Sábio: *A caridade cobre todos os pecados (Pr X, 12)*.

Filho meu, se tu queres ser perfeito e chegar ao cume da vida monástica e eremítica e assegurar-te contra o Jordão, que é permanecer oposto à caída no pecado, esconde-te bem em *Carit*, que é no amor de Deus e ali beberás da torrente: *amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração; e com toda a tua alma, e com toda a tua mente (Mt XXII, 37)*. Quando cumprires isso, então serás perfeito e estarás *escondido em Carit, enfrente do Jordão*, que é o amor de Deus. Se recusares fazer isso,



serás um pobre e desgraçado, e não viverás em Carit, senão no Jordão, ou seja, no barranco do pecado.

E se amas alguma coisa mais que a Mim, já não me amas com todo o teu coração, nem estás escondido em Carit no amor perfeito de Deus e por ele não te tens achado digno de ver-Me, *pois quem ama o pai ou a mãe mais que a Mim, não merece ser Meu, e quem ama o filho ou a filha mais que a Mim, tampouco merece ser Meu (Mt XXII, 37).*

E ainda se amas alguma tanto como a Mim, todavia não me amas a Mim com todo o teu coração nem moras em Carit nem no meu Amor; pois se Me amares com todo o teu coração, por muito que te ames a ti mesmo e a todos os demais, anteporias a todas as coisa Meu amor, e expulsarias e até odiarias tudo quanto incite teu coração a apartar-te de meu amor, *porque se algum dos que me seguem não aborrece (não ama menos que a Mim), a seu pai, a sua mãe, a sua mulher e seus irmãos e irmãs e ainda sua própria vida, não pode ser meu discípulo (Lc XIV, 26).*

Mas se me ofereces teu coração com tão grande amor e me entregas a ti esmo com tanta verdade que por amor meu evites e até odeies o que eu quero que se evite e te proíbo, por difícil que te pareça, começarás então a amar-me *com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente*, e a viver em Carit, que é a caridade divina; *pois de verdade me ama o que recebe meus mandamentos e os observa (Jo XIV, 21).*

O primeiro e principal de todos os mandamentos é esse: *Escuta ó Israel. O Senhor Teu Deus é o Único Senhor. Amarás pois, ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todas as tuas potências. Este é o primeiro e principal mandamento (Dt VI, 4-5).*

E como não pode observar-se esse mandamento se não se ama ao próximo, porque *o que não ama seu irmão a quem vê, não é possível que ame a Deus a quem não vê (I Jo IV, 20)*, daqui que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro: *amarás ao teu próximo como a ti mesmo*; ou seja: ama-o no Mesmo e pelo Mesmo que te deves amar a ti; e tu deves amar-te a ti no Bem verdadeiro, não no mal. Se te amares no mal, já não te amarias a ti mesmo, antes te terias ódio; *porque o que ama a maldade odeia a sua própria alma (Sl X, 6).*

Deves, pois, amar a teu próximo como a ti mesmo no Bem, não no mal *para que quanto desejes que te façam os homens, faças tu com eles (Mt VII, 12), e o que aborreças que façam contigo, nunca o faças a outro já que o amor que se tem ao próximo não sofre que se lhe faça dano algum (Rm XIII, 10).*



Deves e amar e portar-te com teu próximo fazendo o que contribua para atraí-lo ao bem, se ainda for mal, e ao que o ajude a perseverar no bem se já é bom.

E a ti deves amar-te não por ti mesmo, senão por Deus; o que se ama por Ele, se ama porque nEle se põe o fim da alegria e da vida bem-aventurada e só a esperança de chegar a consegui-la é já nesta vida grandioso consolo. Nem em ti nem em homem algum deves por tua esperança de vida feliz: *porque maldito seja o homem, que confia noutra homem, e não em Deus e se apóia em braço de carne miserável e aparta do Senhor seu coração (Jr XVII, 5).*

Hás de por em Deus o fim de tua alegria e a segurança de tua vida bem-aventurada como nos disse o Apóstolo: *Agora, havendo ficado livres do pecado, e feitos servos de Deus, colheis por vosso fruto a santificação e por fim a vida eterna em Jesus Cristo Nosso Senhor (Rm VI, 22).*

Se o compreendeste bem, vê como deves amar a Deus por Si mesmo; e a ti não por ti mesmo mas por Deus. E estando obrigado a amar ao próximo como a ti mesmo, deves certamente amar-lhe não por ele nem ainda por ti mesmo, senão por Deus. E que outra coisa é isto senão amar a Deus no próximo? O Apóstolo São João nos diz: *Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos (I Jo V, 2).*

Tudo isso o vives em tua intenção se amas a Deus por Deus, e se por amar de Deus, mas ao próximo como a ti mesmo, já que *nestes dois mandamentos está contida a Lei e os Profetas (Mt XXII, 40) e o amor é o cumprimento da Lei (Rm XIII, 10).*

O Apóstolo São Pedro nos exorta a que cumpramos a lei dizendo: *Sobretudo mantende constante a mútua caridade entre vós; porque a caridade cobre uma multidão de pecados (I Pd IV, 8).*

Porém Carit, ou seja tua caridade tanto menos apaga os pecados e está menos oposta ao Jordão, que é apartada da caída no pecado, quanto é menor teu amor a Deus e ao próximo, pois o amor menos intenso merece menor perdão dos pecado como está escrito: *ama menos aquele a quem menos se perdoa (Lc VII, 47);* tanto mais Carit ou teu amor perdoa os pecados e está oposta à caída no pecado, quanto mais amas a s e ao próximo; porque o amor mais intenso merece maior perdão dos pecado, como também está escrito: *porque muito amou lhe são perdoados muitos pecados (Lc VII, 47).*



Eis aqui, que te expliquei o quarto grau, com o qual poderás chegar à Mansão da perfeição profética.

/

Capítulo VII

O caminho para os religiosos alcançarem a perfeita caridade é a pobreza, a castidade, a obediência e fugir de quanto esfria o amor

Só falta agora que te fixes no que há de fazer para chegar por estes quatros graus ao cume da perfeição profética e vivas completamente o fim da vida monástica e eremítica.

Em minha proposta se continua dizendo: *e aí beberás da Torrente*. Olha o que te é muito conveniente segundo o Sábio *nega ao teu corpo o uso do vinho e demais deleites para dedicar teu ânimo à Sabedoria e evitar o erro (Ecle II, 3). Luxuriosa coisa é o vinho, e cheia está de desordens a embriagues. Não é sábio quem a ela se entrega (Pr XX, 1)*.

Para que possas chegar mais facilmente à verdadeira Sabedoria, vivendo em *Carit* te hás de abster de vinho e para apagar tua sede e repor o vigor de teu corpo, beberás ali da Torrente material, ou seja, da água que ali corre. Tem presente como antes que te dissesse: *beberás ali da Torrente*, antepus ensinando-te: *te esconderás na Torrente de Carit*. E advertidamente te antepus, para que possas beber espiritualmente da Torrente, te é necessário viver antes em *Carit*, ou seja: estar escondido na caridade.

Porém não podes estar escondido nesta divina caridade desde o primeiro momento que comesças a vivê-la, pois já esta advertido que não é qualquer amor divino que apaga todas as culpas, senão só o amor perfeito. Ainda quando desde o primeiro momento em que comesças a amar-Me com todo o teu coração já estás vivendo em *Carit*, ou seja, na caridade divina, nem por isso estás já escondido sem interrupção em



Carit, ou na caridade, porque não estas de todo separado da atual concupiscência do pecado, já que não desaparecem em seguida as inclinações ou concupiscências sensuais nem as torpes imaginações quando se há recebido o amor, senão, que, as vezes, se aumentam e se revoltam mais contra ti intentando arrastar teu coração ao proibido, e arrancar-te de novo todo Meu amor. Esta é a causa de que não possas ainda amar-Me de todo o teu coração.

Pois ainda quando teu coração viva habitual e continuamente em meu amor, não podes, todavia, ser perfeitamente atraído para Mim por um atual amor sereno. E para que não voltes a perder este meu amor, te é então necessário esforçar-te para vencer as rebeldes imaginações de torpeza e as sensuais inclinações opostas a meu amor. E ainda quando as vences porque são proibidas ou más, não estarás por isso já escondido em *Carit* ou na caridade divina, pois, todavia ainda não terás conseguido chegar a amar-me com todo o teu coração. Pois há outras muitas coisas lícitas, que Eu nem te hei mandado nem proibido: tais são o matrimônio, as riquezas, os negócios terrenos e outras semelhantes já mencionadas.

Quando te atas e te comprometes com tudo isso, é certo que não arrancam de todo meu amor de teu coração, porém com freqüência te impedem recolher-te em Mim e mesmo lembrar-te de Mim, e apagam o calor de meu amor em teu coração, e quanto menos sejas o fervor que tenhas, tanto mais serás o que te mantém distante de amar-me com todo o teu coração; e quanto menos for teu amor por Mim, tanto menos te hás escondido em *Carit*, ou em meu perfeito amor; e quanto menos estás escondido em meu amor, tanto menos te esmeras em chegar à perfeição profética e viver o fim da vida monástica e eremítica.

Pois, filho meu; para que logo possas chegar a esconder-te em *Carit*, ou na caridade perfeita e chegar ao fim que abraçastes, e ali beber da Torrente, fugi não só de quanto te hei proibido e te separa completamente de mau amor como são as inclinações carnis e as imaginações torpes contrárias ao meu amor casto, mas fugi também de quanto te entorpeça em ti o crescimento de meu amor, como são as que por isso mesmo te hei enumerado: o matrimônio, as riquezas e todos os demais negócios seculares, que inquietam e atam: *Já que nenhum que se alistou na milícia de Deus, deve embarçar-se com negócios do século, a fim de agradar Àquele que lhe alistou (II Tm II, 4).*

Procura com todo o teu esforço viver tudo o que te mova a crescer em meu amor como são os mandamentos de minha lei e tudo o que antes te aconselhei para que te escondas no amor, o qual é abraçar-te com a



pobreza, matar a concupiscência de tua carne, professar obediência e renunciar tua própria vontade, viver em continência e na solidão do deserto.

Se te exercitares tanto em viver meus mandamentos e conselhos que não só tenhas afastado as torpes imaginações e as torcidas inclinações de tua carne, senão tudo quanto te impedir ou retardar a cresceres em meu amor, e escolheres praticar as obras, que o fazem crescer, e com isso chegues a amar-me com tanta veemência e te unas a mim em tudo com tão ardente caridade, que não sintas já em tua alma nenhum desejo contrário a meu amor nem o que te retarde em teu exercício, então será quando comeses a amar-me perfeitamente com todo teu coração e a estar escondido em *Carit*, ou na caridade perfeita e a conseguir o fim que havias abraçado já que *nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de fé não fingida (I Tm I, 5)*.

Tudo que em minha lei te mandei ou aconselhei é para que logo afugentes de ti as torpes imaginações e as concupiscências da carne e do mundo a fim de que teu coração se mantenha totalmente limpo; também para prestes teus serviços em favor do próximo e evites ter encontros com ele e deste modo vivas na paz sem remorsos em tua consciência; também para que ofereças os obséquios devidos à minha honra e assim estejas consagrado a meu serviço com fé não fictícia, mas em toda verdade.

Te recordo todas estas verdades e as aconselho para que brote *de teu coração limpo, de tua consciência boa e de tua fé não fingida* um amor tão incendiado e veemente, que preencha tua alma de paz e serenidade e te unas já totalmente a Mim sem resistência nem cansaço nem sintas mais o que é contrário a meu amor ou entorpeça teu espírito, mas que descanses logo em meu amor.

Viver a quietude deste meu amor não é outra coisa que ter o coração completamente limpo de toda a atual mancha de pecado e estar escondido em *Carit*, que é aquele amor perfeito do qual disse o Sábio que *o amor apaga todos os pecados*.

Quando tiveres chegado a viver com perfeição este fim da vida profética, monástica e eremítica, e estiveres deste modo escondido em *Carit*, ou seja: submergido na caridade perfeita, então *beberás ali da Torrente*; porque nesta íntima união que terás chegado a ter Comigo te darei a beber a ti e a teus irmãos da água da vida daquela Torrente a que se referia o Profeta quando falando comigo dizia: *lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias (Sl XXXV, 9)*. Pois também está escrito: *Se te*



voltares humildemente para o Todo-poderoso, se afastares a iniquidade de tua tenda, se atirares as barras de ouro ao pó, e o ouro de Ofir entre os pedregulhos da torrente, o Todo-poderoso será teu ouro e um monte de prata para ti. Então farás do Todo-poderoso as tuas delícias, e levantarás teu rosto a Deus (Jó XXII, 23-26).

Reflete como serás levantado passo a passo ao último grau de amor se te entregas a Deus de todo o coração como te expliquei.

Primeiro hás de afastar a culpa de tua casa, ou seja de tua alma, porque se não fazes isso não podes unir-te ao Todo-Poderoso como está escrito: *Se dizemos ter comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não seguimos a verdade (I Jo I, 6)*, porque *são vossos pecados que colocaram uma barreira entre vós e vosso Deus. Vossas faltas são o motivo pelo qual a Face se oculta para não vos ouvir (Is LIX, 2 – Isaías diz vossos e aqui se diz nosso. Assim em outros lugares se faz esta mudança).*

O segundo diz: *em vez de terra*, entendendo por terra os terrenos afetos e as riquezas ou bens, que já deixaste, *te dará o Senhor pedernal*, que é uma ardente e intensa caridade.

O pedernal é uma pedra dura e própria para a fogueira, da tal pedra se faz sair a faísca de fogo e é como figura daquela caridade perfeita da qual disse o Sábio: *o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol. Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina (Ct VIII, 6)*. O doador deste fogo santo é Deus como o diz o Apóstolo: *o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm V, 5)*.

O terceiro por *pedernal duro*, a ardente e perfeita caridade em que já vives, *te dará o Senhor torrentes de ouro*, ou seja, aquelas suaves e inefáveis delícias das quais se disse: *Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou (Is 64,4)*, *tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam (I Cor II, 9)*. E se diz que estas delícias são torrentes, porque descem sobre a alma do Profeta com grande ímpeto e muita abundância de gozo ao modo de torrentes, como também está escrito: *As palavras da boca de um homem são águas profundas; a fonte da sabedoria é uma torrente transbordante (Pr XVIII, 4)*.

Quando domina o calor do sol, a Torrente logo se seca e também estas delícias espirituais se secam e desaparece do espírito do Profeta quando se aviva a sensualidade.



É em verdade que estas *torrentes são de ouro*, pois brilham pela chama do amor divino inflama a alma do Profeta e pelo conhecimento claro de Deus que misteriosamente ou misticamente põe no espírito do Profeta como o disse o Senhor: *E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele (Jo XIV, 21)*.

O quarto, quando te for comunicado esta alta e clara notícia de Deus, *Pois que se uniu a mim, eu o livrarei* defendendo-te contra eles, pois assim o diz o Senhor: *e o protegerei, pois conhece o meu nome (Sl XC, 14)*.

O quinto promete que *a prata entrará em tua casa de montes*; sobre o que disse o Salmista: *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada (Sl XI, 7)* o qual não é outro que o amor.

Porque por amor de Deus e para unir-te com o mesmo Deus com coração limpo saíste do mundo e do trato com os homens e te fizeste digno de que o Senhor te faça gozar com abundância de sua divina comunicação, e até te revele, as vezes verdades ocultas e futuras. Então serás cumulado de inestimáveis delícias acerca de Deus e será fortalecida a vista de tua inteligência para que possas contemplar a Deus, segundo teu desejo sem que ninguém possa estorvar-te.

Vês como te expliquei o modo de chegar à perfeição profética e como conseguirás viver o fim da vida monástica.



Capítulo VIII

Remédios para perseverar humilde na perfeição da vida eremítica

Convém também que reflitas o que hás de fazer para perseverar vivendo com perfeição a vida eremítica .

Segue minha promessa dizendo: *eis que mandei aos corvos que te levem ali de comer*. Julguei muito necessário dizer-te isso para teu consolo. Pois ainda quando estejas nadando em delícias inefáveis enquanto bebes da Torrente de meu gozo, tua alegria, todavia, não pode ser completa por duas causas.

A primeira porque do íntimo de tua alma sentirás um veemente desejo de já ver claramente meu rosto e ainda não podes vê-lo, *porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver (Ex XXXIII, 20), pois eu habito em uma luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem tampouco pode ver nesta vida (I Tm VI, 15)*.

A segunda causa é, porque enquanto estás esforçando-te em saborear aquelas inefáveis delícias da Torrente de meu insuperável gozo, de repente te verás privado dela pela fraqueza de teu pobre corpo e te encontrarás de novo contigo mesmo: *porque o corpo corruptível torna pesada a alma, e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados (Sb IX, 15)*.

Por estas duas razões de não poder ver claramente meu rosto e de não poder permanecer longo tempo naquela gloriosa contemplação de doçura pela fraqueza de teu corpo corruptível, se queres perseverar na perfeição deves suplicar a Deus com gemido dizendo-lhe: *Ó Deus, vós sois o meu Deus, com ardor vos procuro. Minha alma está sedenta de vós, e minha carne por vós anela como a terra árida e sequiosa, sem água. Quero vos contemplar no santuário, para ver vosso poder e vossa glória (Sl LXII, 3-4)*.

Para que então, não morras desconsolado com os incontidos soluços e tristezas do coração pela ânsia de ver-me e a fome de saborear a suavidade da doçura de minha glória, *eis que mandei aos corvos que te levem ali de comer* para dar-te consolo.

Por corvos se entendem aqui alegoricamente os Profetas Santos, que te precederam e enviei para que sejam teus modelos. Nunca eles



sentiram presunção da equidade de sua vida santa, senão que conhecendo-se bem pela graça da humildade e vendo sua fraqueza, confessavam a negrura de suas deficiências dizendo: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós (I Jo I, 8)*. De cada um destes Profetas se escreveu: *quem prepara ao corvo seu alimento quando seus filhotes levantam sua voz até Deus, indo de um lado para outro do ninho por não ter nada que comer?(Jó XXXVIII, 41)*.

Tem o corvo o instinto de olhar a seus filhotes quando nascem e os vê branquinhos e que se movem de um a outro lado do ninho abrindo seus biquinhos e pedindo alimento. Porém não os dá enquanto não o vê com plumagem negra, reconhecendo pela negrura que lhes são semelhantes; quando vê que a plumagem se torna negra, põe todo seu esforço em alimentá-los. De modo semelhante também os filhos ou discípulos do Profeta, que eu enviei, e logo, com seu exemplo chegam a conseguir tanta graça que bebem da Torrente de minhas delícias, como bebeu o Profeta Elias.

Quando pela fraqueza da própria natureza não chegam a gozar de minha suave doçura, devem dirigir suas súplicas a mim, movendo-se com o desejo de um lado para outro, porque ainda não lhes é possível tomar o desejado alimento da doçura espiritual, e como está escrito: *Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus (Mt VVIII, 3)*; devem reconhecer humildemente que ainda são filhotes ou crianças na virtude e não deixar de crescer no bem para não cair no mal, pois está escrito: *porque todos nós caímos em muitos pontos (Tg III, 2)*.

Porque muitas vezes descuidam em meditar em seus pecados e na própria miséria e por isso não podem vestir-se da negrura da humildade, que necessitam ter para preservar-se do brilho vão da soberba do mundo. quanto mais pretendam brilhar no exterior fatigando-se nas atenções da presente vida, tanto menos aptos estarão para poder receber e saborear em sua alma aqueles manjares espirituais.

O corvo olha os biquinhos abertos de seus filhotes, que famintos lhe pedem de comer, porém enquanto não os vê coberto de negro não lhes dá alimento, e o Profeta, enviado meu, antes de levar a seus discípulos onde saboreiem o escondido manjar de minha doçura, lhes ensina e exorta a que como ele, deixem o brilho vão da presente vida e esperem a ver se pelos sofrimentos da penitência e da meditação de seus pecados se vistam de negro e se reconheçam humildes em sua fraqueza.



Se com a humilde confissão de sua vida passada se vestissem como de negras plumagens de prantos e gemidos brotados do íntimo da alma, meu Profeta acudiria solícito a todos que o peçam, com o regalado manjar, que eu mesmo lhes tenho preparado, já que os convida a que saboreiem da doçura, que mana da Torrente de minhas delícias e tanto mais saborosa e proveitosa os alimenta quanto mais perfeitamente se apartam do brilho do mundo e cobertos de negro pela compunção da humilde penitência.

Para que os discípulos se dêem perfeita conta de que os alimentos oferecidos pelo Profeta, os recebem diretamente de mim, se lhe propõe muito prudentemente em forma de pergunta: *Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando seus filhinhos gritam para Deus, quando andam de um lado para outro sem comida? (Jó XXXVIII, 41)*. Dá-te perfeita conta: só Deus dá a comida e nenhum outro, como está escrito: *Que dá sustento aos rebanhos, aos filhotes dos corvos que por ele clamam (Sl CXLVI, 9)*.

Filho meu: quando tu chegares à perfeição profética e viveres já com perfeição o fim da vida monástica e eremítica, e te seja dado beber da Torrente de minhas delícias, não te envaideças por degustar tanta doçura; sentirás que de repente desaparece por algum tempo por causa da fraqueza e miséria de teu corpo.

Te, tenhas muito cuidado para não desceres da altura dessa perfeição e voltes a abraçar algumas das coisas que já havias deixado e renunciado; porque *Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc IX, 62)*; e por isso: *prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente (Fl III, 13), esforçando-te a ti mesmo, prossegue até obteres o prêmio a que Deus te chama desde o alto*.

Não se prometeu o prêmio ao que começou a viver o anunciado, *senão aquele que perseverar até o fim será salvo (Mt X, 22)*.

Para isto, vindo com a consideração, como os filhotes do corvo no ninho, debes dizer-me em súplica ininterrupta: *Como a corça anseia pelas águas vivas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus (Sl XLI, 2)*.

E se não voltares a saborear logo daquela suavidade e minha doçura, já antes provada, será para que te dê conta primeiramente de que se chegaste a saborear tão inefável doçura, não foi por teus próprios méritos, senão por benignidade minha, e em segundo lugar para que a desejes com maior veemência e acrescentando o desejo te prepares melhor para poder conseguí-la.



E para que nesse tempo não desmaies de todo na perfeição, *mandei aos corvos que te levem ali o alimento*, e assim dispus que os Profetas santos, teus antecessores, te alimentassem com a doutrina dos exemplos da humilde penitência; com a penitência viam eles humilhados, a negrura de seus pecados e não caíam no fascinador brilho da vida carnal.

Para que durante esse tempo saibas o que tens de fazer, alimenta-te solícito com sua doutrina como está escrito: *O sábio procura cuidadosamente a sabedoria de todos os antigos, e aplica-se ao estudo dos profetas (Eclo XXXIX, 1)*.

Se à sua imitação te esforças por tirar de ti o vão brilho da vida presente e procuras vestir-te de negro, como os filhote do corvo, com a meditação da própria fraqueza e da prática da verdadeira humildade e elevas ao Senhor fervorosas e humildes preces e a correspondente confissão de teus pecados e solidão abundantes gemidos de dor, como se fossem as plumas negras do corvo; e si também, à semelhança de seus filhotes, te afastas do tumulto das cidades e estabelececes tua morada na solidão, te enegreces, longe da glória da vida mundana e das posses e demais bens e riquezas do mundo, te dará o Senhor de novo de beber e que saboreies a doçura do manjar que nasce da Torrente de sua delícia.

Por isso se escreveu: *Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta (Mt VI, 26)*.

Já te ensinei como debes viver para perseverar humilde na perfeição da vida profética eremítica.

/

Capítulo IX

Liber Institutionis Primum Monachorum



Santo Elias alcançou a perfeição da vida eremítica pela renúncia dos bens, pela pureza da castidade e pela negação da própria vontade

Assim que Elias ouviu do Senhor a referida disposição de que procurava alcançar a perfeição profética, o fim da vida monástica eremítica e o modo de permanecer na perfeição, meditou que *não são justos os que ouvem a lei, mas serão tidos por justos os que praticam a lei (Rm II, 13)*; por isso se dedicou com todo o esforço de sua alma a trabalhar para conseguir essa perfeição profética e viver com toda delicadeza o fim da vida monástica e eremítica e pôr por obra a ordem recebida do Senhor como o lemos nas já citadas palavras do Livro dos Reis; *Elias partiu, pois, segundo a palavra do Senhor, e estabeleceu-se junto à torrente de Carit, defronte do Jordão. Os corvos traziam-lhe pão e carne, pela manhã e pela tarde, e ele bebia a água da torrente (III Rs XVII, 5)*.

Exporemos agora as palavras copiadas no sentido histórico e no místico já que os dois sentidos se cumpriram em Elias.

Foi, pois, Elias; aonde foi? Contra o Oriente até o Jordão, que quer dizer: contra a natural concupiscência de teu corpo. Como na natural inclinação de seu corpo não se sentia o bem, preferiu não ser devedor da carne, para não viver segundo a carne; pois como diz o Apóstolo: De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis (Rm VIII, 12-13).

Elias para viver perfeitamente no espírito para Deus, *crucificou sua carne com os vícios e paixões (Gl V, 24)*, mortificando os membros dos pecados, que se cometem no mundo como são a fornicção, a sensualidade, a torpeza e a desvirtuada concupiscência, de uma maneira mais perfeita que seus antecessores. Para igualar aos anjos imitando-os em seu modo de viver pela pureza da castidade e a incontaminação de sua carne, formoseou sua alma oferecendo-a por amor de Deus, o primeiro de todos os homens, a virgindade perpétua.

Negando-se a si mesmo em tudo e renunciando seu próprio querer, cumpriu diligentemente a vontade de seu Superior, que era o mesmo Deus, segundo se disse dele: *que foi onde lhe levava a Vontade de Deus* e continua dizendo: *agiu segundo a Palavra de Deus*: pois havendo saído de sua terra natal e de sua família e da casa de seu pai, estabeleceu sua moradia na solidão, e por isso que havia renunciado, *lhe deu Deus coisas*



mais nobres, como foram preservar-lhe da morte e elevá-lo à perfeição da vida monástica.

O povo de Israel, pervertido pouco antes por seu rei Acab, adora a Baal como o doador da chuva, da fertilidade e dos demais bens temporais. Não percebia o povo que tudo isso lhes dava o verdadeiro Deus de Israel e não Baal como se condoia o Senhor dizendo por um Profeta: *Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o vinho e o óleo, e quem lhe prodigalizava a prata, e o ouro que se consagra a Baal (Os II, 10).*

Querendo Elias mostrar tanto ao rei como ao povo de Israel, que o Deus verdadeiro era o que ele adorava e Baal, a quem adorava o rei instigado pela rainha e que a pouco obrigavam que o povo o adorasse, era um deus falso, em nome do Senhor lhes anunciou que enquanto adorassem a Baal não lhes daria mais chuva e *nesses anos assinalados não cairia nem uma gota sobre a terra até que Elias o pedisse ao Deus de Israel.*

Pela falta de água sobreveio uma terrível fome em toda a Samaria, e por isso o rei buscava a Elias para matar-lhe. Mas antes de que o rei lhe buscasse, obedecendo Elias a palavra de Deus, evitou que o pudesse encontrar, saindo de sua pátria, deixando seus parentes e seus pais e fugindo à solidão; deixou também não só com o afeto, mas sim em realidade, os bens da terra para não impedirem com o cuidado dos bens paternos, nem com a abundância nem com as posses terrenas, alcançar a perfeição da vida monástica a qual lhe chamava o Senhor.

Continua dizendo o texto: *caminhando, retirou-se junto à Torrente de Carit que corre enfrente (contra) o Jordão*; desde esse tempo abraçou Elias em silêncio e com firme vontade viver a aridez do deserto e foi o primeiro homem que deliberadamente escolheu viver a vida monacal eremítica; e começou a bem vivê-la segundo o significado do nome, na solidão da Torrente de *Carit*; pois *Carit* quer dizer *divisão*, para que o mesmo nome do lugar onde estabeleceu sua morada, indicasse a separação do trato e da vida dos homens do século.

Assentou-se solitário na Torrente de *Carit*, *derramando como uma Torrente de lágrimas dia e noite (Lm II, 18)*; este modo estava enfrente do Jordão, que é contra a caída no pecado; enquanto que com seu modo de viver se fazia patente com quanta perfeição começava então deliberadamente o primeiro entre todos os homens a vida e o estado de monge.



Daí por diante foi sempre um verdadeiro monge, pois permaneceu *só ou singular*, e compungido chorando abundantemente seus pecados e os alheios.

A interpretação mística é: *e havendo caminhado Elias frente, ou contra o Jordão*, ou seja: atacando a natural concupiscência de sua carne, *se retirou à Torrente de Carit, que está enfrente ao Jordão*; porque permaneceu vivendo sempre em Carit, que é o amor de Deus, pois a caridade divina afasta do Jordão, que é na caída no pecado. Ele viveu no amor e assim dizia: *vive o Senhor Deus dos exércitos, em cuja presença estou (III Rs XVII, 1)*.

E com razão merecia estar diante da excelsa grandeza da Majestade divina, pois assentado seu espírito no mais alto cume da perfeição de tal modo viveu que ninguém nascido de mulher foi jamais superior a ele na plenitude da perfeição. E ainda que o Salvador disse que *entre os nascidos de mulher não havia vindo à luz ninguém maior que João Batista (Mt XI, 11)*, Elias foi igual ao Batista como o afirmou o Arcanjo Gabriel quando disse a Zacarias: *que João iria diante do Senhor revestido do espírito e da virtude de Elias (Lc I, 17)*.

Como o coração do Profeta de fogo se abrasava dentro de si mesmo em ardente amor vivendo na solidão, e como crescia o fogo do divino amor na oração, gozava com freqüência do regalo da inefável glória de Deus e descansava na Torrente da divina delícia, que Deus dá a beber aos que o amam, segundo o disse o Profeta: *lhes dais de beber na Torrente de vossas delícias (Sl XXXV, 9)*.

Elias procurava com diligência descansar sem interrupção no gozo da contemplação de regalos tão inefáveis e de tão altas delícias; porém não podia gozar muito tempo tão íntimos deleites estorvando-o a fraqueza do corpo. Voltando a seus sentidos saboreava umas vezes no interior com calada recordação de tanta suavidade, e outras dava fortes suspiros pelas ânsias de voltar a saborear doçura tão deleitosa.

E continua o texto: *os corvos lhe levavam pão e carne pela manhã e o mesmo pão e carne pela tarde*. Com estes alimentos confortava Elias no deserto o desfalecido corpo para não morrer. Nem se há de duvidar que era o mesmo Deus quem lhe levava o pão e a carne por meio dos corvos, pois o havia anunciado antes de que fosse à Torrente de Carit: *ordenei aos corvos que te alimentem (III Rs XVII, 4)*.

Confiado nesta palavra do Senhor todo o tempo que permaneceu em Carit, deixou Elias o cuidado de sua alimentação nas mãos de Deus, pois Ele tinha cuidado de Elias. Tudo quanto necessitava para esta vida,



o proporcionava Deus, porque o Profeta *buscava primeiro o reino de Deus e sua justiça (Mt VI, 33)*.

Refletindo misticamente, seus predecessores os Profetas, que isto simbolizam os corvos, segundo já explicamos, o proporcionavam o pão da compunção e da penitência e a carne da verdadeira humildade. O traziam *pela manhã* ou seja: quando se alegrava com a recordação da suavidade gozada, *e igualmente pela tarde*, quando lhe invadia a tristeza por haver deixado de gozar suavidade tão regalada.

E para que não morresse de tristeza recordando a suavíssima doçura perdida, *os corvos lhe levam pão*, do qual se disse: *os alimentarás com o pão das lágrimas (Sl LXXXIX, 6)*. Pois os Profetas santos, com os exemplos que lhes havia deixado nas Divinas Letras, lhe traziam à memória a negrura de seus pecados e meditando sobre eles se fartavam com dor e lágrimas e humilhado, se viam indignos de saborearem aquela inefável delícia, a qual haviam antes gozado não por seus méritos, mas por pura bondade de Deus.

E igualmente para que não presumissem com vã glória recordando a alegria da suavidade recebida, *os corvos lhe levam carne*; porque os Profetas Santos com seus exemplos lhe punham diante dos olhos a fragilidade e a torpe inclinação de seu corpo apagando com isso as suaves alegrias passadas.

A meditação de sua fragilidade era o alimento que lhe ensinava a permanecer humilde vendo *como toda a carne é como feno e toda a glória como a flor do prado (Is XL, 6)*.

Meditando umas vezes sobre a fragilidade de sua carne e outras sobre seus pecados, *as lágrimas foram seu pão de dia e de noite*, enquanto os corvos, que são os Profetas, lhes diziam diariamente *onde está o teu Deus? (Sl XLI, 4-11)*.

Com estas palavras que os Profetas lhe repetiam recordando-lhe que pela negrura de seus pecados e pela fragilidade de sua própria carne se lhe retiravam aquelas comunicações gozosas feitas pelo mesmo Deus, se desfazia sua alma em si mesma clamando a Deus com abundantes suspiros de dor em uma fervorosa oração e com a humilde confissão de seus pecados.

E continua o texto: *bebia na Torrente*, isto é: da água da Torrente, abstando-se do vinho a fim de que seu espírito estivesse melhor preparado para receber aquela água de sabedoria saudável, da que se disse: *lhe darei a beber a água da ciência saudável (Eclo XV, 3)*, e esta



*fonte de sabedoria é uma caudalosa Torrente (Pr XVIII, 4).
Se embriagava em sua abundância bebendo da Torrente de delícias.*

*Arreatado de novo o espírito, era transportado Elias ao lugar do
admirável Tabernáculo até a Casa de Deus (Sl XLI, 5).*

Deste modo vivia Elias no deserto a vida profética e monástica.

/

Capítulo X

*Vivendo Elias na Torrente de Carit, tomou os primeiro discípulos, Filhos
dos Profetas, para formá-los na vida monástica. Seu nome de Profetas*



Elias o primeiro de todos os homens deliberadamente começou a viver a vida monástica e eremítica e estabeleceu sucessores que continuaram perpetuamente vivendo-a.

E para ser o Pai de todos o monges, escolheu por discípulos alguns santos varões, que se refugiavam com ele para isto na Torrente de Carit, para não verem-se forçados pelo rei Acab e a rainha Jezabel a renderem adoração a Baal como o resto do povo.

Estes santos varões cheios do amor de Deus, vendo que Elias com sua palavra havia fechado o céu para que caísse chuva sobre a terra, iam ocultamente à solidão de Carit, olhando Elias como o guardião do Deus verdadeiro e se punham sob sua direção para poderem-se livrar da idolatria e com seu ensinamento perseverarem dando culto ao Deus verdadeiro.

A estes varões temerosos a Deus, teve Elias por primeiros discípulos e verdadeiros imitadores de sua vida monástica tal como o Senhor lhe havia ensinado a ele. Também os ensinou a profetizar, ou seja: cantar louvores a Deus com hinos e salmos acompanhando-se com instrumentos músicos. *Compreendeu que É bom louvar ao Senhor e cantar salmos ao vosso nome, ó Altíssimo; proclamar, de manhã, a vossa misericórdia, e, durante a noite, a vossa fidelidade, com a harpa de dez cordas e com a lira, com cânticos ao som da cítara (Sl XCI, 2-4).*

O eclesiástico, encomendando esta obra de Elias e em seu louvor, disse: *formastes Profetas que te sucederam (Eclo XLVIII, 8).*

Alguns escritores tomando as palavras do Eclesiástico muito superficialmente se esforçaram em interpretá-las no mesmo sentido q tinham quando Deus disse que Elias: *ungirás a Eliseu... por Profeta teu sucessor (III Rs XIX, 16)*, e como consequência disto disse o mesmo Eclesiástico a santo Elias: *formas Profetas que te sucederam*, como se isto se houvesse concedido fazer a seus sucessores Profetas, que anunciassem o futuro pois Deus lhe disse: *ungirás a Eliseu por Profeta teu sucessor.*

Porém não está nada claro que seja este o sentido das palavras do Eclesiástico: o Apóstolo São Pedro disse: *Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana. Homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus (I Pd I, 21)*. Como era possível que Elias fizesse Profetas, que predissessem o futuro, quando só o Espírito Santo pode fazê-lo e estando fora do poder humano? Também confirma isto mesmo o Apóstolo São Paulo que diz: *a um dá o Espírito o*



dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas. Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um lhe apraz (I Cor XII, 10-11).

Não se há de pensar que Elias fizesse tais Profetas, pois só o Espírito Santo os formou.

Deixando, pois, este sentido por estar certamente fora da intenção do Eclesiástico, procuremos esclarecer o que quis dizer o Sábio.

Sabemos com certeza que as Divinas Escrituras chamam de Profetas não só aos que vêem de antemão e predizem o futuro, mas também aos homens dedicados a canta devotamente os louvores de Deus acompanhando-se com instrumentos músicos. Não outra coisa nos diz também Livro das Crônicas com estas palavras: *Os cantores, filhos de Asaf, estavam nos seus lugares, segundo as disposições de Davi, de Asaf, de Hemã e de Iditum, o vidente do rei (II Cr XXXV, 15).*

Neste lugar se denominam Asaf, Hemã e Iditum Profetas de Davi, porque este rei os instituiu cantores para louvar a Deus com instrumentos músicos como se escreve em outro lugar do mesmo Livro: *Davi e os chefes do exército apartaram para o serviço os filhos de Asaf, de Hemã e de Iditum, que profetizavam ao som da harpa, da cítara e dos címbalos. Eis a lista dos homens encarregados deste serviço (I Cr XXV, 1); e pouco mais adiante diz: Iditum, que (profetizava) cantando com a cítara posto à frente dos que celebram louvores ao Senhor (I Cr XXV, 3).*

Neste lugar se diz dos filhos de Asaf, Hemã e Iditum, que profetizavam não porque viam ou anunciassem o futuro, mas porque louvavam a Deus e lhe cantavam ao som de instrumentos músicos como se diz um pouco mais adiante no mesmo Livro: *Eis, portanto, os que, sob a direção de seus pais, estavam encarregados do canto no templo. Tinham címbalos, cítaras e harpas para o serviço do templo, sob as ordens de Davi, de Asaf, de Iditum e de Hemã (I Cr XXV, 6).*

Segundo isto, quando o Sábio escreve de Elias: *formas Profetas que te sucedam*, não o diz porque lhes comunicara o espírito de ver ou anunciar o futuro, mas porque fundou os monges não só para que quando ele desaparecesse continuasse vivendo a vida monástica do mesmo modo que Deus lhe havia manifestado, mas para que cumprissem o ofício de *profetizar* ou seja: de cantar devotamente a Deus salmos e hinos e que não só louvassem a Deus com o coração e com a boca, mas também acompanhando-se com instrumentos músicos.



Por esta razão se chamam *Profetas* que equivale a cantores de Deus acompanhando-se com instrumentos músicos e no modo de vida consagrada que tinham, se chamou profético, que significa vida consagrada a cantar louvores e salmos a Deus acompanhando-se com instrumentos músicos.

E porque obedeceram com ânimo generoso e pronto ao santo Profeta, tanto no cantar os salmos com devoção e com esta solenidade, como em observar a vida monástica do modo que Deus o comunicou a Elias, mereceram que o Eclesiástico lhes dissesse o mesmo que falou de seu Pai Elias: *ditosos os que te viram e foram honrados com a tua amizade (Eclo XLVIII, 11)*.

Estes são aqueles *Profetas do Senhor*, dos quais Abdias, como se diz no *Livro dos Reis*, que preservou cem deles da morte, escondendo-os em cova, quando a rainha Jezabel fez matar a todos o demais.

A Divina Escritura os dá ali o nome de *Profetas*, não porque previssem então, nem profetizassem o que havia de suceder, senão porque devotamente cantavam a de salmos, cânticos e hinos acompanhando-se com instrumentos músicos, como já dissemos e ainda o verás melhor com o seguinte:

Lemos no *Livro dos Reis* que Abdias disse a Elias que havia escondido em covas e preservado da morte a cem destes Profetas do Senhor. Pouco depois se apresenta Elias no Monte Carmelo diante do povo e diz: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei (III Rs XVIII, 22)*. Sabendo Elias que ainda viviam cem Profetas do Senhor escondidos por Abdias. Como este homem de Deus pode dizer sem mentira: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei?*

Muito longe de nós nem ainda suspeitar que homem tão santo dissesse mentira já que a Divina Escritura nos diz que *sua palavra era como tocha ardente (Eclo XLVIII, 1)*; nem podemos supor que ignorasse que viviam naquele tempo outros Profetas do Senhor além dele. Como podia ignorar que viviam, quando nem o número dos profetas de Baal ignorava, e declarou então que eram quatrocentos e cinqüentas e outros quatrocentos os Profetas dos bosques sagrados? Não lhe assegurou Abdias pouco antes que o mesmo havia escondido nas covas e preservado da morte a cem Profetas do Senhor? E sabendo que viviam estes cem Profetas do Senhor como era possível que estivesse dizendo a verdade diante do povo anunciando-lhes: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei*, senão porque sabia que naquele tempo não havia no reino de Israel outro Profeta além dele que conhecesse por revelação do



Espírito Santo o futuro e o anunciasse aos demais, mesmo quando sabia que viviam estes Profetas do Senhor preservados da morte por havê-los escondido Abdias em covas?

Mas como a Sagrada Escritura chama a estes homens Profetas do Senhor, porque cantavam devotamente os louvores de Deus acompanhando-se com instrumentos músicos e não porque conhecessem ou anunciassem o futuro, como havia então só Elias no reino de Israel inspirado pelo Espírito Santo, atendendo a esta verdade e muito longe de toda a mentira, disse Elias ao povo: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei.*

Exceto ele não ficava em Israel nenhum outro Profeta, que, ensinado pelo Espírito Santo, conhecesse e anunciasse o que haveria de suceder; pois o povo de Israel matou a todos, como o expressou o mesmo Elias depois queixando-se ao Senhor quando foi refugiar-se na cova do Horeb por medo de Jezabel, que lhe perseguia para lhe matar: *Porque os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vossos altares e passaram os vossos profetas ao fio da espada. Só eu fiquei, e agora querem tirar-me a vida (III Rs XIX, 14).*

/

Capítulo XI

Em que tempo começou Elias no Monte Carmelo os primeiros fundamentos da profissão monástica e porque eles se chamaram Filhos dos Profetas

Mandando Deus a Elias que deixasse a cova do Horeb, na qual viveu durante algum tempo, e que voltasse à terra de Israel, se retirou com seus discípulos ao Monte Carmelo e começou em seguida a formá-los na vida monástica como o Senhor lhe havia ensinado exortando-os a vivê-la; também os instruiu

Liber Institutionis Primum Monachorum



com esmero na ciência profética ordenando-lhes que cantassem devotamente os louvores de Deus acompanhando-se com instrumentos músicos, de cítara e de címbalos de júbilo.

Não lhes havia sido possível realizar antes este ofício com perfeição, vendo-se continuamente perseguidos pelo rei Acab e mais ainda pela rainha Jezabel sua mulher.

Passadas as perseguições pela Misericórdia de Deus, escolheu o Senhor Deus então por Profetas a alguns homens excelentes dentre estes monges, que se distinguiam sobre os demais na arte de cantar com devoção e alegria os salmos louvando solidão Senhor acompanhando-se com instrumentos músicos, para que profetizassem e cantassem como fazia Elias.

Com o júbilo do som do cântico dos salmos, ofereciam a Deus tão amorosamente seus corações que não raras vezes infundia o Senhor em suas almas o espírito de profecia. Por isso quando desejavam que o Senhor lhes manifestasse o futuro, lhe invocavam com este devoto e harmônico canto dos salmos.

Temos como exemplo o que nos narra o *Livro dos Reis*, perguntando em uma ocasião o rei Josafá a Eliseu, muito douto no ensinamento, que lhe anunciasse o futuro, e não tendo a inspiração do que havia de suceder, pediu que lhe trouxessem um saltério (instrumento de música), e enquanto cantava muito recolhido, ofereceu seu coração a Deus pedindo luz e o Senhor lhe concedeu o espírito de profecia e lhe deu o conhecimento do que pedia.

Desde então, como pela Divina Sabedoria crescesse o número destes monges fundados por Elias, o mesmo Elias escolheu a alguns muito eminentes Profetas, que predissessem o futuro, para que fizessem esse ofício, para que em sua companhia e depois que ele lhes faltasse, instruissem com esmero aos monges na vida monástica segundo o mesmo Senhor lhe havia ensinado e lhes ensinasse o conhecimento da arte profética e de cantar os salmos acompanhando-se de saltério, e os formassem com tanta solícitude e esmero como se fossem seus próprios filhos.

Esta é a razão de que estes monges conhecidos antes com o nome de *Profetas*, se chamassem depois *Filhos dos Profetas*, já que eram discípulos dos ditos eminentes Profetas desta religião e viviam a vida de observância profética e monástica sob sua direção e governo, como se os Profetas fossem seus verdadeiros pais.



Quando o *Livro dos Reis* estes monges, lhes chama quase sempre *Filhos dos Profetas*.

/

Capítulo XII

Dos discípulos de Elias. Do primeiro que foi Jonas Profeta

J á em vida do Profeta Elias de tal maneira chegou a estender-se o instituto dos Filhos dos Profetas, que tanto nos desertos como nos subúrbios das cidades se constituíram centros ou grupos de monges, sendo necessário que além de Elias, alguns de seus mais destacados discípulos estivessem à frente dirigindo-os e governando-os. Os monges chamavam a estes que lhes presidiam e dirigiam *de seus pais* e eles se chamavam *Filhos dos Profetas*.



Me parece oportuno dizer aqui algo, ainda que muito breve, destes Profetas discípulos de Elias, não de todos, mas só dos quatro mais principais.

Elias escolheu primeiro de todos a São Jonas. Era Jonas natural de Get em Ofir (Galiléia), filho daquela mulher viúva a qual se apresentou Elias em Sarepta dos Sidônios enquanto recolhia um pouco de lenha e em cuja casa se refugiou durante o tempo em que o rei Acab mandou buscá-lo para lhe matar.

Elias havia ressuscitado a este Jonas em sua infância, quando o Profeta se hospedava e comia na casa de sua mãe. A mãe pela admiração do milagre e do Profeta lhe entregou o filho para que lhe instrísse na ciência profética da vida monástica, e feito discípulo de Elias lhe servia.

Quando Elias se pôs a orar no Monte Carmelo para pedir ao Senhor que enviasse a chuva, mandou ao jovem Jonas que olhasse desde o cume se via aparecer algo no mar e havendo olhado disse: *não se vê nada. Por sete vezes, Elias disse-lhe: Volta e (olha). Na sétima vez o servo respondeu: Eis que, sobe do mar uma pequena nuvem, do tamanho da palma da mão (III Rs XVIII, 43-44)*. Quando o falou, compreendeu Elias que ia cair uma forte chuva sobre a terra e mandou a Jonas que fosse dizer ao rei, que tanto o desejava.

Depois que Elias foi levantado ao céu, também Eliseu enviou a Jonas para que em Ramot de Galaad ungisse a Jeú por rei de Israel e que vingasse a morte dos Profetas discípulos de Elias.

Finalmente avisando-lhe o Senhor, que fosse pregar a Nínive, que passados quarenta dias seria destruída; viu por revelação do Espírito Santo que movidos pela sua pregação fariam os Ninivitas fariam penitência e alcançariam o perdão de Deus, e para que não tivessem por falso o que lhes anunciava, evitou ir a Nínive, até lançado ao mar e devorado por um descomunal peixe, o mesmo peixe lhe vomitou na praia depois de três dias.

Sabendo também por revelação do Espírito Santo que os Ninivitas convertidos por sua pregação, arruinariam com o passar do tempo, sua nação Hebraica, tinha sentimento de que se convertessem, porque por esta causa temia a destruição de seu povo Israel.

Porém, revelando-lhe Deus que, todavia, não era chegado o tempo da ruína final de Israel, mandou que voltasse aos israelitas e profetizasse que Jeroboão (II), rei de Israel, restabeleceria os limites de sua nação, desde a entrada de Emat até o mar do deserto, o mar morto (*IV Rs XIV, 25*).



/

Capítulo XIII

Do chamamento do Profeta Eliseu, principal discípulo de Elias

Santo Eliseu foi outro Profeta e o discípulo mais eminente de Elias. Foi filho de Safat e oriundo de Abel-Meula na região de Celmaán.

Lemos no *Livro dos Reis* que quando regressava Elias da cova do monte Horeb à sua terra de Israel, encontrou a Eliseu arando no campo. Elias pôs sobre ele seu manto e deste modo lhe escolheu por seu discípulo. Depois da imposição do manto, Eliseu matou os dois bois com que arava e fez com eles um banquete ao povo; logo, despedindo-se de seu pai e de sua mãe, e deixando os bens terrenos, seguiu a Elias, e servindo-lhe, vivia em sua companhia imitando-lhe na vida monástica e profética.



Quando nasceu Santo Eliseu, aconteceu um grande prodígio: um ídolo dos bezeros de ouro que Israel adorava tempo de Eliseu deu um forte mugido. Ouvindo em Jerusalém um sacerdote do Senhor disse por inspiração divina: acaba de nascer um Profeta em Israel, que destruirá os ídolos e estátuas dos deuses falsos.

Sendo Eliseu discípulo de Elias recebeu de Deus o espírito de profecia. Iluminado deste espírito, comunicava ao rei de Israel todas as emboscadas que contra ele preparava seu inimigo o rei da Síria. Em certa ocasião alcançou do Senhor que ficassem cegos todos os soldados do exército da Síria e os conduziu ante o rei de Israel na cidade de Samaria.

Estando esta cidade de Samaria sitiada pelo exército da Síria e muito forte a fome, Eliseu predisse que se veria livre da fome e do cerco. Com os contínuos milagres e portentos que obrava, convencia ao povo de Israel a que voltasse a dar culto ao Deus verdadeiro, e com suas exortações e maravilhas, destruía o culto dos deuses falsos. O vemos quando mandou a um de seus monges Filhos dos Profetas, a Jonas, que fosse a Ramot de Galaad e ungissem a Jeú rei de Israel.

Jeú, proclamado rei, aconselhado por Eliseu, mandou matar todos os profetas de Baal, e tirando do Templo o ídolo, o queimou, derrubou o templo e acabou com o culto de Baal em Israel.

Morto Eliseu, enterraram seu cadáver junto o sepulcro do Profeta Abdias, em Samaria. Uns homens deixaram um cadáver em seu sepulcro, e ao ponto que o cadáver tocou os ossos de Eliseu, recobrou a vida.



/

Capítulo XIV

De Miquéias, Profeta, discípulo de Elias



Profeta Miquéias, filho de Jemsa, foi também discípulo de Elias.

Este Miquéias não é aquele Moratites, que profetizou no tempo de Joatão, Acab e Ezequias, Reis de Judá, e se enumera entre os doze Profetas menores; este discípulo de Elias profetizou muito antes no tempo de Acab, Ocozias e Jorão, Reis de Israel; quando Elias regressou, por mandato de Deus da cova do monte Horeb a Israel, se uniu a ele Miquéias como discípulo.

Elias instruiu a Miquéias no conhecimento profético da vida monástica e pertencendo aos Filhos dos Profetas lhe concedeu o Senhor, com o passar do tempo, o espírito de profecia.

Inspirado por Deus, predisse ao rei Acab as vitórias que obteve na guerra contra Benadab rei da Síria. Na segunda vitória se apoderou Acab da pessoa de Benadab, o qual era digno de morte; mas Acab lhe concedeu a liberdade e por isto Miquéias, inspirado por Deus, disse a

Liber Institutionis Primum Monachorum



Acab: *Isto diz o Senhor: por teres deixado escapar de tuas mãos um homem tão digno de morte, tua vida pagará pela sua (III Rs XX, 42), como aconteceu.*

Saindo Acab com Josafá rei de Judá a combater em Ramot de Galaad contra Benadab rei da Síria, *um soldado de Benadab flechou com seu arco disparando-o ao ar, e casualmente feriu ao rei de Israel entre o pulmão e o estômago (III Rs XXII 34).* Acab morreu desta ferida nesta mesma tarde segundo o havia profetizado o Profeta Miquéias dizendo-lhe: *Ouve o oráculo do Senhor: Eu, vi o Senhor sentado no seu trono e todo o exército dos céus ao redor dele, à direita e à esquerda. O Senhor disse: Quem seduzirá Acab, para que ele suba e pereça em Ramot de Galaad? Um disse uma coisa e outro, outra. Então um espírito adiantou-se e apresentou-se diante do Senhor, dizendo: Eu irei seduzi-lo. O Senhor perguntou: De que modo? Ele respondeu: Irei e serei um espírito de mentira na boca de seus profetas. - É isto, replicou o Senhor. Conseguirás seduzi-lo. Vai e faz como disseste (III Rs XXII, 19-22).*

Quando mais tarde, estava no trono Jorão filho de Acab, lhe repreendeu Miquéias, porque dava culto aos ídolos e o rei Jorão lhe matou, jogando-o de um precipício.

Deste modo havendo sido coroado com a palma do martírio, foi enterrado só, junto ao sepulcro de Senaquim.



/

Capítulo XV

Abdias, Profeta, discípulo de Elias

Otro Profeta discípulo de Elias, foi Santo Abdias, nascido no campo de Becatárán da região de Siquém. *O Livro dos Reis* nos diz que desde sua infância foi muito temeroso a Deus.

Abdias esteve primeiro como administrador do rei Acab. Já dissemos que quando a rainha Jezabel matava os Profetas de Deus, ele tomou cem Profetas discípulos de Elias, e durante a perseguição guardou cinqüenta numa cova e cinqüenta em outra alimentando-os com pão e água.

Mais tarde, já morto o rei Acab, seu filho o rei Ocozias mandou dois capitães com cinqüenta soldados (por duas vezes) para que lhe trouxessem a Elias. E Elias, com sua oração, fez baixar fogo do Céu que os devorou; a terceira vez enviou o rei a Abdias com outros cinqüentas homens; quando chegou ao Monte Carmelo, se pôs de joelhos diante de Elias e lhe suplicou com humildade que salvasse sua vida e as vidas dos cinqüenta homens, que lhe acompanhavam.

Vendo Elias a humildade de Abdias e lembrando que cem dos seus discípulos tinham vida, porque Abdias os conservou, quis retribuir-lhe



nesta ocasião e lhe conservou a vida a ele e aos cinquenta que lhe acompanhavam.

Reconhecendo Abdias esta singular graça que havia recebido de Elias, renunciou ao honorífico serviço do rei Ocozias, e deixando seus próprios filhos em sua casa com sua mulher, se fez discípulo do Profeta Elias.

Porque alimentou a cem Profetas discípulos de Elias, lhe concedeu Deus o dom da profecia. Com este espírito profetizou que os Idumeus ajudariam aos Assírios na guerra contra os Hebreus e em castigo desta ajuda, o exército de Nabucodonosor derrotaria aos Idumeus.

/

Capítulo XVI

Elias foi para seus discípulos o modelo da vida monástica, com seus atos e suas palavras. Dele procede a origem da vida monástica

O que deve servir de modelo a todos os que devem professar a vida monástica, deve levar uma vida tão reta em si mesmo, que os demais não encontrem nem um exemplo de desedificação que lhes sirva de tropeço, segundo o disse o Senhor: *Ai daquele homem que causa escândalo! (Mt XVII, 7)*, e assim Elias, como homem enviado por Deus, de tal maneira ordenou sua vida, que nunca se notou em suas ações um defeito.

Nem é suficiente que o mestre e modelo da vida monástica e profética se esmere em não cometer falta alguma diante de Deus nem diante dos homens, mas também há de excitar com seu exemplo a seus companheiros a viverem a santidade como nos disse o Apóstolo: *e mostra-te em tudo modelo de bom comportamento (1 Pt II, 7)*.

Assim Elias, para excitar com seu exemplo a que seus discípulos, que eram todos os monges mencionados, que vissem muito santamente sua religião, procurou fazer ressaltar diante deles a sobriedade da pobreza, a abstinência da privação, o subjugar os apetites da carne, o resplandecer com a brancura da pureza, o renunciar a própria liberdade, o fugir do tumulto e confusão das gentes e arder em fogo da caridade, segundo o havia ensinado o Senhor.



Foi Vontade de Deus que a perfeição desta religião se fundamentasse e se ergue-se à imitação de Elias e por isto o Profeta de Deus apresentou diante do afetuoso olhar destes monges, admiráveis exemplos com suas ações e com seus méritos, da ciência profética e da vida monástica. O espírito dos monges pleno de luz com estes exemplos e entusiasmados, propuseram imitar-lhe com todas as suas forças e a renunciar de todo o coração ao mundo e a todas as coisas terrenas, e as inclinações da sensualidade, crucificando a carne com a continência e a abstinência, e a vontade própria, pondo-se humildes sob a obediência do superior, e aos olhos dos homens escondendo-se deles numa vida monacal e eremítica, como a vivida pelo mesmo Elias na solidão e de modo especial como a viveu no Monte Carmelo.

Este modo de vida determinaram continuar vivendo os monges tanto no Monte Carmelo como nos demais desertos ou lugares escolhidos para este fim.

Sabiam que quanto mais se esmerassem em vivê-la, mais intimamente gozariam suas inteligências da união de amor com Deus.

Os monges que caminham por esta senda vivendo segundo o espírito e o modo da vida profética e monástica que Elias viveu e recebem com entusiasmado amor em sua alma os ensinamentos de Elias para pô-los por obra, estão bem seguros da salvação de suas almas como o confirma o Sábio quando falando com Elias disse: *ditosos os que te viram e foram honrados com a tua amizade (Eclo XLVIII, 11)*.

Do Profeta de Deus Elias procede como causa exemplar, e como de autor primeiro e principal tudo que existe nesta religião de perfeição e de virtude.

Procedeu primeiro, nos já mencionados varões Filhos dos Profetas, seus discípulos.

Mais tarde por esses Filhos dos Profetas se comunicou a todos que tem professado em nossa religião, tanto aos que viviam juntos a vida monástica, como aos que tinham sua habitação em lugares habitados.

E finalmente por mediação destes, aos que vivem em outras regiões.

Porém, a profissão e o modo de vida Santa de todos os monges, procede de Elias e destes seus discípulos Filhos dos Profetas.

Assim quando depois de Elias e já na lei evangélica passaram a existir em diferentes lugares do mundo distintos diretores e superiores de monges, que têm dado diferentes regras a seus discípulos segundo os diversos institutos para organizar a observância da vida monástica,



nenhum destes Superiores e Diretores pretendeu guiar a seus discípulos a outro fim nem por outros modos ou caminhos, senão a este fim principal e por estes mesmos graus para chegar à perfeição monástica, como ensinou Elias a seus discípulos e o que ele havia recebido de Deus. E estes Diretores e principais Superiores dos monges, com sua doutrina e ensinamento Santo sobre a vida monástica, foram como canais particulares derivados de Elias, que foi o manancial principal e primordial de todos os demais canais e rios.

/

Capítulo XVII

Se explica porque os monges sucessores de Elias se chamam Carmelitas e não Caritas

Desejarás também, amado Caprásio, saber porque os monges que vivem esta religião e com este modo de vida se chamam Carmelitas. Pois havendo começado a viver este modo de vida por mandato de Deus não no Monte Carmelo, mas em Carit, julgam alguns, como tu dizes, que deveriam chamar-se *Caritas* e não *Carmelitas*.

Porém se prestas bem atenção, observarás como quis o Senhor que começasse Elias a viver este modo de vida monástica que lhe havia comunicado na solidão de Carit e permanecesse ali só algum tempo escondido de rei Acab e da rainha Jezabel, para que pudessem aproximar-se dele, mesmo que as escondidas, alguns varões piedosos, dos quais seria ele o pai na vida monástica.

Porque, como já dissemos, durante o tempo que Elias viveu em Carit, uns homens tementes a Deus fugiram para viver com ele, por medo de que também eles, impelidos por Acab e Jezabel, caíssem na idolatria dando culto a Baal como o restante da nação.

Neste curto tempo que viveram em Carit com Elias levando vida monástica, lhes ensinou o Profeta o significado místico daquele lugar, ensinamento necessário para vida monástica, já antes explicada.

Não mandou o Senhor a Elias que começasse a vida e o modo monacal em Carit para que ficasse ali arraigado e permanente, ou seja, para que fixasse ele e seus discípulos sua morada naquele lugar por longo



tempo, já que carecia de condições para viverem os monges por não encontrarem ali água. E assim, Elias a poucos dias vivendo naquele lugar, como se secou a Torrente, lhe mandou o Senhor que se fosse.

Eram os dias em que Elias milagrosamente de tal modo havia fechado o Céu para que não caísse nem chuva nem ainda uma gota sobre a terra em castigo da idolatria do rei Acab e da rainha Jezabel e pelos demais pecados do povo, que sobreveio um fome espantosa por toda a Samaria.

Jezabel, cheia de ira contra Elias, pela fome da nação, convenceu a Acab que lhe buscasse por todas as gentes e nações e lhe fizesse matar. Por causa desta perseguição contra ele, não podia o Profeta viver de assento de seguro a vida profética e monástica em nenhum deserto; porém errante e fugitivo procurava vivê-la ora na Torrente de Carit, ora refugiado na casa da viúva de Sarepta, ora no deserto de Bersabé ou na cova do monte Horeb.

Não encontrando-lhe o rei por nenhuma parte, usou, a rainha Jezabel cruel vingança pela fome da nação, em seus discípulos, fazendo que matassem a quantos Filhos dos Profetas encontrasse; por uma ou outra causa lhes perseguia até dar-lhes morte. Como era idólatra, se fatigava por estabelecer em todo o Israel o culto a Baal e fazer desaparecer por completo o culto do verdadeiro Deus.

Elias pelo contrário para restabelecer o culto contínuo de Deus, havia fundado, como temos dito, o Instituto dos Profetas, que se consagravam a louvar a Deus, cantando acompanhados da cítara. Viviam escondidos nos desertos sem que se atrevessem a fixar sua morada contínua por longo tempo em nenhum ermo do reino de Israel por medo do rei Acab e sua mulher Jezabel; senão que, como escreveu o Apóstolo: *Foram apedrejados, massacrados, serrados ao meio, mortos a fio de espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelha e de cabra, necessitados de tudo, perseguidos e maltratados, homens de que o mundo não era digno! Refugiaram-se nas solidões das montanhas, nas cavernas e em antros subterrâneos (Hb XI, 37-38).*

Como por esta causa não puderam fixar sua morada em Carit, nem em lugar algum, tampouco deveriam chamar-se *Caritas*, de *Carit*, nem receber um nome próprio de outro lugar, pois pela perseguição que sofriam não fixaram sua morada em nenhuma parte, e como nos descrevia o Apóstolo, se viam obrigados a andarem errantes e fugitivos de uma a outra parte.



/

Capítulo XVIII

O Senhor aparece a Elias no Monte Horeb e lhe manda que volte a Israel

C ompadecendo-se, por fim o Senhor, da tribulação dos Filhos dos Profetas e querendo por o devido fim, apareceu a Elias, que ainda morava na cova do monte Horeb, e lhe disse: *que fazes aqui, Elias? (III Rs XIX, 9)*, como que repreendendo-lhe porque não vivia já no reino de Israel. E Elias, desculpando-se, respondeu ao Senhor: *Consumo-me de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos. Porque os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vossos altares e passaram os vossos profetas ao fio da espada (III Rs XIX, 14)*.

Então, como nos disse o Sábio, *ouviu Elias no Horeb o juízo de sua vingança (Eclo XLVIII, 7)*. Porque lhe mostrou o Senhor em uma visão admirável, os juízos com que havia determinado defender-lhe a ele e a quantos perseverassem dando-lhe culto, contra todos aqueles que se propuseram acabar com o culto do verdadeiro Deus no reino de Israel e mataram seus Profetas e introduziram em seu lugar o culto a Baal e continuavam tributando-o; porque a uns mataria por meio de Hazael, a outros por Jeú, e a outros por Elias até extirpá-los de Israel.

Lhe revelou também, para seu consolo, que ainda ficou em Israel muitos discípulos seus e adoradores do verdadeiro Deus que não haviam quebrado o pacto com o Senhor e agora os defenderia, assim como a ele, dos inimigos, e os guardaria no reino de Israel para viverem no futuro na tranqüilidade da paz e assim lhe disse: *Sai e conserva-te em cima do monte na presença do Senhor: ele vai passar. Nesse momento passou diante do Senhor um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava naquele*



vento. Depois do vento, a terra tremeu; mas o Senhor não estava no tremor de terra. Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo ouviu-se o murmúrio de uma brisa ligeira (III Rs XIX, 11-12).

Passando o Senhor em forma de vento forte e impetuoso lhe mostrou ali a Hazael e deu a conhecer a Elias nesta visão que Hazael passaria pelo reino de Israel transtornando os montes, ou seja: aos grandes do povo e quebrando as pedras, isto é: as cidades fortificadas de Israel.

Hazael significa *fortaleza de Deus*; porque por ele quis o Senhor aniquilar aos grandes e destruir as cidades fortificadas de Israel, por haverem deixado de darem-lhe a adoração devida. Assim o disse o Profeta Eliseu a Hazael: *O Senhor mostrou-me numa visão que serás rei da Síria (IV Rs VIII, 13); sei os males que farás aos israelitas: incendiarás as suas cidades fortes, passarás ao fio da espada os seus jovens, esmagarás as suas crianças e rasgarás pelo meio o ventre de suas mulheres grávidas (IV Rs VIII, 12).*

O *Livro dos Reis* confirma como Hazael realizou mais tarde todas estas profecias no povo de Israel e o realizou com cruel justiça.

Continua o texto: *não está o Senhor no vento forte*; em verdade não estava Deus em Hazael, que destruía Israel com terrível violência, para perdoar ao povo, porque o povo o havia afastado de si pela idolatria.

Quando se fez sentir o tremor de terra, mostrou Deus ao Profeta a figura de Jeú, o qual passaria pelo reino de Israel como um terremoto destruidor para a casa de Acab. *Jeú* significa *sacudida, terremoto*, porque Deus o escolheu para que destruíssem como um terremoto a família de Acab, por haverem introduzido o culto a Baal no reino de Israel e haver desprezado o culto do Deus verdadeiro e dado à morte aos Profetas do Senhor, como o predisse o Profeta Jonas a Jeú: *Isto diz o Senhor: Sagrote rei de Israel, o povo do Senhor. Ferirás a casa de Acab, teu soberano, e vingará o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor, derramado por Jezabel. Toda a casa de Acab perecerá: cortarei da casa de Acab em Israel todo varão, seja escravo ou livre. Farei da casa de Acab o que fiz da de Jeroboão, filho de Nabat, e da de Baasa, filho de Aía. E Jezabel será devorada pelos cães no solo de Jezrael: Não haverá ninguém que a sepulte (IV Rs IX, 6-10).*

O *Livro dos Reis* narra como mais tarde realizou Jeú detalhadamente a destruição da família de Acab e com dura justiça.



E continua o texto: *não está Deus no terremoto*; porque na família de Acab sangrentamente destruída por Jeú, como o referimos, não estava Deus por haver-lhe tirado e posto no seu lugar a idolatria para dar-lhe culto. Claramente não estava Deus com Jeú, destruidor da casa de Acab, para perdoar esta casa, porque esta família se havia afastado por completo de Deus pela idolatria.

O fogo que passara, era figura de Eliseu. Deus fez ver a Elias na referida visão, a pessoa de Eliseu, que passaria pelo reino de Israel à semelhança de um fogo devorando os jovens idólatras.

Eliseu significa *saúde de meu Deus*, porque havendo sido devorados os filhos dos idólatras, quando o amaldiçoou em Nome do Senhor, veio sobre os adoradores do Deus verdadeiro a saúde do Senhor.

Nem é de estranhar que acontecesse tal castigo àqueles jovens, porque continua dizendo a visão: *não estava Deus no fogo*. Evidentemente não estava Deus com Eliseu para perdoar aqueles jovens devorados como por um fogo, porque seus pais os educavam para que fossem sacerdotes de ídolos.

O sopro de uma brisa suave que passa era figura de Elias. Deus lhe fez ver que ele mesmo, Elias, passaria pelo reino de Israel à semelhança de um sopro suave; porque chamaria a seus discípulos e a todos os demais servos de Deus, passadas as perseguições, para que vivessem no consolo da paz.

Elias significa *Senhor Deus*; porque Deus estava disposto a mostrar-se por seus discípulos e os homens bons, como o Senhor contra seus inimigos; porque destruídos estes inimigos por Elias, como dissemos, conservaria seus discípulos em paz no reino de Israel. Porque Deus estava nestes discípulos e homens bons, pelos quais *passou o sopro da brisa suave*; estes não abandonaram o culto do Deus verdadeiro para entregar-se à idolatria, como o diz o mesmo Deus: *Mas reservarei em Israel sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal, e cujos lábios não o beijaram (III Rs IX, 18)*.

Havendo mostrado o Senhor a Elias todas estas coisas na visão, lhe ordenou que as cumprisse dizendo: *Retoma o caminho do deserto, na direção de Damasco. Ali chegando, (não tu em pessoa, mas por Eliseu) ungirás Hazael como rei da Síria (III Rs IX, 15)*; isto é: dirás de minha parte, que seja ungido e elevado Hazael por rei da Síria; *e ungirás a Jeú*; isto é: dirás de minha parte que Jeú seja ungido e elevado como rei de Israel; *e ungirás a Eliseu*, isto é: dirás de minha parte que Eliseu seja ungido e elevado a Profeta que te suceda: para que quando sejas



arrebatado ao Céu, profetize e anuncie a Hazael e a Jeú, que Eu os proclamo reis.

Colocou o Senhor a estes três homens: Hazael, Jeú e Eliseu, nas mencionadas dignidades para que executassem os juízos, que mostrou a Elias na referida visão. E por isso disse o Senhor, em outra ocasião a Elias: *Todo o que escapar à espada de Hazael, será morto por Jeú, e o que escapar à de Jeú, será morto por Eliseu (III Rs XIX, 17).*



Capítulo XIX

Elias escolhe o Monte Carmelo para viver ele e seus discípulos. – Se reúnem em um oratório para cantar juntos os louvores de Divinos

A penas voltou Elias da cova do monte Horeb à terra de Israel obedecendo à disposição do Senhor, começou como suave brisa a soprar, ou seja: reuniu a seus discípulos e aos demais servos de Deus, para que, já seguros, dessem daí por diante culto ao Deus no reino de Israel, anunciando-lhes em Nome do Senhor, que já haviam terminado as perseguições e Deus lhes conservaria a paz; me disse o Senhor: *Mas reservarei em Israel sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal, e cujos lábios não o beijaram (III Rs XIX, 18).*

Como desde então, porém não antes, puderam viver livres e seguros, Elias e seus discípulos no reino de Israel, buscou o Profeta um lugar apto onde fixasse daí por diante sua casa onde viveria a religião que havia começado a fundar no ano décimo do rei Acab rei de Israel, escolheu o Monte Carmelo para estabelecer ele e seus discípulos, preferindo esse monte a outros muitos desertos, como mais apropriado para poder ensinar e viver melhor a arte profética e a vida monástica.

O Monte Carmelo oferece ao monge solitário uma sentida solidão convidando-o ao silêncio e ao recolhimento; com suas covas lhe oferece espaço suficiente para refugiar-se; com seu bosque lhe comunica alegria; com seu alto cume oferece ar saudável; com suas ervas e seus frutos, alimentos para gado e para os monges; com seus mananciais, doce refrigério para mitigar a sede.

Por todas estas razões Elias escolheu não só para morar este monte, senão que construiu um local destinado para a oração e lhe pôs o nome de *Semnon*(1).

1. Semnon em grego significa pequena reunião de bons; lembre-se de que este Livro da Instituição foi escrito originalmente em grego e conserva esta palavra ao ser traduzido ao latim; o primitivo seria palavra hebraica.



A razão de chamar-lhe *Semion*, foi porque o mesmo Elias e seus discípulos saíam três vezes cada dia de suas tendas ou de suas covas e se reuniam muito devotos naquele local-oratório, não para darem juntos alimento ao corpo nem para executar outras ocupações materiais, mas para pedir misericórdia ao Criador de todas as coisas, e honrar-lhe com ladainhas e orações e para repetir cada um deles com o Profeta Davi: *Pela tarde, de manhã e ao meio-dia lamentarei e gemerei; e ele ouvirá minha voz (Sl LIV, 18)*.

Se reuniam todos no local-oratório, formando um coro para cantar fervorosamente louvores a Deus com salmos, cânticos e hinos acompanhando sua voz com instrumentos musicos e para escutarem e ler os Livros da Sagrada Escritura que continham a Lei e os Profetas e a explicação de seu Pai Elias.

Cresciam e se consolidavam na solidão do Carmelo vivendo a vida monástica segundo a ensinou Deus a Elias e se esforçavam por alcançar a vida bem-aventurada, instruindo-se continuamente nestes conhecimentos e vivendo a ordem estabelecida.

/



Capítulo XX

Porque preferiu Elias o Monte Carmelo a outros montes

Para que os discípulos de Elias estabelecessem já fixa e permanente a residência no Monte Carmelo, procurou fazer deste monte um lugar muito devoto, não só com sua vida exemplar vivendo aqui o resto de seus dias, que foram de dezesseis anos, mas também destacando-lhe sobre todos os outros ermos onde havia vivido, com alguns portentosos milagres realizados para provar claramente aos idólatras que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro.

Havendo dito os Sacerdotes em Jerusalém a seus pais antes do nascimento de Elias, que este seu filho *julgaria a Israel com a espada e o fogo*, nos assegura a Sagrada Escritura no *Livro dos Reis* que os portentos realizados no Monte Carmelo comprovaram bem ser esta profecia verdadeira.

O povo de Israel juntamente com seu rei Acab deram culto a Baal e desprezaram o culto de adoração do Deus verdadeiro, seduzidos pelos sacerdotes daquele falso deus. Abrasada a alma de Elias pelo zelo da glória de Deus, e doído pela transgressão idolátrica do povo, reuniu neste Monte Carmelo a toda a nação com seu rei e lhe propôs este julgamento: se Baal ouvindo as petições e súplicas de seus sacerdotes, enviasse fogo do Céu, que queimasse o sacrifício que no Monte Carmelo lhe iam oferecer, fosse proclamado deus de Israel; porém se Baal não tinha poder para enviar fogo do Céu, nem mesmo para ouvir as súplicas de seus sacerdotes, e lhe enviasse o Deus de Israel, a pedido de Elias para queimar o sacrifício, que lhe ia oferecer neste monte, que a nação deixasse para sempre a Baal e cressem com firmíssima fé que o único Deus verdadeiro era o de Israel.

O povo acolheu benignamente esta proposta de Elias; porém, Baal não pode enviar fogo do Céu para queimar o sacrifício, que seus sacerdotes lhe ofereceram; então Elias, construiu neste Monte Carmelo um altar onde oferecer este sacrifício à vista de todos e suplicou ao Deus de Israel que mandasse vir fogo do Céu para queimar seu holocausto e Deus assim o fez.

Deste modo o povo de Israel, induzido até então na idolatria pelos sacerdotes de Baal, voltou, ensinado por Elias, a dar culto só ao Deus



verdadeiro no Monte Carmelo e Elias passou ao fio da espada na Torrente do Cedrón, a todos os profetas de Baal, que haviam seduzido o povo para que não voltassem a enganá-los.

Fez mais ainda: enganados pelos profetas de Baal, o rei e o povo de Israel invocavam e suplicavam constantemente a Baal durante três anos e seis meses que lhes mandasse chuva, porém o ídolo não havia podido enviar a chuva, nem impedir durante esse tempo que se cumprisse a palavra anunciada por Elias: *não haverá nestes anos orvalho nem chuva, senão quando eu o disser* (III Rs XVII, 1).

Evidenciada deste modo a impotência de Baal durante tanto tempo, se mais patente o poder de Deus; porque pondo-se Elias em humilde oração diante de Deus neste Monte Carmelo, alcançou em seguida que lhe enviasse abundante chuva para a nação.

Ademais: mandou Elias seus emissários a Ocozias rei de Israel, que estava enfermo, para que lhe comunicassem que certamente morreria, porque se prestou a consultar a Beelcebú deus de Acaron, sobre o resultado de sua enfermidade, menosprezando ao Deus de Israel. Fortemente impressionado o rei com esta notícia. Se enfureceu contra Elias e desejando matar-lhe, enviou a um Capitão de cinquenta soldados, para que fosse com ele ao Monte Carmelo e lhe trouxessem Elias; se não quisesse voluntariamente que fosse à força.

Este Capitão, voluntário colaborador do rei no crime, se pôs a caminho irritado e soberbo com seus cinquenta soldados em busca de Elias e lhe encontrou sentado no cume do Carmelo; desprezivamente lhe chamou *homem de Deus* e com soberba lhe mandou que descesse do monte e viesse com ele diante do rei.

Vendo Elias que aqueles soldados desprezavam ao Deus verdadeiro em sua pessoa, fez baixar sobre o Monte Carmelo fogo do Céu, que abrasou ao Capitão e a seus cinquenta soldados.

Com isso se irritou muito mais ainda o rei e mandou pela segunda vez outro Capitão com seus cinquenta soldados. De novo Elias, fez baixar fogo do Céu, que como na vez anterior, abrasou ao Capitão com seus cinquenta soldados no Monte Carmelo.

Com estes evidentiísimos juízos da espada e do fogo, mostrou Elias aos incrédulos que o Deus verdadeiro era o que ele adorava no Monte Carmelo e não Baal, a quem dava culto o pérfido Acab com o povo de Israel, nem Beelcebú a quem mandou consultar o sacrílego rei Ocozias, desprezando ao verdadeiro Deus.



/

Capítulo XXI

No Antigo e no Novo Testamento muitos Padres desta religião viveram no Monte Carmelo, à imitação de Elias, guardando a justiça, o retiro e o silêncio

Elias preferiu para viver o Monte Carmelo a todos os demais lugares desertos, aonde por algum tempo habitou, como o mais apto para estabelecer na religião profética da vida monástica e o melhor para ensiná-la e para vivê-la, como já temos dito. Elias iluminou este Monte e lhe fez muito conhecido com os já relatados milagres, que realizou diante do povo para provar que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro e Baal era deus falso e devia ser desprezado. Por esta razão Eliseu e todos os demais discípulos de Elias, homens religiosos chamados Filhos dos Profetas e quantos lhe

Liber Institutionis Primum Monachorum



sucederam tanto no Antigo Testamento como no Novo, tiveram muita especial devoção pelo Monte Carmelo e lhe preferiram a todos os demais desertos por julgar-lhe o lugar mais vantajoso para sua religião.

E assim estes homens religiosos serviram ao Senhor Deus de Israel com recolhimento na solidão deste Monte, tendo por modelo e norma aquele Santo Solitário Elias o Profeta de Deus e os ensinamentos e modo de vida que o mesmo Deus lhe comunicou; ali viveram na justiça da vida profética e monástica; ali viveram a vida religiosa solitária sem interrupção, separados cada um em um choça, ou nas covas e cavernas ou em um quarto pequenino ao redor da Fonte de Elias, pois a devoção e a santidade deste lugar lhes animava a observar com maior espírito a vida eremítica; ali, dominando com esforçado sacrifício suas paixões, acabaram com a sensualidade e exercitando constantes as virtudes, alcançaram a limpeza do coração.

Livres de discussões e disputas se preparavam para os cultos do Senhor com o silêncio, com um mesmo sentimento e afeto, reunindo-se todos no *semnion* ou local comum diariamente às horas estabelecidas, cantando com paz e harmonia com santo temor e reverência ao Criador tudo o que pertencia ao culto de Deus e se relacionava com a justiça do reino dos céus. O Profeta Isaías, falando em nome do Senhor e referindo-se a estes monges e a este lugar disse: *No deserto reinará o direito, e a justiça residirá no vergel. A justiça produzirá a paz e o direito assegurará a tranqüilidade; meu povo habitará em mansão serena, em moradas seguras, em abrigos tranqüilos (Israel XXXII, 16-18).*

Olha com que beleza descreve Isaías ordenadamente a vida santa daqueles monges, que seria o modelo que copiarium os que lhe sucederam.

Primeiro, aqueles moradores viviam só, cada um por si em seu quartito ou celinha do Monte Carmelo, se reuniam todos os dias para examinar-se a si mesmos dentro de sua consciência e ver se seus pensamentos lhes acusavam ou lhes defendiam de algo mal, por exemplo se se haviam desviado do caminho reto da justiça divina. Por isso disse o Profeta: *habitará a justiça no deserto.*

Segundo, quando a consciência lhes acusava de algo mal, cumpriam com sua obrigação de monge, porque *fixava sobre eles sua morada a justiça no Carmelo*; exercitando a justiça, *tristes e solitários* castigavam com verdadeira penitência aquele mal realizado e em seguida



se emendavam. Por isso disse o Profeta: *e a justiça fixará sua morada no Carmelo.*

Terceiro, se no exame não encontravam nada mal nas atividades de sua alma, pelo que teriam que fazer expiação ou penitência, então do cuidado com que conservavam todas as demais atividades de seu espírito em harmonia com a reta razão, lhes brotava e fazia saborearem a paz da justiça e por isso disse o Profeta: *o fruto da justiça será a paz.*

Quarto, dizendo-nos o Sábio que *no muito falar não faltará pecado; mas quem seus lábios refreia é homem muito prudente (Pr X, 19), ou guarda* sua alma; para preservar-se seguros do pecado, observavam continuamente a justiça com o silêncio e por isso disse o Profeta: *o efeito desta justiça é o sossego e a segurança sempiterna.* E louvando o Senhor pela vida de todos estes monges anunciou: *e repousará meu povo em bela mansão de paz*, fazendo referência à paz interior e *no tabernáculo da perfeita caridade*, que é a que esperamos conseguir na glória eterna, e no gozo *abundante da inteligência*, que é a abundância que procede do gozo da contemplação, dos gozos nascidos na Torrente de minha delícia divina.

Como estes monges guardaram continuamente no Carmelo a justiça da vida monástica à imitação de Elias, se chamaram *Eremítas do Carmelo, ou Carmelitas*, porque ali tinham estabelecida sua morada do modo já dito, aperfeiçoando-se na vida de justiça sem interrupção, como também o disse o Profeta: *a justiça fixará sua morada no Carmelo.*

Os demais monges desta mesma religião, que viviam fixos em outros lugares, desejaram chamar-se também Carmelitas, porque o modo de sua religião e sua vida santa procede daqueles monges que no Monte Carmelo procuraram e procuram até o dia de hoje sem interrupção imitar humildes a vida religiosa do Profeta Elias.

Todos os verdadeiros membros desta religião quer vivam no Monte Carmelo, quer em outros lugares, confessam com simplicidade que continuam aquela santa e profética justiça, que instituiu e observou Elias o Profeta de Deus e mostrou que deviam seguir o mesmo modo que Deus o ensinou a ele e ele ensinou a seus discípulos, com a palavra e com o exemplo, o modo de vivê-la, em especial quando residiu no Monte Carmelo.



/

Capítulo XXII

Porque Elias e Eliseu fundaram nas cidades os grupos dos Filhos dos Profetas, a qual depois de uma primeira formação sobre vida monástica, faziam sua profissão

Ainda quando Elias e mesmo Eliseu e todos os demais verdadeiros religiosos, que se haviam consagrado na mesma vida, viviam principalmente nos lugares solitários, acudiam, todavia, algumas vezes, por mandato expresso do Senhor, às cidades e às vilas para o bem das gentes, fazendo milagres nos povoados, anunciando-lhes o futuro, repreendendo os vícios dos homens, exortando-os que honrassem a Deus de quem se afastaram e atraindo a muitos à sua religião profética.

Daqui que nos bairros ou cercanias de algumas cidades ou vilas da Terra Prometida, em especial de Galaad, em Betel, em Jericó e em Samaria, haviam fundados centros de Filhos dos Profetas homens



religiosos, como se no *Livro dos Reis*, e nestes centros viviam sempre que iam às cidades e vilas.

A todos os homens do povo que podiam ganhar para sua religião profética os ensinava estes centros primeiro a disciplina profética e os princípios da vida religiosa monástica para retirá-los gradualmente do trato com as cidades e mais tarde os passavam aos desertos e lugares solitários.

Quando estes monges Filhos dos Profetas, que habitavam nas cidades, aprendiam os princípios do conhecimento profética e da vida monástica religiosa, olhavam as cidades como cárceres e a solidão era para eles um paraíso.

Desejando adiantar-se no caminho da perfeição, preferiam viver a vida monástica e profética longe das cidades; desejando a solidão, se retiravam a viver nelas com o conselho e aprovação dos Profetas que lhes governavam e dirigiam. Assim lemos no *Livro dos Reis*, que estes Filhos dos Profetas, disseram a Eliseu: *Os filhos dos profetas disseram a Eliseu: Vê: o lugar em que moramos contigo tornou-se estreito demais para nós. Vamos até o Jordão, tomemos dali cada um de nós uma viga, e construamos ali uma sala em que habitemos (IV Rs, VI, 1-2).*

De tal maneira haviam aumentado os monges, que não podiam viver todos com espaços suficientes na solidão do Monte Carmelo e, por isso, seguindo a vontade dos Profetas que os governavam, escolhiam viver não só no Monte Carmelo, mas além deste lugar em outros lugares também solitários, muito próprio para sua devoção e seu gênero de vida e preferiam aqueles lugares mais conhecidos pelos prodígios e milagres que neles realizaram Elias e Eliseu.

Como Elias e Eliseu se haviam feito famosos junto ao rio Jordão pelos grandes milagres que fizeram ali como foi dividir ou deter suas águas em duas partes e por duas vezes tocando-as com o manto de Elias fazendo um caminho seco para que passassem os Profetas o rio e que banhando-se no Jordão por mandato de Eliseu, Naaman coberto de lepra, se viu livre da lepra e ficou completamente sã, movidos alguns monges dos Filhos dos Profetas pela devoção destes milagres e atraídos pela vantagem da água, construíam suas tendas ou choças na solidão junto à corrente do Jordão como o indicava Eliseu o Profeta de Deus e lemos no *Livro dos Reis* quando lhes disse: *Mas vem também tu com os teus servos, ajuntou um deles. Eu irei, disse ele. E partiu com eles. Chegados ao Jordão, puseram-se a cortar madeira (IV Rs VI, 3-4)* para a construção de suas choças.



Alguns destes monges Filhos dos Profetas, escolheram para sua morada o monte de Efraim. A estes fazia referência Giesi, o criado de Eliseu, quando descia a Naaman o Sírio: *acabam de chegar dois jovens da montanha de Efraim dos Filhos dos Profetas (IV Rs, V, 22).*

Vendo estes monges que o povo adorava o bezerro de ouro que Jeroboão havia posto para que lhe adorassem, se afastaram da gente e, por conselho de Eliseu caminharam à solidão do monte de Efraim, temendo não se contaminassem também eles de idolatria com o exemplo dos demais e, na solidão, se consagravam com maior liberdade a dar culto a Deus.

Muitos de nossos monges não só dos que viviam no Monte Carmelo, senão também em muitos outros lugares solitários da Terra Prometida, receberam muito gozosos esta vocação de instruir-se no conhecimento profética da vida monástica destes nossos varões santos Filhos dos Profetas e vieram a viver a mesma vida santa que eles levaram.

Muitos deram a estes monges o nome de *anacoretas*, porque compungidos e como angustiados em seu coração com as abstinências dos jejuns e com as demais mortificações do corpo, não temiam adentrar-se cada vez mais nos desabitados esconderijos da solidão do Monte Carmelo e de outros desertos da Terra Prometida à imitação de Elias, como já se disse.

Fortalecido seu espírito na solidão com pensamentos santos e fervorosas orações e com as demais armas da justiça, não só venciam as ocultas ciladas do diabo, senão que, menosprezando os combates manifestos dos demônios, levantavam com tanto ímpeto seu espírito à contemplação de Deus, à imitação de seu fundador Elias, que se consideravam como transportados aos coros celestiais *olhando já sem véu o rosto glorioso de Deus (II Coríntios III, 18)*, gozando da conversação do mesmo Deus a quem estavam unidos pela pureza de seu coração e a atenção de sua alma.



/

Capítulo XXIII

Elias é arrebatado ao Céu e Eliseu lhe sucede no espírito de profecia e no ofício de superior

Havendo governado Elias com muita prudência e acerto a religião, que ele mesmo havia fundado, soube por revelação divina, que iria o Senhor levar-lhe deste mundo ao Paraíso de delícias em um turbilhão de fogo.

Dirigindo-se ao lugar onde havia de ser levantado ao céu, caminhou com seu discípulo Eliseu ao Jordão. Chegados ao rio, tocou Elias com sua capa dobrada as águas e nos diz a história Sagrada no *Livro dos Reis*, que as águas se dividiram separando-se em duas partes fazendo caminho para que passasse pelo rio seco estes dois varões de Deus, como o fizeram.

Conforme continuavam seu caminho conversando, ali mesmo apareceram um carro e uns cavalos de fogo, que separando um do outro, deixaram a Eliseu em terra e *arrebataram a Elias no carro de fogo e foi levantado ao céu por um turbilhão de fogo (IV Rs 2, 11)*; isto é: ao Paraíso de delícias, situado em lugar ignorado e por terra e por mar muito longe de onde vivem os homens e já quase tocando o céu.



Naquele lugar junto com Enoc, que foi levado muito antes, vive Elias com grande paz e gozo de corpo e de alma e viverá até o tempo do Anticristo; então voltará a este mundo como nos disse o Senhor: *Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas* (Mt XVII, 11).

Antes de ser Elias trasladado da terra ao Paraíso de delícias, quando já era iminente a partida, visitou solícito cada um dos centros de seus monges e os regalou com um padre digno, que em seu lugar dirigisse e governasse a todos.

Para fazer essa visita e despedida, desceram ele e Eliseu do Monte Carmelo e juntos vieram a Gálgata, logo a Betel e depois a Jericó, pois já dissemos que nestes lugares tinham centro os religiosos varões Filhos dos Profetas discípulos de Elias. Na visita lhes exortou a perseverarem no propósito que tinham de viver a disciplina profética e vida monástica e lhes disse para não se entristecerem porque ele ia ausentar-se só corporalmente, não tardando.

Terminada a visita e despedindo-se, continuou com Eliseu até o Jordão.

Iam atrás deles cinqüentas homens Filhos dos Profetas; estes se detiveram enfrente do rio um pouco longe quando Elias e Eliseu passaram milagrosamente o Jordão a pé pelo rio seco.

Já em outra parte do rio, disse Elias a Eliseu: *Pede-me algo antes que eu seja arrebatado de ti: que posso eu fazer por ti* (IV Rs II, 9).

Elias havia recebido do Senhor o duplo espírito de conhecer o oculto, especialmente o futuro e de fazer milagres. Eliseu lhe pediu não só um destes dons, senão os dois dizendo-lhe: *Seja-me concedida uma porção dobrada do teu espírito*.

Havia o Senhor dito a Elias quando estava este na entrada da cova do Monte Horeb: *ungirás a Eliseu, filho de Josafá, natural de Abel-Meula, por Profeta teu sucessor* (IV Rs II, 10). Nestas palavras do Senhor, compreendeu Elias que depois de sua elevação ao céu, seria Eliseu seu sucessor não só no poder de operar milagres, senão também no espírito de profetizar o futuro; de modo que quando Eliseu lhe pede seu duplo espírito ou suas duas graças extraordinárias, Elias surpreendido lhe responde: *coisa difícil é a que me pedes* (IV Rs II, 10).

Pensando, todavia, diante do Senhor, que se Eliseu recebesse a graça de ver o modo secreto e maravilhoso com que Deus lhe levaria da terra ao céu, também receberia do Senhor, por intercessão sua, o que lhe havia pedido, aludiu em seguida: *Entretanto, se me vires quando eu for arrebatado de ti, isso te será dado: mas se não me vires, não te será*



dado (IV Rs II, 10). Eliseu viu como lhe separavam de Elias, e foi o sinal de que se lhe havia concedido seu pedido, ficando ele por sucessor de Elias com o dom de fazer milagres e de predizer o futuro como nos diz o Sábio: Elias foi então arrebatado em um turbilhão, mas seu espírito permaneceu em Eliseu (Eclo XLVIII, 13).

Quando Elias viu seu discípulo Eliseu pleno de seu espírito, iluminado por Deus, igualmente viu que era muito digno e capaz para governar a seus discípulos os Filhos dos Profetas, e lhe transferiu o governo e a formação de toda a religião que ele mesmo, Elias, havia fundado, e em sinal de união, naquele momento entregou a Eliseu seu tão célebre hábito de religião, deixando-lhe sua capa quando já subia ao céu.

Eliseu se cobriu com esta capa e se tirou a sua rasgando-a pela metade, para que, vendo-lhe os Filhos dos Profetas vestido com o mesmo hábito que usava Elias, reconhecessem que estava cheio do espírito de Elias e sem tardança nem obstáculo lhe receberam em seu lugar como a Pai e Mestre.

Ao regressar Eliseu daquele lugar, tocou duas vezes as águas do Jordão com a capa de Elias, estando vendo-lhe os religiosos varões Filhos dos Profetas, que na outra margem oposta do rio, esperavam sua volta; não dividindo-se as águas ao primeiro toque, repetiu a ação de tocá-las e, pela segunda vez, se separaram as águas do Jordão de cada lado deixando-lhe seco o lugar pelo qual passou Eliseu.

Ao verem os Filhos dos Profetas que as águas do rio haviam dado milagrosamente passagem a Eliseu, reconheceram nele o sucessor de Elias, e que gozava do duplo espírito referido e se diziam uns aos outros: *O Espírito de Elias repousa em Eliseu. Foram-lhe ao encontro, prostraram-se por terra diante dele IV Rs II, 15*), recebendo-lhe em lugar de Elias, como o principal Pai e Mestre, pois lhe viam vestido com o mesmo hábito de Elias e agraciado com seu mesmo espírito.

Com este feito fixaram a regra para seus sucessores de que quando lhes falte seu Pai principal e geral de todos, recebam humildes por Pai universal que lhe sucede, que quem lhes envia o Senhor mostrando-o com milagres e prodígios como fez com Eliseu.

Quando não se vêem esses sinais, com todo o cuidado e unidos todos, procuram eleger por Pai comum ao que sobressaia entre todos no espírito e na virtude de Elias, como sobressaia Eliseu entre quem lhe receberam por Pai.



/

Capítulo XXIV

O Profeta Eliseu visita os conventos dos Profetas e ressuscita um morto

Em seguida que Eliseu aceitou o cargo de dirigir a religião profética fundada por Elias, se pôs diligente a visitar cada um dos centros de monges Filhos dos Profetas e para consolá-los da ausência de Elias, fazia milagres e prodígios diante deles, tanto para que não parecesse que havia recebido inutilmente essa graça extraordinária de Deus, tanto para mostrar-lhes com isto que estava em lugar de Elias, como também para fortalecer os na perseverança da vida monástica.

E por isso, vivendo com os monges Filhos dos Profetas de Jericó, adoçou Eliseu as águas amargas da cidade a pedido de seus habitantes e na presença deles, jogou sal no rio.

Subindo dali a visitar ao Filhos dos Profetas, que habitavam em Betel, os homens desta cidade trataram o Profeta como a um homem detestável, porque adorava ao Deus verdadeiro e incitaram aos jovens que insultassem e escarnecessem de Eliseu: *saíram da cidade alguns rapazes, e puseram-se a zombar dele, dizendo: Sobe, careca; sobe, careca (IV Rs II, 23).*

Ao ver que aqueles cidadãos idólatras olhavam ao Deus verdadeiro como se fosse nada, pois lhe desprezavam ele por dar-lhe culto, Eliseu, voltando-se para os jovens, os olhou e os amaldiçoou em Nome do Senhor, querendo engrandecer deste modo o Nome do Senhor, a quem



eles desprezavam, e *Imediatamente saíram da floresta dois ursos e despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes (IV Rs II, 24)*. Quando os homens de Betel tiveram notícia do acontecido, temeram de tal modo o Nome do Deus de Eliseu e os Filhos dos Profetas, que viviam ali, diante de tão grande prodígio, recebendo a Eliseu por seu Pai e Mestre com grande honra e cheios de alegria.

Depois partiu Eliseu ao Monte Carmelo (IV Rs II, 25) para fazer a visita e consolar aos Filhos dos Profetas que ali residiam. Então se deteve pouquíssimo tempo no Monte Carmelo pelo desejo que tinha de visitar logo todos os demais Filhos dos Profetas e logo poder voltar ao Carmelo.

Caminhou, pois, até a Samaria e visitou também aos Filhos dos Profetas naquela cidade; ali encontrou a esposa de Abdias angustiada pelas dívidas contraídas por causa do alimento, que Abdias proporcionou aos cem discípulos de Elias no tempo que os conservou a vida escondendo-os em covas. Eliseu quitou a dívida da viúva e proporcionou alimento a ela e a seus filhos, multiplicando milagrosamente em grande quantidade o pouco de azeite, que tinha mulher em sua casa; a viúva vendeu o azeite e com o preço pagou credor e ainda sobrou para proporcionar-lhe a ela e a seus filhos a comida.

Enquanto voltava Eliseu dali ao Monte Carmelo, passou pela cidade de Sunan onde vivia uma mulher rica em cuja casa se hospedava sempre que passava por aquele lugar. Essa mulher lhe recebia em sua casa, lhe atendia com diligência e até fez uma habitação destinada só para o Profeta e lhe dava com generosidade tudo o que necessitava. Não tinha filhos por ser seu marido já ancião. Mas Eliseu, em prêmio pela caridade com que lhe recebia, prometeu-a que ela teria um filho de seu marido. Cumprida a profecia, aconteceu que correndo o tempo e já crescido o filho, este morreu.

A mulher disse a seu marido que queria irmãs ver a Eliseu no Monte Carmelo; porém ignorando o marido a morte do filho lhe respondeu: *Por que vais ter com ele hoje? Não é lua nova, nem sábado (IV Rs IV, 23)*; como que dizendo-a: Se hoje fosse dia de festa terias razão para subir até ele.

As pessoas piedosas costumavam visitar nos dias de festa a Eliseu e a todos os demais monges do Monte Carmelo pela devoção que tinham de escutar de seus lábios e dos outros Profetas a Palavra de Deus e os levavam a benção dos alimentos.

Chegando esta mulher a Eliseu no Monte Carmelo, curvando-se por terra abraçou a seus pés e lhe disse: *Pedi eu porventura um filho ao*



meu senhor? *Não te disse que não zombasses de mim? (IV Rs IV, 28).* Se considerava como enganada, porque perdia tão cedo o filho, que Eliseu tinha obtido de Deus sem que ela lhe houvesse pedido.

Vendo-a Eliseu tão cheia de amargura, se levantou e a seguiu até sua casa, e entrando no quarto onde estava o menino morto, se pôs em oração até que o ressuscitou. Entregando-lhe já vivo à mãe e ela se prostrou por terra aos pés de Eliseu venerando-lhe e dando graças a Deus e ao Profeta.

Com estas maravilhas e outras muitas, mostrou Eliseu aos religiosos Filhos dos Profetas e discípulos de Elias, que ele recebera o espírito duplo de Elias e por isso lhe receberam todos estes monges por principal e comum Pai e Mestre de todos.



/

Capítulo XXV

Eliseu instruiu aos recabitas na vida monástica e alguns milagres que fez.

Muitos homens piedosos vinham a Eliseu atraídos pelos milagres e prodígios que realizava entre as gentes do povo.

Um homem de Deus chamado Jonadab, filho de Recab, teve conhecimento do milagre realizado por Eliseu ressuscitando ao filho da Sunamita, e isto lhe moveu a seguir-lhe e a viver segundo a disciplina ou modo de vida profética.

Os Cineus, progenitores de Recab, homem de Deus, haviam recebido de Jabes, célebre doutor da Lei de Deus, uma profunda instrução religiosa e ensinaram a seus descendentes a cantarem a Lei de Deus e os louvores divinos acompanhando-se de instrumentos musicos.

Jonadab estava perfeitamente instruído em tudo isso e querendo chegar ao cume da perfeição, imitou, como se disse, ao Profeta Eliseu em viver o modo de vida monástica eremítica. E mesmo sem imitar Eliseu no guardar a castidade virginal, preferindo, pela fraqueza da carne, viver ele e seus descendentes o matrimônio e também deste modo ter filhos que louvassem ao Senhor, imitou todavia, a Eliseu no deixar todas as coisas e os bens e em habitar em tendas fora das cidades tanto ele como os Cineus, que dele descendiam. Sobre isto lemos no Livro das Crônicas: *Estes são os cineus, procedentes de Hamat, pai da casa de Recab, (I Cr II, 55)*, ou seja, do fervor da vida religiosa da casa de Recab, cantando, tocando e vivendo em tendas.

Os Cineus descendem deste Recab e com seu filho Jonadab, abraçaram a religião eremítica de Eliseu e eram reconhecidos com o nome de *Recabitas*.



O Profeta Eliseu formou e instruiu muito bem a Jonadab, Pai de todos eles, no conhecimento e na arte profética da vida monástica religião. Recab, menos na castidade virginal, impôs a todos os *recabitas* e a quantos se lhe unissem para viver do mesmo modo, todas as demais coisas estabelecidas na religião de Eliseu (**Jer XXV, 8-10**); isto era o estabelecido, que obedecessem sempre ao Pai comum; que jamais bebessem vinho; que não edificassem casas; que não semeassem nem tivessem campos próprios; que não possuíssem nem plantassem vinhas, senão que para vivessem em tendas fora das cidades, segundo o descreve mais extensamente Jeremias ao falar de sua vida.

Eliseu governava e dirigia com grande esmero e acerto aos monges Filhos dos Profetas, que se haviam posto debaixo de sua obediência e com seu exemplo e seu ensinamento lhes induzia a procurar viver a perfeição segundo o modo e ordem da vida monástica que o Senhor ensinou a Elias para chegar do modo melhor e mais seguro ao reino de Deus.

Provia-lhes também de tudo o que necessitassem para que não estivessem preocupados com o futuro e conseguia esta provisão valendo-se não só do trabalho humano ordinário, senão algumas vezes do modo milagroso e superior ao poder natural.

No *li dos Reis* lemos que havia naqueles dias fome no país, e estes Filhos dos Profetas a sofriam também junto com Eliseu com quem viviam. Compadecido da fome que passavam disse um dia a um de seus servidores: *Toma uma panela grande e prepara uma sopa para os filhos dos profetas. Foi um deles ao campo para colher legumes, e encontrou uma planta silvestre; colheu dela coloquintidas selvagens, encheu o manto, voltou para casa e cortou-as em pedaços dentro da panela da sopa, sem saber o que era. Serviu-se a refeição aos homens. Logo, porém, que provaram da sopa, puseram-se a gritar: Homem de Deus, a morte está na panela (IV Rs IV, 38-40)*; pela amargura das coloquintidas, notaram que aquela sopa era de morte.

Não se indignou Eliseu com o cozinheiro, que não era acostumado a fazer comidas mais regaladas. Somente lhe disse: *Traz-me farinha; e assim que a trouxeram deitou-a na panela* e em seguida recebeu um ótimo sabor a comida, desaparecendo o amargor. Mandou Eliseu que de novo a servissem aos Filhos dos Profetas e a encontraram com bom sabor comendo-a com agrado.

Em outra ocasião um bom homem trouxe de Betsáida por devoção a Eliseu *uns pães de primícias; vinte pães de cevada e trigo novo no seu*



saco (IV Rs IV, 42). Eliseu disse a seu encarregado que os dessem aos Filhos dos Profetas para comer, ao que respondeu o servidor: Como poderei dar de comer a cem pessoas com isto? Como dizendo: é pouco menos que nada para tantos. Mas Eliseu lhe disse: Dá-os a esses homens, repetiu Eliseu, para que comam. Eis o que diz o Senhor: Comerão e ainda sobrar. E deu-os ao povo. Comeram e ainda sobrou, como o Senhor tinha dito (IV Rs IV, 43-44) a Eliseu, multiplicando milagrosamente os pães, sem acrescentar coisa alguma externa.

Era muito conveniente que se lhes desse tudo isso para que não ficassem intranqüilos, sem razão, com o que comeriam, ou o que beberiam e com o que se vestiriam; porque antes de todas as coisas buscavam o Reino de Deus e a sua justiça, pondo todo seu cuidado em Deus, o qual se ocupa de prover a todos os homens (Mt VI, 33-34).



/

Capítulo XXVI

Os monges Carmelitas, pela misericórdia de Deus, se viram livres do cativo do povo judeu

Porque estes monges enquanto os governou Eliseu e igualmente depois de sua morte, buscavam com todo o seu coração o Reino de Deus, e para melhor alcançar-lhe deixavam as riquezas terrenas e desprezavam os gozos da carne e fugiam do trato com os homens dos negócios das gentes, os livrou Deus dos cativos que padeceram o povo Judeu em castigo por seus pecados antes da Encarnação de Jesus Cristo.

O que viu o povo judeu para maior confusão sua, foi o não poderem-se livrar eles da derrota e cativo defendendo-se em cidades fortíssimas e fortificadas, enquanto os monges Carmelitas que viviam em um desamparado deserto do Monte Carmelo sem defesa alguma, os amparou e livrou Deus dos desprezos dos Assírios e do exército Caldeu.

A causa destes tão diferentes resultados foi que o povo Judeu quebrou a Lei de Deus e estes monges observaram com fidelidade a Lei Divina.

Tudo isso expressou bem o Profeta Isaías quando em Nome do Senhor anunciou que viria o cativo do povo Judeu e a desolação de sua terra, dizendo entre outras coisas: *batei nos vossos peitos, (chorando) sobre a sorte dos campos férteis e das vinhas fecundas, sobre as terras de meu povo, onde só crescem sarças, sobre todas as casas de prazer da cidade alegre. O palácio está deserto, a cidade barulhenta está abandonada. Ofel e a torre de guarda serão para sempre planaltos desnudos, onde vagueiam os asnos selvagens e pastam os rebanhos (Is XXXII, 12-14).*

E um pouco mais adiante fazendo referência aos monges Carmelitas daquele tempo, anunciava o Profeta em Nome do Senhor o contrário dizendo: *Até que sobre nós se derrame o espírito do alto, então o deserto se mudará em Carmelo, e o Carmelo tomará o aspecto de uma floresta; No deserto reinará o direito, e a justiça residirá no vergel. A*

Liber Institutionis Primum Monachorum



justiça produzirá a paz e o direito assegurará a tranqüilidade; meu povo habitará em mansão serena, em moradas seguras, em abrigos tranqüilos (XXXII, 15-18).

No tempo do cativo Judaico, era o Carmelo deserto, de modo que não havia nele nem fortaleza nem edifícios e o consideravam um bosque. A povoação de monges que ali havia, vivia naquela solidão o Juízo de Deus e guardava no Carmelo a justiça do Reino dos Céus, como o havia predito o Profeta: *a virtude habitará no deserto e fixará a justiça sua morada no Carmelo; a obra ou fruto dessa justiça é a paz*, com a qual não era possível que houvesse guerra entre eles nem discussões; e o culto com que se honrava esta justiça era o silêncio, com o qual se evitava o encontro nas palavras. O culto desta justiça era também a segurança, com a qual afugentavam do coração o medo dos inimigos.

De tal maneira estavam aqueles monges prontos para viverem entre si a paz, que não havia entre eles guerra nenhuma e de tal maneira tinham assegurada a paz de sua boca pelo silêncio, que não havia entre eles nenhuma discussão e tinham o espírito tão pacíficos e seguros, que nada lhes pesava na consciência diante de Deus.

Por isso tinham tal confiança em Deus seu Protetor, cuja Vontade executavam em tudo, que não tinham medo algum dos inimigos. Isso disse o Sábio: *Quando agradam ao Senhor os caminhos de um homem, reconcilia com ele seus próprios inimigos (Pr XVI, 7).*

E como todo o seu cuidado era agradar a Deus pela fidelidade na justiça e na virtude, Deus os protegeu do temor e os livrou do escárnio dos inimigos e do cativo, que sofreram os judeus como o havia anunciado por Isaías dizendo: *meu povo habitará em mansão serena, em moradas seguras, em abrigos tranqüilos*, ou seja: nas virtudes e nos fertilíssimos pastos da verdadeira religião, como dizia o Profeta Miquéias quando afirmava que a terra de Judá seria assolada por seus pecados: *A terra tornar-se-á um deserto, por causa de seus habitantes: tal será o fruto de suas obras (Mq VII, 13)*, porém acrescentavam idéias muito distintas referindo-se a estes monges dizendo: *Conduzi com o cajado o vosso povo, o rebanho de vossa herança que se encontra espalhado pelas brenhas, para o meio do Carmelo; que ele paste como outrora em Basã e em Galaad (Mq VII, 14).*

Aqui o Profeta pede primeiro a Deus que os monges, que habitam no Monte Carmelo, não sejam incluídos na sentença de desolação pronunciada contra os judeus, senão que o mesmo Deus, lhes apascente como antes com a Doutrina da religião, sob o seu Cetro, que é a Regra de



sua direção; e por isso acrescenta: *apascenta ó Deus meu, ao teu povo com o teu cajado*; deste cajado disse o Profeta David: *o cetro de teu reino é um cetro de justiça (Salmo XLIV, 7)*.

Para que não se pensasse que o Profeta orava por todo o povo judeu, especifica que é só por estes monges, dizendo: *o povo de tua herança, que habita só no bosque, quer dizer: do Carmelo*.

Prevendo que sua oração seria favoravelmente acolhida, prediz em segundo lugar que sucederá o que ele pediu dizendo: *no meio do Carmelo será apascentado Basã e Galaad*. Por *Basã e Galaad* entendeu ele que significava estes monges do Carmelo, primeiro porque a maioria deles eram então, naturais das regiões de Basã e Galaad; segundo, porque Basã significa vinha fértil e a congregação ou reunião destes monges se alimentavam no meio do Carmelo com manjares divinos, os quais eram as doutrinas da verdadeira religião.

Galaad significa *grande quantidade de testemunho*, e Deus congregou no meio do Carmelo o grupo destes monges como testemunho contra os judeus para que se dessem perfeita conta a nação de que havia sido levada ao cativo e a terra foi desolada por quebrarem a Lei de Deus, enquanto estes religiosos, porque guardaram a Lei de Deus, permaneceram livres naquele terra *no meio do Carmelo*.

Continuando expõe o Profeta como seriam apascentados dizendo: *como nos tempos antigos, naqueles em que Elias com o cajado da direção do Reino de Deus* na doutrina e conhecimento da vida profética e da vida monástica no Monte Carmelo, segundo o modo que o mesmo Deus lhe mostrou a ele para que fundasse esta religião.

/

Capítulo XXVII



Os recabitas não foram levados a Babilônia junto com o povo judaico

A pesar de terem sido obrigados os monges *recabitas* viverem em Jerusalém enquanto o exército caldeu assolava a cidade e toda a terra de Judá, não foram levados a Babilônia com o restante da nação, mas continuaram vivendo na terra de Promissão, como os monges Carmelitas, segundo já dizemos.

Nabuzardan, chefe do exército do rei Nabucodonosor, trasladava o povo Judeu ao profetizado cativoiro da Babilônia e permitia que estes monges *recabitas* continuassem vivendo em liberdade com o Profeta Jeremias, como este mesmo Jeremias havia anunciado em Nome do Senhor sobre o cativoiro do povo e a liberdade dos *Recabitas* dizendo: *Os filhos de Jonadab, filho de Recab, têm observado constantemente o preceito, que lhes deixou seu pai; mas esse povo não me tem obedecido.*

Portanto, isto diz o Senhor Deus dos Exércitos, o Deus de Israel: Os filhos de Jonadab, filho de Recab, respeitam as prescrições de seus pais, mas esse povo não me escuta! Eis por que, assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel, vou lançar sobre Judá e os habitantes de Jerusalém os flagelos de que os ameacei, porquanto lhes falei e não me escutaram, e quando os chamei não me responderam. A seguir, disse Jeremias à família dos recabitas: Eis o que diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: já que obedecestes à ordem do vosso pai Jonadab, e observastes tudo o que vos prescreveu, promete-vos o Senhor dos exércitos, Deus de Israel, que a Jonadab, filho de Recab, não faltarão descendentes que se hão de conservar na minha presença (Jr XXXV, 16-19).

Por *varão da estirpe de Jonadab* entendeu principalmente Deus não a descendência de Jonadab segundo a natureza, mas sim a família de nossa religião eremítica. Nem foram os filhos nascidos de Jonadab ou os gerados por ele, quem perseverarão constantemente diante do Senhor, mas somente puderam ver sem constantemente e sem fim os monges que lhe sucederam nesta religião eremítica, inclusive quando a estirpe natural dos *recabitas* durou até que Tito e Vespasiano destruíram a cidade de Jerusalém; pois, quando os judeus poucos antes da destruição de Jerusalém mataram a pedradas o Apóstolo São Tiago filho de Alfeu, um sacerdote da família dos *recabitas* se esforçou por livrar-lhe da morte pela razão que o Apóstolo São Tiago nunca bebeu vinho e observou



outras grandes abstinências muito semelhantes as guardadas entre os recabitas.

/

Capítulo XXVIII

Liber Institutionis Primum Monachorum



Os monges Carmelitas Cristãos são da mesma religião que os monges fundados por Santo Elias no Carmelo na Lei Antiga

Alguns homens pensando que os monges que agora vivem no Monte Carmelo são cristãos, julgaram, como tu dizes, amado Caprásio, que não pertenceram à mesma religião que aqueles fundados antigamente no mesmo monte pelo Profeta de Deus Santo Elias, porque aqueles não eram cristãos e sim judeus.

Quão longe da verdade está esta opinião, o verás claramente pelo que agora vou dizer-te; os antigos monges deste monte, mesmo quando ainda não eram cristãos de nome, foram verdadeiros cristãos na fé reta que tinham, como são os monges atuais: Eles tiveram uma fé firme em Cristo, de quem esperavam receber a salvação de suas almas e para melhor assegurar essa salvação deixaram o mundo e consagraram a Deus seus corpos e suas almas. Deles disse o Apóstolo: *Foram apedrejados, massacrados, serrados ao meio, mortos a fio de espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelha e de cabra, necessitados de tudo, perseguidos e maltratados, homens de que o mundo não era digno! Refugiaram-se nas solidões das montanhas, nas cavernas e em antros subterrâneos. E, no entanto, todos estes mártires da fé não conheceram a realização das promessas (Hb XI, 37-39).*

Se disse o Apóstolo *que foram provados com o testemunho da fé*, quem se atreverá a dizer que foram pérfidos como são os judeus atuais, e não dirá melhor, com toda a verdade que foram fiéis e crentes?

Se Nosso Salvador quando dizia a seus discípulos: *Eu vos declaro, em verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvís e não ouviram (Mt XIII, 17)*. Mesmo quando eles não viram a instituição dos Sacramentos, gratuitamente, como nós vemos, feita por Jesus Cristo para perdoar os pecados, e também quando não ouviram os dogmas, doutrinas e milagres ensinados e feitos por Jesus Cristo e que nós sabemos, que ensinou e realizou para a salvação das almas e que se firmassem na fé, anunciaram eles a seus sucessores que sucederia tudo isso, como nos assegura o Apóstolo São Pedro: *todos os Profetas, que desde Samuel em diante profetizaram, anunciaram o que se passa nestes dias (At III, 24)*.

Não se pode pensa retamente que seus sucessores não pertenciam à mesmo religião daqueles, por estes serem cristãos, mas só poderiam pensar que seus sucessores não tinham nada a ver com sua religião, se eles não houvessem aceitado o rito e a fé de cristãos para conseguir a



salvação das almas, como lhes tinha anunciado seus Profetas. O assegura o Apóstolo São Pedro: *Esta salvação tem sido o objeto das investigações e das meditações dos profetas que proferiram oráculos sobre a graça que vos era destinada. Eles investigaram a época e as circunstâncias indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava e que profetizava os sofrimentos do mesmo Cristo e as glórias que os deviam seguir. Foi-lhes revelado que propunham não para si mesmos, senão para vós, estas revelações que agora vos têm sido anunciadas por aqueles que vos pregaram o Evangelho da parte do Espírito Santo enviado do céu (I Pd I, 10-12).*

Os monges Filhos dos Profetas, que como já dissemos, viviam no deserto do Monte Carmelo, e nos lugares solitários que estão junto ao rio Jordão e em outros desertos e cidades da Terra Prometida, eram os sucessores daqueles santos Profetas, e deles haviam aprendido e conservavam diligentemente como profecia, que Cristo iria se Encarnar, e haveria de morrer e logo ressuscitaria glorioso para redimir ao gênero humano, e com todo seu coração desejavam a Cristo e esperavam sua chegada.

Como o Senhor teve a bondade de instruir estes monges por Elias e pelos demais Profetas, que se haviam proposto o mesmo fim de vida, sobre a futura vinda de Cristo, teve também a mesma bondade em ensinar-lhes a presença de Cristo no mundo por meio de seu Precursor. Pois ordenou o Senhor que este Precursor de tal maneira precederia a Jesus Cristo segundo o espírito e a virtude de Elias que desde sua infância se abraçou com a observância de sua monástica vida eremítica como Elias a havia fundado. O Evangelista São Lucas não quis deixar passar isso em silêncio, e disse do Precursor: *O menino foi crescendo e fortificava-se em espírito, e viveu nos desertos (Lc I, 80).*

Note-se que São Lucas disse que *habitou nos desertos*, porque João se retirou a viver escondido, umas vezes no deserto da solidão do Jordão como os Filhos dos Profetas, e outras, nos desertos dos montes à imitação de Elias e Eliseu. /

Capítulo XXIX

João Batista foi verdadeiro imitador de Elias. Batizou aos Filhos dos Profetas sucessores de Elias e os instruiu para que recebessem a fé em Cristo



Quando chegou a plenitude do tempo sagrado, Deus enviou àqueles monges dos desertos *este homem chamado João* (Jo I, 6), que era o Batista, monge adiantado em viver com extraordinária perfeição a vida monástica e eremítica fundada por Elias.

Tanto Elias como João usaram vestidos ásperos; os dois foram inocentes em suas ações, frugais em seu alimento, solitários em sua vida e escolheram viver continuamente nos desertos.

Aos dois escolheu Deus por precursor de Cristo: a João para a primeira vinda; a Elias para a última; assim o disse o Senhor: *Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista* (Mt XVII, 11-13).

Os Sacerdotes e Levitas enviados a João pelos judeus de Jerusalém, vendo que seu modo de agir era em tudo segundo a vida monástica e eremítica estabelecida por Elias, lhe perguntavam se ele era Elias.

O Anjo Gabriel havia anunciado dele: *e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias* (Lc I, 17) e como Elias deixando a casa paterna e os bens terrenos, viveu sempre nos desertos; e como Elias não bebia nem vinho nem cidra; seu vestido era de peles de camelo e cingia sua cintura com correia de couro segundo nos disse o Evangelista São Mateus.

Como Jesus sabia que João representava claramente a imagem da vida monástica do Profeta Elias em todas as suas ações, disse ao povo: *E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar* (Mt XI, 14).

Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele (Jo I, 7); *porque precederás o Senhor e lhe prepararás o caminho* (Lc I, 76); *No ano décimo quinto do reinado do imperador Tibério... veio a palavra do Senhor no deserto a João* (Lc III, 1-3), que vivia no deserto junto ao rio Jordão, onde tinham sua morada os religiosos Filhos dos Profetas. *Ele percorria toda a região do Jordão, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados* (Lc III, 3).

Nos disse o Evangelista que então: *Pessoas de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a circunvizinhança do Jordão vinham a ele.*



Confessavam seus pecados e eram batizados por ele nas águas do Jordão (Mt III, 5-6). Por isso os religiosos Filhos dos Profetas do Monte Carmelo, e os demais que viviam nas tendas junto ao rio Jordão e nos demais desertos da Terra Prometida, foram batizados por João, que eram então quem os governava, como eram batizados por ele os demais do povo.

Por este batismo se preparavam para se tornarem dignos de conhecerem ao Filho Unigênito de Deus, o qual, mesmo que ainda desconhecido, já vivia entre os homens como claramente o mesmo Profeta Batista o disse aos judeus com estas palavras: *no meio de vós está quem vós não conheceis. Esse é quem vem depois de mim; e eu não sou digno de lhe desatar a correia do calçado (Jo I, 26-27).*

Quando estes religiosos ouviram da boca de seu precursor, que já estava no mundo o Unigênito Filho de Deus, a quem com todas as forças de sua alma desejavam conhecer e distingui-lo dentre os demais homens, fizeram o propósito de não saírem de lado do Batista, pois não ignoravam que o Filho de Deus, haveria de manifestar-se no batismo, como haviam ouvido o mesmo Batista dizer: *Eu não o conhecia, mas, se vim batizar em água, é para que ele se torne conhecido em Israel (Jo I, 31).*

São João deu a estes monges o conhecimento de Jesus quando ainda não se havia apresentado e já presente lhes mostrou quem era. Jesus veio da Galiléia ao Jordão e apresentou a João para que lhe batizasse. Vendo João que Jesus chegava perto dele, mostrando-o a todos apontando com o dedo disse: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. É este de quem eu disse: Depois de mim virá um homem, que me é superior, porque existe antes de mim (Jo I, 29-30).*

Para que todos dessem crédito mais fácil e com firmeza a este testemunho do Precursor, apenas João havia terminado de batizar a Jesus *o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e veio do céu uma voz: Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição (Lc III, 21-22),* como se com o dedo da fé mostrasse a todos que Aquele era o Profetizado, e João o encarregado de apresentar-lhe no batismo.

Ademais, a voz do Pai, que se ouviu no céu também mostrou a todos, que este sobre quem havia baixado a Pomba era o Verdadeiro Filho de Deus dizendo: *Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição (Mt III, 17).*



Por isso o Batista dava um novo testemunho de Cristo louvando o Batismo de Cristo ao dizer: *Eu não o conhecia, mas aquele que me mandou batizar em água disse-me: Sobre quem vires descer e repousar o Espírito, este é quem batiza no Espírito Santo* (Jo I, 33).

E para que estes religiosos não pusessem a esperança da salvação no batismo do Precursor, ele mesmo lhes anunciou que tinham que batizar-se com outro batismo mais perfeito, com o de Cristo: *Eu vos batizo com água... Ele, (Jesus Cristo) vos batizará no Espírito Santo e em fogo* (Mt III, 11), mesmo quando, como nota o Evangelista São João, não batizou Ele mesmo, e sim seus discípulos. Porém como se diz que quando um faz uma coisa com a autoridade de quem manda e em seu nome, e os Apóstolos depois de haverem recebido o espírito santo batizavam os homens, no Nome de Jesus, segundo o diz São Lucas, e quando invocavam seu Nome descia o Espírito Santo sobre os batizados em figura de fogo visível, por isso disse João a estes religiosos: *Aquele, ou seja, Jesus, vos batizará no Espírito Santo e em fogo* (Mt III, 11).

Com estas palavras lhes marcava o tempo em que haveriam de batizar-se com o batismo de Cristo; isto seria quando os Apóstolos batizassem no Nome de Jesus Cristo e os batizados sob a invocação de Tal Nome, recebessem o Espírito Santo em forma de fogo visível.

O Evangelista São João nos diz terminantemente que isto não aconteceu até depois da Ressurreição de Cristo e de sua gloriosa Ascensão aos Céus; estas são suas palavras: *ainda não fora dado o Espírito, visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado* (Jo VII, 39).

/

Capítulo XXX

Os Carmelitas se converteram à fé em Cristo em Jerusalém depois da Ascensão e foram batizados com o Batismo de Cristo

N

os tempos que precederam ao batismo de João, sofreu o povo judeu muitos cativos e foi desterrado a diversas nações pagãs por diferente impérios e reinos.

Liber Institutionis Primum Monachorum



Especialmente padeceram duríssimas perseguições por observarem sua Lei sob Antíoco Epifanes rei da Síria.

A História Sagrada no *Livro dos Macabeus* refere, haver chegado a tanto o desprezo desse rei para com os judeus, que castigava com pena de morte todos que queriam guardar a Lei de Deus, obrigava a todos os judeus a sacrificarem aos ídolos ou seriam condenados à morte.

Diante desta violência, muitos judeus de ambos os sexos, não tendo paciência para suportar tantas opressões e abominações, preferiram deixar sua pátria e desterrar-se passando a viverem dispersos pelas diversas nações do mundo. Em suas novas pátrias adotivas, tiveram filhos os quais já falavam as línguas e dialetos dos povos das nações em que nasciam e se educavam.

Muitos destes judeus, nascidos naquelas nações, atraídos pela devoção de sua Terra Prometida, voltaram para ela no reinado de Tibério César, pois então, reinava a quietude e a paz. Se esmeravam por viverem fervorosamente e se uniam a estes religiosos que já viviam na Terra Prometida, em especial aos que tinham sua morada em Jerusalém. São Lucas tem presente a estes judeus quando nos *Atos dos Apóstolos* disse: *Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu* (At II, 5).

Estes religiosos tinham então, casa especial em Jerusalém onde viviam, pois sendo uma cidade célebre, e a capital do reino Judeu, onde florescia principalmente o culto divino, encontravam nela muitos Judeus piedosos, que abraçavam sua religião.

Os religiosos instruíam a estes Judeus nas verdades fundamentais da ciência profética e da vida monástica e, já instruídos, os trasladavam aos desertos.

Deus haviam mandado na antiga Lei que os Judeus celebrassem muito solenemente três festas especiais, que eram a Páscoa, Pentecostes, e a Festas dos Tabernáculos. Não era permitido aos Judeus celebrarem estas festas além dos lugares escolhidos por Deus para honrarem seu Nome, como mandou Moisés no *Livro do Deuteronomio*.

Nas *Crônicas* lemos que o lugar que Deus escolheu para honrar seu Nome foi o Templo edificado em Jerusalém. Os varões do povo judeu tinham obrigação de apresentar-se em Jerusalém por mandato da Lei diante do Senhor três vezes por ano nestas festas já nomeadas.

Todos os religiosos Filhos dos Profetas, que viviam eremitas no Monte Carmelo, como os que viviam junto ao rio Jordão e nos desertos ou nos bairros das cidades da Terra Prometa, costumavam vir todos os



anos para cumprir esta Lei, a celebrar segundo o mandamento divino, estas três festas especiais de Páscoa, Pentecostes e a dos Tabernáculos.

Por isso os religiosos Filhos dos Profetas, tinham em Jerusalém a casa principal e maior, para poderem se reunir todos nas ditas festas.

No ano em que Jesus Cristo subiu aos Céus, vieram todos esses religiosos logo após a Ascensão a Jerusalém para celebrarem a já iminente festa de Pentecostes.

Viviam naqueles dias os Apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo em Jerusalém junto à casa destes religiosos, ou seja, naquele *salão grande e mobiliado* escolhido por Cristo para que lhe preparassem a Páscoa, onde celebrou a Ceia e instituiu o Sacramento da Eucaristia, deu a comer seu Corpo aos Apóstolos sob as aparências de pão e onde os ordenou Sacerdotes.

Este Cenáculo estava no Monte Sião, naquela parte do monte que se chama *Melo*, onde antigamente havia estado o palácio que Davi construiu para viver.

E assim estes religiosos estavam naquele momento na casa contígua à dos Apóstolos.

Refere são Lucas que no dia de Pentecostes, *De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (At II, 2-4).*

Estes religiosos viviam, como digo, no Monte Sião não muito longe do dito Cenáculo e ao ouvir o tão estranho ruído no Cenáculo dos Apóstolos, ficaram atônitos. Desejando saber o que havia passado se aproximaram do Cenáculo dos Apóstolos. Quando ali chegaram ficaram todos maravilhados e fora de si porque ouviam os Apóstolos falarem as maravilhas e grandezas de Deus não só os que haviam nascido na Terra Prometida, mas todos os demais religiosos que haviam nascido fora da Judéia nas diversas nações e lhes ouviam cada um na língua de sua nação.

E os religiosos estavam ainda mais maravilhados ouvindo-os falar suas línguas e dialetos porque sabiam que os Apóstolos eram da Galiléia e jamais haviam estado naquelas regiões não homem algum lhes haviam ensinado tais idiomas.



Outros Judeus, que também se aproximaram, ao ouvir os Apóstolos falarem em diversas línguas e não entendendo-lhes, zombaram deles dizendo que estavam ébrios. Mas são Pedro vendo os religiosos e os outros que se aproximaram, conhecedores do caso, começou enfrentar os detratores mostrando que os Apóstolos não estavam ébrios e provando com as Escrituras dos Profetas, que estavam cheios do Espírito Santo.

Anunciou também aos religiosos a Boa-Nova que Jesus havia ressuscitado, que era Deus e que enviara desde o Céu o Espírito Santo aos Apóstolos, exortando-os a que se separassem da geração empedernida dos Judeus.

Quando os religiosos ouviram estes ensinamentos de são Pedro, compungidos de coração, disseram a Pedro e a comunidade dos Apóstolos: *Que devemos fazer, irmãos? Pedro lhes respondeu: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo (At II, 37-38)*, e com outras muitas palavras os exortou Pedro.

Muitos destes religiosos vendo que os batizados pelos Apóstolos em Nome de Jesus Cristo, recebiam o Espírito Santo em forma de fogo visível, caíram na conta de que havia chegado o tempo anunciado por seu guia e Superior são João Batista quando anunciando-lhes a Cristo lhes dizia: *Aquela, quer dizer, Cristo, vos batizará no Espírito Santo e em fogo (Mt III, 11)*.

Por isso abraçaram as palavras do Apóstolo são Pedro e no mesmo dia se batizaram em Cristo recebendo o Espírito Santo na forma de fogo visível.

/

Capítulo XXXI

Os Carmelitas vendo os milagres dos Apóstolos se fortaleceram nem fé e se fizeram seus coadjutores

○ número destes religiosos que ainda não haviam sido batizados pelos Apóstolos estavam o dia seguinte orando no Templo com o povo a oração da hora Noa e pediam humildes ao Senhor Deus que lhes mostrassem com algum sinal se já havia chegado o tempo anunciado por seu guia e Superior são João



Batista quando lhes disse que Jesus Cristo os batizaria no Espírito Santo e no fogo.

Alguns destes religiosos duvidaram, porque não haviam visto nem ouvido que Cristo Jesus houvesse batizado ninguém com suas próprias mãos e não entendendo bem a profecia de João, esperavam que Cristo batizasse com suas mãos como os havia batizado João por si mesmo.

Deus escutou sua oração e os deu luz para que entendessem bem a profecia de são João. Porque naquela mesma hora subiam ao Templo os Apóstolos de Cristo, Pedro e João, movidos pelo Espírito Santo e na porta do Templo chamada *formosa* encontraram um homem de mais de quarenta anos, coxo desde o nascimento, o qual lhes pedia esmolas. Olhando-o Pedro e João lhe disseram: *Em Nome de Jesus Nazareno, levanta-te e anda. E pegando-lhe pela mão direita, levantou-o no mesmo instante... e dando um salto de alegria se pôs em pé e começou a andar e entrou com eles no Templo.* Os mencionados religiosos viram, e todo o povo, *como ia andando e louvando a Deus e como sabiam que era o mesmo que estava sentado à porta formosa do Templo pedindo esmolas, ficaram espantados e fora de si com tal sucesso. Tendo, pois, se conservado perto de Pedro e João, todo o povo assombrado foi correndo até eles (At III, 2-11).* Pedro falou a eles dizendo que Jesus, a quem o povo por ignorância, havia matado, tinha ressuscitado dentre os mortos; e mediante à fé em Nome, e não com o poder de Pedro ou de João, este coxo tinha sido curado.

Assim Pedro lhes dizia: *Em virtude da fé em seu nome foi que esse mesmo nome consolidou este homem, que vedes e conheceis. Foi a fé em Jesus que lhe deu essa cura perfeita, à vista de todos vós (At III, 16).*

Lhes exortava também a que fizessem penitência e se convertessem crendo em Jesus Cristo e seus pecados seriam perdoados. Pelos escritos dos Profetas lhes provava como deviam abraçar a fé e a doutrina de Jesus Cristo, e todos os que não quisessem recebê-la pereceriam.

E aos religiosos para convencê-los ainda mais, os nomeou por seu próprio nome chamando-lhes Filhos dos Profetas e lhes disse: *E Vós filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com os nossos pais, quando disse a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Foi em primeiro lugar para vós que Deus suscitou o seu servo, para vos abençoar, a fim de que cada um se aparte da sua iniquidade (At III, 25-26).*



Ante o milagre que presenciaram da cura do coxo e com a exortação de São Pedro, dirigida a eles, estes religiosos compreenderam que como era o mesmo Jesus Cristo quem dava a saúde ao parálítico por meio de Pedro só com o invocar seu Nome, era também o mesmo Jesus Cristo, quem batizava no *fogo e no Espírito Santo*, quando os Apóstolos derramavam a água sobre os batizados e invocavam ao mesmo tempo seu Santo Nome.

Com isto compreenderam direito o que profeticamente lhes havia dito João Batista: Aquele vos batizará no Espírito Santo e no fogo; pois era Jesus o que batizava aqueles sobre quem os Apóstolos punham as mãos derramando sobre eles água e invocando o Nome de Jesus e dando-lhes o Espírito Santo em figura de fogo enviado do céu.

Por isto creram de coração em Jesus e com eles, outros muitos dos que ouviram a exortação de Pedro até o número de cinco mil homens.

Os Apóstolos os batizaram depois e desceu sobre eles o Espírito Santo em forma de fogo visível.

Unidos de coração freqüentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo (At II, 46-47).

Empregavam-se todo o dia no estudo e na instrução do Santo Evangelho. Tinham também instruções sobre os Livros Sagrados explicando as Leis dos Padres (Profetas) em sentido alegórico; pois pensavam eles que toda a lei antiga era semelhante um animal, já que no exterior se vê, como se fora o corpo, a letra e a narração natural do que diz a letra, e por dentro, no íntimo do mesmo sentido da letra, se esconde, como se fosse a alma, outro sentido vivo, invisível, e espiritual, de um mistério profundo e divino.

Os religiosos instruídos pelos Apóstolos, viam como por meio de um espelho, este sentido íntimo, mais excelso e nobre, e até dos mesmos nomes das letras recebiam umas admiráveis imagens e notícias intelectuais, com os quais inundavam sua inteligência como de abundantes e regalados manjares, da profunda e divina sabedoria dos Sagrados Livros.

Logo muitos deles comunicavam aos demais o que haviam aprendido dos Apóstolos e pregavam a fé de Cristo e estenderam as verdades da fé na Fenícia e na Palestina, e com suas virtudes edificantes e com sua vida monástica mostraram o maravilhoso que é a Igreja de Deus.



/

Capítulo XXXII

Os Carmelitas com a Luz do Evangelho compreenderam melhor alguns mistérios que lhes havia comunicado o Profeta Elias

Batizados os religiosos que pertenciam a esta congregação, e instruídos pelos Apóstolos nas verdades do santo Evangelho, compreenderam claramente que haviam tido em realidade o mistério que Deus revelou ao Profeta Elias no Monte Carmelo.

No *Livro dos Reis* lemos: *Elias subiu ao cimo do monte Carmelo, onde se encurvou por terra, pondo a cabeça entre os joelhos. Disse ao seu servo: Sobe um pouco, e olha para as bandas do mar. Ele subiu,*

Liber Institutionis Primum Monachorum



olhou (o horizonte) e disse: Nada. Por sete vezes, Elias disse-lhe: Volta e (olha). Na sétima vez o servo respondeu: Eis que, sobe do mar uma pequena nuvem, do tamanho da palma da mão (III Rs XVIII, 42-44) desde o Carmelo.

Desde o lugar do Monte Carmelo de onde subia o criado até o cume do monte onde já se divisava o mar, havia dez degraus. Havendo-os subido o criado uma vez e olhando o mar, lhe mandou Elias, como já dissemos, que subisse outras sete vezes os mesmos degraus e olhasse para o mar, e quando voltou a sétima vez, que era a oitava ida ou vez que olhava o mar, o criado viu que subia aquela nuvenzinha pequena como a mão de um homem até o Carmelo. Então Elias lhe disse: *Vai dizer a Acab que prepare o seu carro e desça, para que a chuva não o detenha. Num instante, o céu se cobriu de nuvens negras, soprou o vento e a chuva caiu torrencialmente (III Rs XVIII, 44-45).*

Elias teve a bondade de comunicar não a todos claramente, mas somente a seus companheiros, e em segredo, as misteriosas verdades das coisas futuras, que estavam simbolizadas naquela visão, e a grandeza dos mistérios que lhe comunicou Deus por esta nuvenzinha quando o Profeta estava prostrado.

Por tradição temos recebido dos discípulos de Elias, que sob a alegórica visão, revelou Deus a Elias, quatro grandes mistérios, os quais quero explicar por esta ordem.

Primeiro: que nasceria um menina pura e livre de todo o pecado desde o seio materno.

Segundo: o tempo em que esta menina nasceria.

Terceiro: que esta menina abraçaria a perpétua virgindade, como o fez Elias.

Quarto: que Deus, unindo sua Natureza à humana, nasceria como Homem daquela Virgem.

Por essa nuvenzinha, que o criado de Elias viu levantar-se do mar, revelou Deus a Elias, que uma menina, a Virgem Santa, figurada naquela nuvenzinha, pequena por sua humildade, como aquela nuvenzinha, nasceria da humana natureza pecadora, significada no mar amargo.

Esta menina desde no seu próprio nascimento estaria pura e limpa de toda mancha de pecado, como aquela nuvenzinha, que havia saído do mar amargo.

Pois ainda que a nuvenzinha fosse em sua origem da mesma natureza que o mar, era, todavia, de muito diferente condição e diversas qualidades. Porque o mar é pesado e amargo, e aquela nuvem foi leve e



doce. De modo que, ainda quando em qualquer outro homem seja em sua origem a natureza humana como a do mar, muito amarga de pecados e muito pesada com o peso dos vícios, vendo-se obrigada a exclamar: *Porque minhas culpas se elevaram acima de minha cabeça, como pesado fardo me oprimem em demasia (Sl XXXVII, 5)*; a Virgem Maria nasceu, não obstante, muito de outra maneira que este mar amargo da natureza humana; porque em seu próprio nascimento esteve já livre da amargura do pecado e da perversa inclinação; e, como a nuvenzinha, foi leve e vaporosa pela imunidade de pecado e doce pelas graças recebidas.

A Virgem foi em seu nascimento aquela nuvem da qual em alegoria escreveu Moisés: *a glória do Senhor, apareceu na nuvem (Ex XVI, 10)*.

/

Capítulo XXXIII

Que mostrou Deus a Elias na nuvenzinha. – Explicação alegórica da visão

Nesta visão mostrou Deus a Elias o tempo em que seus discípulos veriam *aquela nuvenzinha*, (ou seja, a Virgem Maria), a subir do mar da amargurada e manchada natureza humana. Pois na mesma visão se significou que ninguém a veria subir, antes que ele subisse uma vez pelos dez degraus e olhasse o mar, e logo voltasse a olhar o mar outras sete vezes pelos mesmos degraus já que Elias disse a seu criado: *anda a ver, e observa até o mar. Havendo ido o criado voltou dizendo: não há nada.*

Pergunto eu agora: que significa subir o criado de Elias uma vez os dez degraus para olhar o mar e não ver então nada especial?

Certamente isto quer dizer que o criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias, subiu meditando primeiramente por aquelas dez gerações humanas, que São Lucas põe na genealogia de Cristo, e



existiram antes do dilúvio na primeira idade do mundo desde Adão até Noé; e examinando de Noé até Adão se nesse tempo havia alguma nuvenzinha, ou seja, alguma juvenzinha que nascesse enfrente do mar, quer dizer, fora da descendência amarga e triste da natureza humana, e não vendo naquela primeira idade do mundo nuvenzinha ou juvenzinha semelhante, o Criado, ou Congregação de religiosos disse: *não há nada.*

Obedecendo o mandato de Elias voltou o criado ou Congregação, outras sete vezes a olhar o mar, pelos mesmos dez degraus; *volta outra sete vezes;* nas seis primeiras não se apresentou nada diante de sua vista.

Que o criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias voltasse a subir os dez degraus e não visse nada, significa que continuou examinando e olhando por outras seis décadas de gerações humanas escritas por São Lucas na genealogia de Cristo desde Sem, filho de Noé, até Jamne, filho de José.

A primeira década destas gerações começa em Sem, filho de Noé e termina em Tare, filho de Nacor.

A segunda começa em Abraham, filho de Tare e termina em Salmon, filho de Naason.

A terceira começou em Booz, filho de Salmon, e terminou em Joná, filho de Eliaquim.

A quarta começou em José, filho de Jonas, e terminou em Elmadám, filho de Her.

A quinta começou em Cosán, filho de Elmadán, e terminou em José filho de Judá.

A sexta começou em Semeei, filho de José e terminou em Jamna filho do outro José.

O criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias subiu examinando e meditando por essas seis décadas escritas por São Lucas na genealogia de Cristo, quer dizer, por todo o transcurso de tempo que correu desde Jamne até Sem, olhando se nesse tempo havia aparecido a nuvenzinha, ou seja, se havia nascido a menina, e como em todo esse tempo não havia nascido, não puderam vê-la dos discípulos de Elias.

Mas quando voltaram a sétima vez, se lhes apareceu a nuvenzinha; porque no tempo que transcorre durante a sétima década daquelas gerações, nasceu a Virgem Maria, e os discípulos de Elias a viram. *À sétima vez viu que subia do mar uma nuvenzinha pequena como a mão de um homem.*



O já nomeado Jamne, em quem termina a sexta década daquelas gerações, teve um filho a quem pôs o nome de Melqui; e neste filho começou a sétima década destas gerações.

Este Melqui foi pai de Levi e Levi teve dois filhos: um a quem São Lucas chama Matat, porém outros lhe chamam Melqui, conservando o nome do avô; e outro filho chamado Panter. Este Panter teve um filho chamado Banpanter e Banpanter teve a Joauquim, casado com Ana, de cujo matrimônio nasceu a Virgem Maria. E assim, na sétima vez que voltou, ou seja, naquela década das gerações correspondente à sétima, ou seja, desde que Deus mandou aos homens depois do dilúvio que voltassem a povoar a terra, nasceu a Virgem Maria, até a metade desta sétima década e morreu antes que terminasse essa década de gerações.

Mas antes que Deus levasse a Virgem Maria desse mundo, a visitaram muitas vezes em Nazaré, em Jerusalém e em outros lugares os religiosos que pertenciam a esta religião.

/

Capítulo XXXIV

Prossegue a explicação da nuvenzinha, aplicando-a à Virgem

Como esta nuvenzinha, ou seja, a Virgem Santa Maria nasceu na sétima década das enumeradas gerações, na mesma sétima década a viram os discípulos de Elias subir espiritualmente ao Carmelo. Porque antes de que terminassem as dez gerações desde Melqui, na qual temos visto que começou esta sétima década, o Sumo Pontífice, do Templo comunicou em Jerusalém aos homens que professavam esta religião, que a Bem-Aventurada Virgem Maria havia prometido viver em virgindade seguindo o ex de Elias, como se havia anunciado na visão referida: *à sétima vez viu que uma nuvenzinha pequena (ou seja, a Virgem Maria) como a mão de um homem, subia do mar até o Carmelo*; e se apresentou na figura da mão de um homem, que subia ao Carmelo; porque nesta sua subida espiritual, só tinha ao homem por modelo.



Antes de que aquela nuvenzinha subisse ao Carmelo, já haviam subido Elias e seu criado; pois discípulos o texto: *Elias subiu ao Monte Carmelo*.

Carmelo significa *ciência da circuncisão* e sobe principalmente a esta ciência, o que sabe tão perfeitamente arrancar de seu corpo e de seu pensamento ou fantasia, a inclinação sensual, e não só se conserva pela castidade limpo do lodo proibido do desejo carnal, senão que, pela virgindade oferecida e consagrada a Deus, se preserva também imune de sentir nada de complacência desonesta. Na Lei Antiga mandou Deus a circuncisão para que, fosse praticada onde se sentisse mais violenta a luxúria, se fizesse com ela visível que se há de oferecer a Deus a castidade na mente ou espírito e no corpo e se há de desterrar a desonestidade.

Antes de Elias e sue criado, ou seja, antes da Congregação dos Filhos dos Profetas, discípulos de Elias, ninguém havia subido à ciência da circuncisão ou ciência da virgindade. Foram eles os primeiros homens, que voluntariamente abraçaram a virgindade perpétua, purificaram por completo seus pensamentos e desejos de todas as complacências sensuais e por esta causa se chamaram *carmelitas*, que quer dizer: *os que sabem a ciência da circuncisão*, porque souberam viver santamente a pureza do coração e do corpo. Desejosos de desterrar por completo de si a concupiscência do corpo e da mente, foram os primeiros homens, que escolheram viver para Deus na virgindade perpétua.

Primeiro subiram de verdade *eles ao Monte Carmelo*, ou seja: à altura da virtude da castidade perfeita e perpétua, porque começando antes de todos os homens que os precederam, de tal maneira subiram até destruir a raiz da luxúria, que foram os primeiros homens que escolheram abraçar por amor de Deus a perpétua virgindade.

Mais tarde subiu também a este *Carmelo*, ou seja: a esta alta ciência da virtude da pureza sem sombra, *aquela nuvenzinha*, quer dizer: a Virgem Santíssima; e *subia como a mão de homem*, porque até então não havia exemplo de virgindade de nenhuma mulher, à qual pudesse imitar, mas só de homem, de Elias, e ela se esmerou em imitar-lhe.

E como antes Elias soube desterrar de sua carne e de sua mente toda a sombra de sensualidade e começou a ser o primeiro homem que voluntariamente ofereceu a Deus a virgindade perpétua, a Santíssima Mãe de Deus soube mais tarde, à imitação de Elias, livremente guardar-se limpa, reservando-se de toda inclinação sensual e como se seguisse a



mão de um homem, escolheu viver a virgindade perpétua, oferecida a Deus, a primeira entre todas as mulheres.

Com razão o Divino Esposo, cheio de alegria a felicita dizendo: *tua cabeça ergue-se sobre ti como o Carmelo (Ct VII, 6)*; entendendo aqui por cabeça a vontade e entendimento, ou a mente da alma; porque como se levanta a cabeça sobre os membros do corpo, assim a mente, que entende e ama, é a mais nobre das potências da alma; e como a cabeça dirige e manda nos membros do corpo, assim a mente dirige todas as demais atitudes da alma. O Carmelo significa: que conhece a circuncisão.

Admiravelmente o Esposo felicita alegre a esta Virgem dizendo: *tua cabeça*, ou seja: tua inteligência, ó Mãe de Deus, *é como o Carmelo*, isto é: conhece a íntima beleza da circuncisão, já que com toda a perfeição soubeste apartar-te de todo o gozo sensual, oferecendo a Deus livremente a virgindade, sendo a primeira mulher que lhe ofereceu.

/

Capítulo XXXV

Prossegue explicando mais amplamente esta visão de Elias

Finalmente naquela visão se mostrou aos discípulos de Elias como o Filho de Deus nasceria de uma Virgem. Pois em seguida que o criado de Elias, ou seja, a congregação de seus discípulos, viu aquela nuvenzinha como a mão de um homem que subia do mar até o Carmelo, Elias disse a seu criado: *vai dizer a Acab: arruma tua carruagem e caminha logo para que não te detenha a chuva.*

O sinal indica que estava já iminente a Encarnação do Filho de Deus, foi que o criado, quer dizer: a congregação de seus discípulos, viu a *nuvenzinha*, ou seja, aquela menina, que como a mão de um homem, subia do modo anunciado ao Carmelo, isto é, a um conhecimento tão feliz da pureza que determinou-se abraçar-se com a continência virginal.

Os religiosos desta congregação assim que ouviram em Jerusalém que uma juvenzinha havia oferecido a Deus a perpétua continência



virginal, compreenderam que a vinda do Filho de Deus era iminente e estava já às portas.

E como Elias havia mandado ao criado que subisse a Acab, subiu também a congregação de seus discípulos por meio da oração a *Acab*; esta palavra significa *irmandade paternal*.

Isto em figura ou alegoria nos ensina como antes da Encarnação, entre o Filho de Deus e os homens só havia *irmandade paterna* que é o mesmo Pai, o qual desde a eternidade gerou o Filho, e criou no tempo os homens; e por isso o Filho não se envergonha de chamar a seu Pai, Pai também dos homens dizendo: *Subo para meu Pai e vosso Pai (Jo XX, 17)*.

Porém como antes da Encarnação não havia ainda *irmandade materna* entre os homens e o Filho de Deus, porque ainda não havia nascido de mulher, desejando essa congregação dos discípulos de Elias que fosse logo uma realidade a *irmandade materna*, subiu por meio de sua oração a Acab, isto é: ao Filho de Deus e como Elias havia mandado a seu criado dizer a Acab, diziam eles suplicando ao Filho de Deus: *arruma tua carruagem*.

A palavra carruagem procede de carro, de correr; é veículo com rodas as quais têm forma circular; o carro é apto para transportar carga. O carro é por suas rodas, símbolo da natureza do Filho de Deus; a natureza divina se representa por um círculo (ou esfera) que quer dizer que é eterna e, como a roda do carro, não tem princípio nem fim; pela natureza divina o Filho de Deus *se elevou como um gigante, a percorrer seu caminho* (Salmo XVIII, 6) *e sustenta o universo com o poder da sua palavra* (Hb I, 3) segundo a expressão do Apóstolo São Paulo.

Dizia então o criado, ou seja, a congregação dos discípulos de Elias ao Filho de Deus, suplicando-lhe com humildade: *arruma tua carruagem*, quer dizer, tua natureza divina unindo-a à nossa humana *e descendo a nós para que não te detenha a chuva*, isto é, não retarde, e sim que a chuva te acelere e desças como ela, pois é necessário que *Desças como a chuva sobre a relva* (Salmo LXXI, 6); porque quando a penugem de lã recebe em si a chuva sem violência, não se rompe nem ao empapar-se nem ao soltar a água quando a espreme, mas permanece íntegra. De modo semelhante é necessário que sem violência da obra humana, desças suavemente à *nuvenzinha*, ou seja, à Virgem Maria e *arrumes tua carruagem*, que é unir a natureza divina à humana nas puras entranhas da Virgem, para que uma Virgem te conceba Deus e Homem



juntamente, e ao dar-te a luz, não percas a integridade virginal, senão que permaneça Virgem.

Como nos refere esta visão, Deus escutou favorável a humilde súplica dos discípulos de Elias, pois continua: *e ia de uma a outra parte, a contemplar em uma donzela o espontâneo oferecimento de sua virgindade, a suplicar ao Deus Infinito que enviasse já seu Filho, e enquanto fazia isso, se escureceu o céu em um momento e vieram nuvens e vento e começou a cair uma grande chuva.*

Por céus se entende aqui a honra, o poder e a Realeza do Filho de Deus, cuja vinda esperava o Profeta Davi dizendo: *Inclinai, Senhor, os vossos céus e descei* (Salmo CXLIII, 5). Pela nuvem entende, como já se disse, a Virgem Maria. Pelo vento, o Espírito Santo, como nos disse o Profeta: *faz soprar o vento e as águas correm de novo* (Salmo CXLVII, 7). Diz que se obscureceu os céus, e as nuvens e os ventos, porque o poder do Altíssimo cobriu com sua sombra como cobriu com sua Luz Divina àquela Virgem, e por obra do Espírito Santo, o Filho de Deus uniu a Si ou tomou o corpo humano com a alma humana, da carne daquela Virgem e em seu seio, como o Anjo Gabriel lhe anunciou à Virgem: *O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus* (Lc I, 35); então desceu a grande chuva da grande graça, *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo I, 14); de cuja plenitude todos nós recebemos graça sobre graça, como diz o Evangelista São João.



/

Capítulo XXXVI

Porque se chamaram os Carmelitas Irmãos da Virgem. Do Oratório que em sua honra construíram no Monte Carmelo

Recordavam os religiosos desta Ordem, que Deus de modo especial, havia revelado na visão expressada, como nasceria uma menina, que desde o seio materno estaria limpa de toda a mancha de pecado e abraçaria livremente como eles a virgindade.

Desta Virgem nasceria Deus-Homem.

Observavam como tudo isso já estava cumprido, e o gênero humano por meio da Virgem já havia recebido o Filho de Deus, o tão por eles desejado e esperado benefício da chuva, ou seja, da graça divina, e se propuseram a honrar com assídua e especial devoção a esta Virgem tanto tempo profetizada por seus predecessores, tão esperada e agora já apresentada.

Determinaram a eleger por Patrona a esta Virgem especial, pois conheceram que só ela tinha algo de singular parecido a seu Instituto, em ser a primeira mulher que abraçou espontaneamente a virgindade. Como os antigos monges que abraçaram esta religião, foram os primeiros que por amor de Deus começaram a viver a virgindade voluntária e a introduziram entre os varões, do mesmo modo, como já dissemos, a Mãe

Liber Institutionis Primum Monachorum



de Deus foi a primeira que depois deles começou e introduziu a virgindade entre as mulheres; por isso como os religiosos Carmelitas foram os primeiros varões que livremente começaram a viver a virgindade, assim a Virgem Santíssima foi a primeira que entre as mulheres fez o voto de virgindade.

Esta igualdade especial entre a Mãe de Deus e os religiosos Carmelitas em serem as primícias da virgindade voluntária e com voto, muito tempo antes profetizada e por fim realizada, foi a causa de que ainda vivendo os Apóstolos os Carmelitas chamaram à Virgem Maria sua Irmã, e por esta mesma igualdade se chamavam a si mesmos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria.

Não creio que te acontecerá negar-me, que os membros de uma Ordem Religiosa possam chamar-se com diferentes nomes em tempos determinados e por causas diversas sem que a religião deixe de ser e continuar a mesma. Se isto negas, incorrerias no erro de que a religião cristã, na é agora entre nós a mesma que foi no tempo dos Apóstolos e discípulos de Cristo, porque os que abraçaram então a religião de Cristo, não se chamavam no princípio da pregação de Cristo e dos Apóstolos com mesmo nome de agora. Segundo nos diz São Lucas, no princípio os que abraçavam a doutrina de Cristo se chamavam *discípulos*, e mais tarde, pela primeira vez em Antioquia, se chamaram *cristãos*. Acaso podemos dizer que a religião cristã era diferente neles, do que é agora em nós, porque se chamavam com nomes distintos? De nenhuma maneira.

Nem deves julgar como absurdo que os monges que agora vivem no Monte Carmelo são da mesma religião que eram os que viviam nesse monte antes da Encarnação do Salvador, só por aqueles se chamarem Profetas e Filhos dos Profetas e estes se chamem agora Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Se chamavam então, como dissemos, Profetas quando cantavam louvando a Deus os Salmos e cânticos acompanhando-se de instrumentos músicos.

Quando começou a era cristã, cessou o rito de cantar a Deus acompanhando-se de todos aqueles instrumentos músicos e se mudou em outro rito como disse o Apóstolo: *cheios do Espírito Santo, recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai ao Senhor em vossos corações (Ef V, 18-19)*.

Como aquele rito antigo de cantar louvores a Deus acompanhando-se de instrumentos músicos Jesus não se usa agora em nossa religião, não se chamam Profetas os que pertencem a essa religião.



Também se chamavam com muita razão Filhos dos Profetas quando os governava e dirigia, como dissemos, um Profetas; mas agora como não os governa nenhum Profeta, deixaram de chamar-se Filhos dos Profetas, como a ninguém que esteja em sã juízo se lhe ocorreria chamaram Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria então, quando ainda não havia nascido a Virgem Maria; mas como se indicou, depois que conheceram a proximidade tão expressa e tão própria entre eles e a Mãe de Deus em serem os primeiros a terem oferecido voluntariamente a Deus a virgindade, desde esse tempo se chamaram Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria e em memória da visão, que simbolizava o nascimento desta Virgem mostrada em profecia a Elias, sob a forma de uma nuvenzinha, que subia do mar até o Carmelo, estes monges, no ano 83 da Encarnação do Filho de Deus, derrubaram o antigo local chamado *Semnon*, e edificaram uma Capela em honra desta primeira Virgem consagrada a Deus, junto à Fonte de Elias, no mesmo lugar onde Elias, quando ia orar, viu *aquela nuvenzinha como a mão de um homem*, que subia do mar até o Carmelo.

Desde esse tempo se reuniam sempre estes religiosos nessa Capela a encomendar-se a essa Virgem e a rezar todos os dias as sete horas canônicas a esta Virgem e a seu Filho, com fervorosas orações, súplicas e louvores. Na Capela se reuniam para fazerem com simplicidade as exortações e mútuas instruções espirituais e para estudar o modo de salvar a almas.

Esta é a razão porque mesmo os estranhos à Ordem, lhes chamaram ininterruptamente Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.



/

Capítulo XXXVII

Do Hábito dos monges Carmelitas e o primeiro da correia e de seu significado.

Havendo investigado e ligeiramente descrito no que precede, o culto e modo de vida interior, que os fundadores e seus antigos monges viveram, e que nós devemos imitar, só resta que agora muito brevemente te exponha, amado Caprásio, o modo de vestir que usaram e nos deixaram a nós como modelo. Pelo vestido exterior chegarás a possuir um claro conhecimento da interior disposição do espírito daqueles Padres, a quem devemos nós imitar.

Segundo Sábio: *a maneira de vestir... diz o que é o homem (Eclo XIX, 27)*. Assim, quando os enviados do rei Ocozias descreveram ao rei o modo de vestir, adivinhou que era o primeiro fundador desta Ordem que se lhes apareceu. Perguntava o rei aos enviados, que figura tinha e como estava vestido o homem que saiu-lhes ao encontro e lhes falou: *Era um homem coberto de pelos, responderam-lhe, que trazia uma cinta de couro em volta dos rins (IV Rs I, 8)*.

Por esta veste logo conheceu o rei o Profeta e disse: *é Elias o Tesbita*. O indício da correia, e a figura do corpo coberto de pelos e desalinhado, lhe representaram sem dúvida nenhuma o varão de Deus. Pois o cinto de couro era como um sinal especial que levava sempre cingido a cintura. Com a cintura cingida correu Elias atrás da carruagem de Acab, Pai de Ocozias, desde o Monte Carmelo até o Campo de Jezrael.



Com esse seu exemplo nos ensinou Elias que o monge desta religião deve andar com a cintura cingida. Pois São João Batista, *que veio no espírito e no poder de Elias*, lhe imitou no andar também com a cintura cingida. São Marcos nos diz: *João andava vestido de pêlo de camelo e trazia um cinto de couro em volta dos rins (Mc I, 6)*.

Não é pequeno o mistério, que com este vestido se exige do monge.

O fato de ir com a cintura cingida, e de levar correia de coroa ao redor, significa que o monge deve rodear-se da mortificação, naquelas partes que são como a fonte da luxúria (*Os antigos analisando as paixões punham os rins como origem e centro da sensualidade*), que esteja a cintura externamente rodeada do cinto feito de uma pele morta, expressando que no interior hão de estar extinguidos totalmente os movimentos sensuais, podendo cantar com verdade o que é o Profeta: *Assemelho-me a um odre exposto ao fumeiro (Sl CXVIII, 83)*; como se com a frieza da continência se reprimisse e sujeitasse o ardor da sensualidade da carne **como a fumaça reprime o odre gelando-o.**

Por isso lemos na Sagrada Escritura que Elias foi o primeiro que cingiu a cintura com cinto de coroa; porque, com este sinal, foi o primeiro homem que deu aos monges o exemplo de oprimir a carne e de mortificar o estímulo de todo o movimento sensual de modo que disse o Apóstolo: *Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria (Cl III, 5)*.



/

Capítulo XXXVIII

A Melota, antigo vestido destes monges e seu significado

S ão Paulo faz referência aos fundadores desta religião assegurando que vestiam melotas. Estas são suas palavras: Foram apedrejados, massacrados, serrados ao meio, mortos a fio de espada. *Andaram errantes, vestidos de pele de ovelha e de cabra, necessitados de tudo, perseguidos e maltratados, homens de que o mundo não era digno! Refugiaram-se nas solidões das montanhas, nas cavernas e em antros subterrâneos (Hb XI, 37).*

A palavra melota procede de *melo* um animal, conhecido também com o nome de tejón; o vestido confeccionado com seus pelos ou com sua pele, é muito áspero e o propriamente chamado *melota*. Porém, por semelhança se chama ordinariamente *melota* a qualquer vestido tecido com pelos ásperos de animais ou feito com peles sem tirar os pelos. Aos vestidos tecidos com pelos de camelo e com pelos de cabra, muitos acostumaram chamá-los de melota.

O Evangelista São Marcos, nos diz de São João Batista, já na era da graça, que usava este vestido: *João andava vestido de pêlo de camelo (Mc I, 6).*

Quando se passaram tempos, ir vestido com a melota servia mais de irrisão a todos que o viam que de edificação. Por isso os monges desta religião concordaram unânimes em deixarem aquele vestido de cilício, estranho e que só servia de admiração para todos e que por isso mesmo não produzia nenhum bem para a alma e podia ser origem de vã envaidecimento. Em seu lugar dispuseram que vestiriam uma túnica de lã não fina nem cara, senão prudentemente áspera e da mesma cor que tinham a melota; levam esta túnica debaixo do Escapulário.



Pelo exemplo destes nossos Padres tanto do Antigo como do Novo Testamento, se vê claramente que o monge que professa nesta religião, deve usar um vestido áspero e que mais moleste o corpo, que o regale, do que usar vestido caro, fino e suave para regalar o corpo, que é contrário à profissão que abraçou.

Se fosse conveniente que os monges solitários levassem vestidos suaves e caros, Nosso Senhor haveria concedido que fossem aos ermos verem um homem que usasse vestido fino e luxuoso como nos palácios dos Reis. Porém, repeliu isso para que servisse de aviso quando disse: *Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas que fostes ver? Um homem vestido de roupas finas? Mas os que vestem roupas preciosas e vivem no luxo estão nos palácios dos Reis (Lc VII, 24-25).*

Vestir a melota ou hábito áspero significa que o monge aceitou sua obrigação de chorar por si mesmo e pelo mundo e deve apresentar diante do Senhor amadurecidos e diligentes frutos de penitência. O vestido áspero significa a dor dos pecados; com a cor cinza ou negra se representa a corrupção do cadáver; o monge deve ter presente os dois para praticar a penitência, para que na moléstia do vestido áspero reconheça o pecado que cometeu e do tem que arrepender-se e doer-se e na cor de cinza ou negro de seu hábito pese e medite o juízo que merece, que foi de morte e não só de morte temporal senão também da eterna, que tanto deve temer. Isto nos diz o Profeta: *Cobre-te de luto como se fora por um filho único (Jr Virgem, 26).*



/

Capítulo XXXIX

Do superumeral ou Escapulário e de seu significado



s antigos monges de nossa religião usavam já no Antigo Testamento o superumeral ou escapulário.

Mandava a Lei aos Judeus que nos quatro lado dos vestidos, pusessem orlas ou bandas e nas orlas, cordões. Os que pertenciam a esta religião, para cumprir o mandato da Lei, levavam nos quatro ângulos da parte inferior do superumeral ou escapulário as orlas com seus respectivos cordões.

O superumeral ou escapulário era um vestido sem mangas que chegava até a cintura e aberto por dois lados, deixando também sem cobrir os braços; a parte das espáduas se unia a do peito sobre os ombros.

Já no Novo Testamento se acrescentou a este vestido na abertura do pescoço um capuz, que cobria a cabeça e os ombros até a espádua e desde então se chamou a esta peça *escapulário*, porque com seu capuz não só cobria a cabeça, mas também as espáduas.

Todos os religiosos que pertencem a esta religião têm usado até o presente com suma diligência continuamente de dia e de noite esta peça, suprimindo as orlas e os cordões.

Esta peça do hábito que o monge leva continuamente sobre sua cabeça e espáduas, significa que o monge deve levar sempre sobre si, o humilde jugo da obediência e estar em tudo submisso a seu superior como nos exorta o Apóstolo São Paulo: *Sede submissos e obedecerei aos que vos guiam (pois eles velam por vossas almas e delas devem dar conta). Assim, eles o farão com alegria, e não a gemer, que isto vos seria funesto (Hb XIII, 17)*. Pois se não obedecéis aos preladados, desprezarias a Cristo que os pôs à frente. E o mesmo disse aos preladados: *Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita(Lc X, 16)*.

E que esta peça do hábito deixe livres e sem cobrir os braços e os lados do corpo para estar mais desembaraçados para o trabalho, significa



que o monge que a veste deve estar diligente para executar a obra do Senhor, como o mandou o Apóstolo dizendo: *Por consequência, meus amados irmãos, sede firmes e inabaláveis, aplicando-vos cada vez mais à obra do Senhor. Sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão (I Cor XV, 58)*, e por isso deve o monge deixar toda a acídia e frouxidão nas obras do Senhor. Pois como diz o Profeta: *Maldito aquele que faz com negligência a obra do Senhor (Jr XLVIII, 10)*.



/

Capítulo XL

A Capa branca que levam à imitação de Elias e seu significado

Também se prova com a autoridade da Sagrada Escritura que Elias o Tesbita, o primeiro fundador desta religião, usou como veste a capa.

Com este hábito cobriu seu rosto no Monte Horeb quando Deus passou diante dele.

Esta capa pôs sobre Eliseu quando lhe recebeu por discípulo.

Esta capa ou manto era um vestido ou peça redonda, que cobria o corpo por cima (do outro vestido) e baixava desde o pescoço até os tornozelos; estava aberto pela frente e fechado todo ao redor; era estreita em cima e amplamente larga por baixo.

Quando Elias se separou de Eliseu para subir ao Paraíso delícias, lhe deixou esta capa.

Com esta peça Elias ensinou que os monges, que tem abraçado esta religião, devem levar por cima do vestido a capa branca, do modo como em profecia o Senhor, os mostrou vestidos, a Sabac, pai de Elias. Pois antes de que nascesse seu filho Elias, viu sabac em sonhos que uns homens vestidos de branco lhe saudavam.

Com esta visão foi-lhe anunciado como vestiriam os imitadores que seu filho teria na vida monástica. Vendo Sabac aqueles varões vestidos de branco, conheceu em espírito, os religiosos que seu filho havia de fundar. E os viu vestidos de branco, porque seriam imitadores de Elias, que era o modelo da forma de viver a vida monástica, e lhe imitariam não só na íntegra brancura da alma, vivendo uma íntima pureza, mas também na brancura do hábito com que por cima cobriam seu corpo.

O levar a capa branca significa que os monges que têm abraçado esta profissão, devem guardar a pureza de seus pensamentos e desejos, junto com a pureza do corpo, segundo o ordenou o Apóstolo ao dizer: *purifiquemo-nos de toda imundície da carne e do espírito, realizando plenamente nossa santificação no temor de Deus (II Cor VII, 1), porque*



Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade (I Ts IV, 7).

Elias, que foi o primeiro que introduziu entre os monges o uso da capa branca, quis simbolizar com ela, que o monge, vestido de sua capa branca, deve conservar intacta a pureza não só de sua alma, senão também de seu corpo.

Deste vestido disse Jó ao Senhor: *De pele e carne me revestiste (Jó X, 11)*; guarde, pois, o monge sempre limpo pela pureza como está escrito: *Em todos o tempo estejam teus vestidos sempre limpos e brancos (Ecle IX, 8).*



Capítulo XLI

O Báculo e seu significado

Sabemos por Eliseu, um dos primitivos monges desta religião, que os primeiros que viveram esta vida monástica usavam o báculo.

Quando mandou a seu criado Giezi que fosse ressuscitar ao filho da Sunamita lhe disse: *toma na mão o meu bastão e parte... Porás o meu bastão no rosto do menino (IV Rs IV, 29)*. Certamente não o teria dado para que levasse se o Profeta não tivesse o costume de levá-lo em sua mão.

Com este seu exemplo nos ensinou Eliseu que o monge desta religião deve levar o báculo na mão.

Levar o báculo significa espiritualmente que o monge nunca caminhe desprevenido entre os cães das paixões e vícios quando lhe saem ladrando; entre tantas feras invisíveis de espirituais tentações das quais o Profeta pede ao Senhor lhe livre dizendo: *não entregueis ao poder destas feras as almas que te confessam e adoram (Sl LXXIII, 19)*.

O monge armado com a fé, deve resisti-las e afastá-las de si; o Apóstolo São Tiago nos diz: *resisti com sua graça ao diabo e ele fugirá de vós (Tg IV, 7)*.

Deve o monge repelir os furiosos cães das concupiscências e dos vícios, que se laçam sobre ele e imitar Jesus Cristo em sua Paixão, seguindo o exemplo de sua mortificação como nos diz o Apóstolo: *os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências (Gl V, 24)*.

+ + +

Já vês como o cingir-se à cintura a correia de coro recorda-te de modo especial, que o monge deve extinguir radicalmente em seus membros o manancial de toda inclinação luxuriosa e todo movimento de sensualidade fazendo brilhar a luz da castidade.

O ir coberto com a capa branca ensina em geral ao monge o dever de afastar de seu corpo e de sua alma toda culpável mancha de



sensualidade e de fazer resplandecer seu corpo e sua alma com a pureza heróica.

Levar sempre posto o escapulário simboliza que o monge deve obedecer humildemente a seu superior por amor de Deus e realizar com presteza as obras de Deus.

Levar o báculo significa que o monge não deve permitir diante de si nenhuma classe de tentações nem do diabo, nem do mundo, nem da carne, mas sim repeli-las muito longe.

Usar a melota ou o vestido áspero ensina que o monge há de se emendar de tudo o que tenha faltado contra o ordenado, seja por ignorância ou por debilidade, fazendo por isso uma justa penitência.

+ + +

Isto que acabo de escrever largamente sobre o modo de vestir de nossa religião e seu espiritual significado, ensina ao religioso a veneração que deve sentir por seu hábito e a ser muito circunspecto nas obras, palavras e nos pensamentos e afastar-se de verdade de tudo quanto possa ter alguma semelhança de mundano e a mostrar em suas obras e costumes aos olhos de Deus, o que diante dos olhos dos homens representa o hábito: *envolvido de luz como de um manto (Sl CIII, 2);* porque está escrito: *feliz o que vela e guarda seus vestidos, para não andar desnudo e que não vejam sua torpeza (Ap XVI, 16).*

Digne-se no-lo conceder Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo. Vive e reina, Deus Bendito e Glorioso por todos os séculos dos séculos. Amém.

/



†

Carta de Sao Cirilo

III Geral Latino dos Carmelitas

Escrita em Latim até 1230

/

Capítulo I

Liber Institutionis Primum Monachorum



Da Regra ou norma de vida que observaram os monges desta religião no Antigo Testamento e no Novo até o ano de Cristo de 412 e logo até 617

Os varões que antigamente abraçaram esta Ordem religiosa estudavam nas Sagradas Escrituras como em ameno jardim, o espírito e história de seu fundador e na Divina Escritura encontravam os admiráveis exemplos de seus fundadores, que eles se propunham imitar, recomendados pelos Profetas e louvados com abundantes sentenças dos Livros Santos.

Destes exemplos e sentenças tiravam os referidos monges abundante doutrina de espiritual sabedoria, com a qual alimentavam seu espírito como com maduros e copiosos manjares.

+ + +

Nos tempos dos Imperadores Arcádio e Honório (395-408), teve no Monte Carmelo por Pai os religiosos, um varão de extraordinária virtude e perfeição, chamado João, que com seu exemplo e doutrina, punha em todos os demais monges seus companheiros, ânsias e desejos de alcançar a perfeição segundo o ensinamento profético de vida monástica estabelecida pelo Profeta Elias.

João explicava o espírito e modo da vida monástica com muitas sentenças tiradas do Antigo como do Novo Testamento e também de alguns Tratados escritos pelos que haviam anteriormente vivido este gênero de vida.

Mais tarde, por sua grande santidade, foi nomeado Bispo de Jerusalém, sendo o 44 Bispo que sucedeu naquela sede o Apóstolo São Tiago.

Um monge deste monte e desta Ordem, chamado Caprásio, discípulo de João, lhe instou com humildade a que tivesse a bondade de escrever brevemente em um Livro dedicado a ele e a seus irmãos, o que tantas vezes lhes havia ensinado sobre o princípio e espírito desta religião, sobre seus primeiros fundadores e o modo especial de conseguir a perfeição à imitação dos fundadores para que em um só livro o encontrassem tudo ordenado, sem que tivessem que revolver muitos livros para encontrá-los.



Vendo João que as ocupações do novo officio lhe impediam de ter sua residência por muito tempo no Monte Carmelo, pôs por obra o que Caprásio lhe havia supplicado com instância.

Escreveu, pois, para Caprásio um livro sobre o princípio e fundação de nossa Ordem com expressões e letras gregas, que eram as usadas naquele tempo na Terra Santa. Neste livro, escreveu João com muita ordem e estilo compendioso e claro, o princípio da fundação de nossa religião e a dignidade e santidade de seus fundadores, as preclaras virtudes e a forma do hábito exterior dos antigos e primitivos monges para que os sucessores, vendo no livro o princípio e espírito de sua Ordem como em monástica um limpo espelho, se esforçassem em observar com toda diligência a vida santa e imitassem com o maior cuidado os exemplares costumes desses seus Padres.

O mesmo João entregou no tempo do Imperador Honório no ano de 412, o livro a seus companheiros-irmãos, os religiosos eremitas do Monte Carmelo para que lessem e observassem o que dizia. Todos que desde esse tempo têm abraçado nossa religião, se têm esforçado em alcançar a perfeição e o fim da vida solitária vivendo segundo o espírito e modo ensinado pelo Profeta Elias e que deixou João escrito em seu livro.

Estiveram vivendo esta santa vida pacificamente na Terra Santa até o tempo do Imperador Honório pelo espaço de quase duzentos anos, imitando a seus fundadores e aos antigos Padres desta Ordem.

/

Capítulo II



Da devastação da Terra Santa e da grande perseguição de Cósroas Rei dos Persas e de Omar, Rei dos Sarracenos. Da mudança da Capa branca

Até o ano 617 de Cristo o sacrílego Cósroas, rei dos Persas, veio sobre Jerusalém e devastou toda a Terra Santa. Desde que começaram a vir os males sobre esta terra, foram multiplicando-se segundo o passar dos anos.

Havendo o cristianíssimo Imperador Heráclio obtido uma ressonante vitória sobre o pagão Cósroas, e com o triunfo, a recuperação da Terra Santa, voltou às terras de seu império; porém pouco depois um rei da Arábia, chamado Omar, discípulo do pérfido Maomé e seu terceiro sucessor no governo do reino, veio com um numeroso exército de sarracenos sobre a Terra Santa e a subjugou toda no ano 639 de Cristo, tomou também a cidade Santa de Jerusalém e a uns cristãos desta nação matou, a outros arrastou à sua pérfida religião e aos restantes, se não os fez apostatar os sujeitou a seu domínio.

Os sarracenos achavam muito ruim que nossos religiosos andassem sempre vestidos de branco, enquanto que entre eles só usavam vestido branco exterior os sátrapas (Sultãs); por esta razão proibiram aos religiosos usarem a capa branca e os religiosos unanimemente concordaram em vestir a capa barrada.

Esta capa, como já conheces, consta de sete franjas de duas cores; alternadas entre si e unidas formando uma peça, baixam perpendiculares desde o pescoço até os tornozelos; delas três estava são negras ou cinzas e quatro brancas e estão ordenadas da seguinte maneira:

Posta a capa, está aberta totalmente pela frente baixando a abertura desde o peito até os pés e as bordas desta abertura são brancas. A segunda franja do lado direito é negra e igualmente a segundo do lado esquerdo. A terceira franja do lado direito é branca e igual cor tem a do lado esquerdo. A última franja cai perpendicular no meio da capa e é negra.

Os monges antigos davam a esta capa o nome de *carpita*; mais tarde ficou o costume de chamá-la *clámide* ou manto.

Vestir esta capa significa que o reli deve levar sempre o Evangelho de Cristo por observânci. A cor branca significa que a pureza vem ao religioso que a veste, pela observância e esta cor está dividida em quatro franjas diferentes, porque o Evangelho chegou até nós escrito por quatro evangelistas cada um com seu estilo próprio. O evangelho é aquele



recipiente que viu São Pedro descer do céu à terra como um manto grande suspenso pelas quatro pontas. Nela havia de todos os quadrúpedes, dos répteis da terra e das aves do céu. Uma voz lhe falou: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Disse Pedro: De modo algum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma profana e impura. Esta voz lhe falou pela segunda vez: O que Deus purificou não chames tu de impuro. Isto se repetiu três vezes e logo a toalha foi recolhida ao céu (At X, 12-16).

Sobre isto temos que meditar que a observância do Evangelho guardada com a mortificação Deus carne e a formosura da santidade, se compara com o manto, porque ainda quando se veja que tem quatro pontas pelas quatro formas distintas de narrar dos quatro Evangelistas, como a capa tem quatro franjas brancas, mas é uma só capa, assim é só um o conjunto dos Evangelhos, pois os quatro Evangelistas, ensinam a mesma fé e a mesma doutrina: que Jesus Cristo Nosso Senhor desceu à terra e os Evangelistas o escreveram.

Neste recipiente se viram todos os animais quadrúpedes e os répteis da terra e os pássaros do Céu. *pois não permanecerá o homem que vive na opulência: ele é semelhante ao gado que se abate (Sl XLVIII, 13).* Os quadrúpedes da terra são os homens apegados ao terreno; os répteis rastejantes são os coléricos, desunidos e traidores; e os pássaros do ar são os soberbos e altaneiros. A toda esta classe de homens pecadores admite o Evangelho sempre que venham a cumpri-lo, como disse o Senhor: *pregai o Evangelho a toda criatura (Mc XVI, 15)*, e por isso o Superior da Ordem, representado em São Pedro, se lhe diz: *levanta-te, mata e come.*

O que come, introduz em seu corpo o manjar que está fora e de semelhante modo os pecadores, que estão fora do corpo da ordem monástica, entram no corpo da congregação religiosa, quando o prelado os mata com sua doutrina espiritual, e os come, ou seja: os ensina a mortificar seu corpo.

Mesmo quando Pedro respondeu: *que nunca havia comido nada de profano e imundo*, lhe disse a voz do Céu: *não chame tu de profano e imundo o que Deus purificou*, porque quando os pecadores morrem para o pecado, não os há de olhar o Superior como profanos e imundos, senão como a limpos e purificados por Deus, e muito especialmente se isso se realizou por três, quer dizer: pelas três partes da penitência que são, a contrição, a confissão e a satisfação; que é o que significam as três franjas negras e separadas entre si, na capa.



Então se recebe o vaso ou recipiente com os animais quadrúpedes, com os répteis e com as aves do Céu, porque aos pecadores que vestem esta capa, e estão arrependidos de seus pecados, não só não se lhes há de desprezar, mas também recebê-los na unidade da congregação religiosa, como aos demais que vivem o Evangelho; pois também eles entrarão no Reino dos Céus como no-lo disse o Senhor: *Fazei penitência porque está próximo o Reino dos céus (Mt III, 2).*

/

Capítulo III

Continua tratando da perseguição e da conquista de Jerusalém e de toda a Terra Santa por Godofredo de Buillón



Naquele tempo nossos monges, ainda que reduzidos a um pouco número, eram excelentes e esforçados; obrigados a deixarem as casas que tinham nas cidades e nas aldeias, continuaram vivendo sem interrupção neste Monte Carmelo e em outros desertos da Terra Santa, levando a observância da vida monástica eremítica estabelecida pelo Profeta Elias e descrita no livro de João.

Estes monges, como todos os demais fiéis cristãos desta nação, submetidos ao duro mando dos infiéis, tiveram que sofrer muitos trabalhos e desprezos dos maometanos durante 460 anos.

Na tribulação eles e todos os demais cristãos da nação, clamaram ao Senhor e por lhes tirou das angústias quando livrou pouco a pouco a Jerusalém e juntamente toda a Terra Santa dos pérfidos Sarracenos no ano de Cristo de 1099, e voltaram a estar, a religião e os fiéis cristãos debaixo do poder e domínio dos cristãos.

Então começou a estender-se no Monte Carmelo nossa religião.

Muitos piedosos peregrinos, que haviam chegado do Ocidente, atraídos pela fama de santidade deste Santo Monte e do fervor destes religiosos eremitas, que no monte viviam, renunciavam ao mundo e se lhes unia como irmãos para dedicar-se à contemplação das verdades do céu.

/

Capítulo IV

Da restauração e reformação da Ordem por Aymérico Patriarca de Antioquia e do nomeamento de São Bertoldo por Prior Geral, primeiro deste nome



Por aqueles dias era Patriarca de Antioquia e Legado da Santa Sé Apostólica um varão amável com Deus e com os homens chamado Aymérico de Malafaida, de origem lemosín, nascido em Solignac.

Estudando este varão a admirável vida dos eremitas, nossos predecessores, Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, os instruiu muito durante seu patriarcado.

Sabendo que alguns dos solitários chegados do Ocidente, menosprezavam os conselhos e avisos dos anciãos e não viviam segundo o fervor do verdadeiro ensinamento da vida eremítica, que João descreveu em seu livro, e vendo que isso sucedia principalmente, porque ignorando a língua grega não sabiam ler o livro, fez que o traduzissem ao latim.

E para sujeitar o atrevimento daqueles maus ousados, e que se conservassem asseguradas nos religiosos a vida santa e inocente dos antigos eremitas deste monte, lhes obrigou a fazerem voto de obediência.

Estabeleceu, que daí por diante, um deles estivesse à frente de todos e se lhe dessem o título de *Prior*, e cada um dos demais fizesse voto de obedecer-lhe, e o Prior se encarregasse de cuidar e governar a todos.

Já antes tinha um entre eles que estava à frente de todos, a quem em língua síria chamavam *Abad*, em latim dizemos *Pater*, em castellano *Padre* (e em português *Pai*); todos estavam sob seu governo e lhe obedeciam como a um Pai segundo estava estabelecido na Instituição; porém nunca se haviam obrigados a obedecer com voto especial, até que o mencionado Patriarca Aymérico lhes obrigou a todos pela primeira vez a que fizessem o voto de obediência.

Tinha o Patriarca um irmão nestes religiosos chamado Frei Bertoldo, que era religioso perfeito e sacerdote santo. Com o consentimento de todos nomeou a este, como primeiro Prior no ano de 1121 e lhe encarregou que cuidasse de fomentar a virtude nos demais.

Em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria fez construir um mosteiro neste Monte Carmelo; estava todo o mosteiro rodeado de uma cerca alta e era sua intenção que todos vivessem dentro desta cerca; mas o Senhor lhes levou deste mundo antes que terminasse o mosteiro.



/

Capítulo V

*São Brocardo sucessor de São Bertoldo e a Regra que lhe deu Santo
Alberto Patriarca de Jerusalém*

Com o passar dos anos morreu Frei Bertoldo, o primeiro Prior, sob cujo governo e direção haviam permanecido 45 anos. Estiveram cheios de incertezas sobre quem nomeariam seu sucessor, pois o Patriarca Aymérico morreu sem deixá-lhes nenhuma instrução especial para eleger outro Prior.

Liber Institutionis Primum Monachorum



Passado algum tempo se decidiram, por fim, a nomear por unanimidade a Frei Brocardo, varão perfeito para que lhes presidisse e todos lhe prometeram obediência e lhes governou durante 33 anos.

Durante seu governo expuseram a Alberto, Patriarca de Jerusalém, como desde o tempo em que o Patriarca Aymérico os reuniu a todos pondo-os sob o governo de um Prior e obrigando-lhes ao voto de obediência, desejavam viver dentro de um mosteiro fechado, observando a disciplina da vida religiosa eremítica estabelecida pelo Profeta Elias. Pois mesmo sabendo bem por seu Livro da Instituição, como haviam de procurar a perfeição e o fim da vida monástica, vivendo separadamente e cada um por si, como agora se propunham encerrar-se no Carmelo, dentro de um mosteiro fechado, e deste modo nunca haviam vivido, antes de encerrar-se suplicaram instantemente ao dito Patriarca que lhes desse umas regras necessárias para viverem a vida monástica e que eles apresentavam, para que lhes servisse de norma certa, já que para sempre haveriam de guardar.

A primeira regra era como haviam daí para frente escolher o Prior para seu cargo, a quem todos tinham que prometer obediência.

A segunda, que lhe descrevesse a disposição que havia de ter os edifícios que construísem de modo que ficassem aptos e convenientes para observarem a vida solitária e como deviam conviver uns com os outros.

A terceira, que salmos deviam recitar sobre tudo em cada hora canônica, e como deviam dizer as horas os Donatos.

A quarta, se os que viviam dentro do mosteiro podiam ter algo próprio, ao menos em comum, e como deveriam distribuir os bens que lhes viessem no futuro.

A quinta, em que parte do edifício seria mais conveniente situar o oratório.

A sexta, quando se visse que algum religioso houvesse cometido alguma falta, se podiam eles corrigi-lo e de que modo o fariam.

A sétima, quanto tempo deveriam jejuar durante o ano, e quando deviam abster-se de comer carnes, e quando lhes era permitido comê-las.

A oitava, com que armas deviam especialmente preparar-se o melhor possível para lutarem contra o demônio.

A nona, se lhes era permitido trabalhar corporalmente com suas mãos ou deviam abster-se por completo do trabalho corporal.

A décima, em que horas do dia deviam principalmente guardar o silêncio e quando lhes seria permitido falar.



Pois ainda quando nos demais tinham instruções claras e precisas, sobre estes dez pontos, tinham dúvidas e havia diversos pareceres e não lhes era possível resolver e precisá-los pelas instruções que tinham.

O dito Patriarca Alberto, leu primeiro a Instituição antiga como está no livro de João, e certificado que não se podia precisar com ela nenhum destes dez pontos, cedeu à súplica que com humildade lhe faziam e no ano do Senhor de 1199 lhes deu uma regra clara e precisa sobre estes dez pontos, regra que estabelecia dez mandatos, e segundo ela deviam viver; estava escrita em língua latina e devia ser agora a regra perpétua que deveriam observar todos os sucessores para sempre.

Desde esse mesmo ano lhes obrigou a edificar um mosteiro neste Monte Carmelo junto à fonte do Profeta Elias, e lhes mandou incluir dentro dos muros e levantar de novo a Capela que em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus haviam construído seus antecessores depois da Ascensão de Cristo.

O mesmo Patriarca Alberto juntou todos os que viviam distantes nas covas, quartos ou celas dispersos pelo Monte Carmelo, e lhes mandou viverem fechados no dito mosteiro para que levassem a observância da vida religiosa solitária do mesmo modo que a haviam estabelecido o Profeta Elias, e que vivessem no mosteiro segundo a regra que agora novamente lhes havia escrito ele mesmo, regra que aqui copio como é.

/

(Seguia a Regra)

Índice

Apresentação desta Tradução.....	5
Introdução à Tradução do Latim ao Castellano.....	7
Argumento da Regra e Instituição de João.....	11
Capítulo I. – Razão do Livro, nascimento do Profeta Elias, onde viveu primeiro.....	12
Capítulo II. – Elias o primeiro monge, institui a vida monástica por inspiração de Deus. Do retiro de Elias no deserto. Do duplo fim da vida eremítica e da renúncia dos bens terrenos.....	14



Capítulo III. – Do primeiro grau da perfeição monástica, ou seja: da renúncia de bens e do afastamento da pátria e da família.....	17
Capítulo IV. – Segundo grau da perfeição monástica. Da renúncia da própria vontade e de sujeitar as inclinações da carne.....	19
Capítulo V. – Terceiro grau da perfeição monástica, ou seja: da castidade e da solidão em que deve viver o monge.....	22
Capítulo VI. – Quarto grau da perfeição monástica. Da caridade perfeita e da fuga dos vícios.....	25
Capítulo VII. – O caminho para os religiosos alcançarem a perfeita caridade é a pobreza, a castidade, a obediência e fugir de quanto esfria o amor.....	29
Capítulo VIII. – Remédios para perseverar humilde na perfeição da vida eremítica.....	34
Capítulo IX. – Santo Elias alcançou a perfeição da vida eremítica pela renúncia dos bens, pela pureza da castidade e pela negação da própria vontade.....	38
Capítulo X. – Vivendo Elias na Torrente de Carit, tomou os primeiro discípulos, Filhos dos Profetas, para formá-los na vida monástica. Seu nome de Profetas.....	43
Capítulo XI. – Em que tempo começou Elias no Monte Carmelo os primeiros fundamentos da profissão monástica e porque eles se chamaram Filhos dos Profetas.....	47
Capítulo XII. – Dos discípulos de Elias. Do primeiro que foi Jonas Profeta.....	49
Capítulo XIII. – Do chamamento do Profeta Eliseu, principal discípulo de Elias.....	51
Capítulo XIV. – De Miquéias, Profeta, discípulo de Elias.....	53
Capítulo XV. – Abdias, Profeta, discípulo de Elias.....	55



Capítulo XVI. – Elias foi para seus discípulos o modelo da vida monástica, com seus atos e suas palavras. Dele procede a origem da vida monástica.....	56
Capítulo XVII. – Se explica porque os monges sucessores de Elias se chamam Carmelitas e não Caritas.....	58
Capítulo XVIII. – O Senhor aparece a Elias no Monte Horeb e lhe manda que volte a Israel.....	60
Capítulo XIX. – Elias escolhe o Monte Carmelo para viver ele e seus discípulos. – Se reúnem em um oratório para cantar juntos os louvores de Divinos.....	64
Capítulo XX. – Porque preferiu Elias o Monte Carmelo a outros montes.....	66
Capítulo XXI. – No Antigo e no Novo Testamento muitos Padres desta religião viveram no Monte Carmelo, à imitação de Elias, guardando a justiça, o retiro e o silêncio.....	69
Capítulo XXII. – Porque Elias e Eliseu fundaram nas cidades os grupos dos Filhos dos Profetas, a qual depois de uma primeira formação sobre vida monástica faziam sua profissão.....	72
Capítulo XXIII. – Elias é arrebatado ao Céu e Eliseu lhe sucede no espírito de profecia e no ofício de superior.....	75
Capítulo XXIV. – O Profeta Eliseu visita os conventos dos Profetas e ressuscita um morto.....	78
Capítulo XXV. – Eliseu instruiu aos recabitas na vida monástica e alguns milagres que fez.....	81
Capítulo XXVI. – Os monges Carmelitas, pela misericórdia de Deus, se viram livres do cativoiro o povo judeu.....	84
Capítulo XXVII. – Os recabitas não foram levados a Babilônia junto com o povo judaico.....	87



Capítulo XXVIII. – Os monges Carmelitas Cristãos são da mesma religião que os monges fundados por Santo Elias no Carmelo na Lei Antiga.....	89
Capítulo XXIX. – João Batista foi verdadeiro imitador de Elias. Batizou aos Filhos dos Profetas sucessores de Elias e os instruiu para que recebessem a fé em Cristo.....	91
Capítulo XXX. – Os Carmelitas se converteram à fé em Cristo em Jerusalém depois da Ascensão e foram batizados com o Batismo de Cristo.....	94
Capítulo XXXI. – Os Carmelitas vendo os milagres dos Apóstolos se fortaleceram nem fé e se fizeram seus coadjutores.....	97
Capítulo XXXII. – Os Carmelitas com a Luz do Evangelho compreenderam melhor alguns mistérios que lhes havia comunicado o Profeta Elias.....	100
Capítulo XXXIII. – Que mostrou Deus a Elias na nuvenzinha.....	102
Capítulo XXXIV. – Prossegue a explicação da nuvenzinha, aplicando-a à Virgem.....	104
Capítulo XXXV. – Prossegue explicando mais amplamente esta visão de Elias.....	106
Capítulo XXXVI. – Porque se chamaram os Carmelitas Irmãos da Virgem. Do Oratório que em sua honra construíram no Monte Carmelo.....	109
Capítulo XXXVII. – Do Hábito dos monges Carmelitas e o primeiro da correia e de seu significado.....	112
Capítulo XXXVIII. – A Melota, antigo vestido destes monges e seu significado.....	114
Capítulo XXXIX. – Do superumeral ou Escapulário e de seu significado.....	116
Capítulo XL. – A Capa branca que levam à imitação de Elias e seu significado.....	118
Capítulo XLI. – O Báculo e seu significado.....	120



Carta de São

Cirilo.....122

Capítulo I. – Da Regra ou norma de vida que observaram os monges desta religião no Antigo Testamento e no Novo até o ano de Cristo de 412 e logo até 617.....123

Capítulo II. – Da devastação da Terra Santa e da grande perseguição de Cósroas Rei dos Persas e de Omar, Rei dos Sarracenos. Da mudança da Capa branca.....125

Capítulo III. – Continua tratando da perseguição e da conquista de Jerusalém e de toda a Terra Santa por Godofredo de Buillón.....128

Capítulo IV. – Da restauração e re formação da Ordem por Aymérico Patriarca de Antioquia e do nomeamento de São Bertoldo por Prior Geral, primeiro deste nome.....129

Capítulo V. – São Brocardo sucessor de São Bertoldo e a Regra que lhe deu Santo Alberto Patriarca de Jerusalém.....131

/